**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL SUL-CATARINENSE:
HISTÓRIA E TERRITÓRIO**

Rafael Guedes Milheira

**Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia, do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em
Arqueologia.**

Orientador: Prof. Dr. Paulo DeBlasis

Linha de Pesquisa: Espaço e Organização Social

São Paulo, julho de 2010

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas devem ser lembradas no momento do fechamento de uma tese, sobretudo quando o trabalho, como em nosso caso, abrange muitas atividades de campo e laboratório, os quais, sabidamente são impossíveis de serem desenvolvidos sozinhos. O trabalho de arqueologia, diferente de outras áreas do conhecimento, se caracteriza por um grande esforço coletivo de profissionais de várias ciências, de diferentes níveis acadêmicos e com distintos interesses. Lembrar estes profissionais que auxiliaram no desenvolvimento desta tese, antes de prestar uma homenagem a cada um deles, é antes disso, uma atitude de valorizar a coletividade acadêmica e a parceria intelectual. É também valorizar as amizades, o coleguismo e o respeito mútuo entre os pesquisadores deste projeto que sempre foi um dos pilares da nossa pesquisa. Cito aqui o grupo de pesquisadores do projeto Sambaquis e Paisagem e todos aqueles que contribuíram positivamente de alguma forma para o desenvolvimento desta tese, sobre os quais posso dizer que *galera igual tá difícil!*

Primeiramente gostaria muito de agradecer ao meu orientador, o Prof. Dr. Paulo De Blasis pelas grandes conversas, muitas vezes intermináveis e sempre muito produtivas. O aprendizado que obtive com o Paulé com certeza levarei pelo resto de minha vida acadêmica e pretendo um dia poder contribuir na vida dos meus alunos no mesmo nível que este grande arqueólogo contribuiu na minha. Valeu Paulé!

Outra pessoa que devo agradecer imensamente é a Profa. Dra. Deisi Farias, que coordena uma excelente equipe de jovens pesquisadores no GRUPEP-UNISUL. Desde o momento que iniciamos a pensar o projeto a Deisi foi a primeira a apoiar, colocando-se à disposição e abrindo as portas de seu centro de pesquisas. Espero um dia também poder retribuir essa ajuda toda.

Meus colegas do projeto Sambaquis e Paisagem foram fundamentais para o desenvolvimento das atividades, sobretudo nas etapas de campo. Com essa galera, além de muito trabalho físico e mental, discussões científicas de alto nível, com certeza tivemos ótimos momentos de muita risada e distração, tão importantes no fim do dia pesado em campo.

Danilo Assunção, grande amigo e a certeza de um bom dia de trabalho. Tiago Atorre, o cara das datações, da estatística, um grande colega sempre disposto a ajudar. Bah, que figura, grande amigo! Rafael Brandi (grande Íta), o cara dos mapas, do SIG, outro grande amigo que ganho com a arqueologia. Rafael Corteletti, outro figuraça, grande amigo sempre disposto a contribuir e discutir resultados. Valeu Rafa! Entre as mulheres do projeto destaco a participação da Tânia Ferraz, Fabiana Belém, Ximena Villagran e Tatiane de Souza. Não poderia deixar de agradecer ao membro efetivo mais antigo do projeto, o seu Ari da Garopaba do Sul.

Ao pessoal do GRUPEP-UNISUL mando um abraço especial ao colega Raul Novasco, Luana Alves e Emanuely Silva pelo grande auxílio em campo, bem como com mapas e análise das coleções cerâmicas, sem os quais esta tese não teria sido terminada. Muito obrigado pessoal!

Agradeço também aos colegas e amigos que participaram de atividades de campo e laboratório, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço aos colegas Eduardo Bespalez, Gilson Laone, Fábio Guaraldo, Melander Filho, Alexandre Herig, Edenir Perin, Daniela Claudino, Tiago Torquato, Valdir Novello e Gilson Lemos Schulz.

Aos profissionais da secretaria e da biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Outra pessoa que devem ser lembrada, que mesmo não tendo participado diretamente da tese foi importante como colega e como exemplo de profissional, o Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira, que sempre me apoiou em todas as etapas de minha formação acadêmica, orientando-me desde a graduação. Agradeço também aos colegas do LEPAARQ-UFPel que apoiaram nas atividades de campo e laboratório, estando sempre dispostos: Rafaela Ramos, Anderson Marques Garcia, Priscilla Ulguim e Aluisio Alves.

Agradeço também à minha família. Meu irmão Marcelo, minha mãe e minha avó. Barbara, Janete, Sandro, Débora e todo resto do pessoal lá de casa.

Por fim, à Raquel Menezes Vaz dedico um agradecimento mais que especial. Minha esposa e companheira que auxiliou no dia-a-dia e até mesmo em várias atividades de campo. Uma grande inspiração pela sua dedicação e paciência, companheirismo e amor.

RESUMO

Esta tese buscou a composição de um modelo regional de ocupação Guarani no litoral de Jaguaruna, sul de Santa Catarina, em vias de entender os processos histórico-culturais que compõem o sistema de assentamento. Através de uma abordagem intra/inter-sítio articulamos questões que envolvem os espaços habitacionais e problemas regionais que engloba diferentes estratégias de assentamento dos grupos Guarani na paisagem e a articulação entre as diferentes áreas de assentamento. Com isto, é possível abordar discussões sobre a organização social, economia regional, função de sítio, território e estratégias de assentamento. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa envolve a articulação de dados arqueológicos, etnohistóricos e etnográficos sobre as ocupações Guarani no período pré e pós colonial, assim como trabalhos exaustivos de caracterização tipológica dos vestígios materiais. Neste sentido, buscamos uma arqueologia Guarani que articula diferentes fontes para compor uma narrativa sobre a história e a organização social em diferentes escalas culturais. Inferimos também sobre os aspectos de abandono do território de domínio Guarani, fator causado, em parte, pelas ações de violência, escravidão e etnocídio indígena, fatos estes comumente descritos na literatura histórica do Brasil colonial. Por fim, apresentamos uma discussão sobre processos de expansão territorial da cultura Guarani em diferentes vias de acesso da serra ao litoral sul do Brasil.

ABSTRACT

This Thesis seeks the composition of a Guarani regional occupation model at the Jaguaruna boarder, southern of Santa Catarina, for comprehend the historic-cultural process that compound the settlement system. Through an intra/inter site approach, we articulated questions that involve the household spaces and regional problems that encompass different strategies of the Guarani occupation on the landscape and the articulation among the different settlement areas. On this way, it's possible to approach discussions about the social organization, regional economy, site function, territory and settlement strategies. From a methodological point of view, the research involves the archaeological, ethnohistorical and ethnographical articulation about the Guarani occupation during the pre and post colonial period, as an exhausting work for the typological characterization of the archaeological remains. Considering this, we seek a Guarani archaeology that joint different sources to compound a narrative about the history and regional occupation in different cultural scales. We also inferred about the

abandonment aspects of the Guarani territory dominium, which would have be caused, in part, due to the violence actions, slavery and indigenous ethnocide, facts that are commonly described in the historical colonial Brazilian literature. Finally, we aim to think about the territorial expansion processes of the Guarani culture in different ways, especially from the mountain range side to the southern coast side of Brazil.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1. Revisão Bibliográfica.....	13
1.1. Breve histórico das pesquisas arqueológicas no Estado de Santa Catarina.....	13
1.2. As pesquisas em sítios Guaraní no litoral sul de Santa Catarina.....	14
2. Metodologia de pesquisa.....	19
2.1. Reconhecimento geral da área de pesquisa.....	22
2.2. O ambiente da pesquisa.....	24
2.3. Levantamento arqueológico da Área Piloto.....	26
2.3.1. Levantamento Intensivo: Prospecção da Estrada Geral do Camacho.....	27
2.3.2. Levantamento extensivo no restante da Área Piloto.....	36
2.4. Arqueografia: escavação das aldeias Guaraní.....	37
2.4.1. Sítio Riacho dos Franciscos I.....	38
2.4.2. Sítio Morro Bonito I.....	49
2.4.3. Sítio Sibelco.....	62
2.4.4. Sítio Laranjal I.....	71
2.4.5. Sítio Morro Bonito II.....	81
2.4.6. Sítio Morro Bonito III.....	88
2.4.7. Sítio Arroio Corrente V.....	92
2.4.8. Sítio Olho D'água I.....	97
3. Análise tecno-tipológica das coleções cerâmicas.....	107
3.1. Analisando as coleções em busca de padrões: sistematização dos dados.....	114
4. Propondo uma história regional Guaraní. Da ocupação à desocupação do litoral de Jaguaruna.....	129
4.1. Chegando na praia e dominando o espaço.....	132
4.2. Pensando o modo de organização do território Guaraní.....	142
4.3. Indo embora da praia. Práticas de abandono e indicadores de violência e etnocídio.....	161
4.4. Nessa longa estrada da vida, vou correndo e não posso parar!.....	172
5. Conclusão.....	179
Bibliografia.....	184

LISTA DE ANEXOS

- Anexo 01.** Mapa publicado por Rohr (1969)
- Anexo 02.** Imagem de satélite com a delimitação da Área Piloto da pesquisa e a localização dos sítios Guarani identificados
- Anexo 03.** Mapa com base pedológica com a localização dos sítios Guarani identificados na Área Piloto da pesquisa
- Anexo 04.** Mapa com a plotagem sobre base cartográfica do IBGE da rodovia SC-487 e localização dos sítios arqueológicos.
- Anexo 05:** Gráfico de datações dos sítios Guarani escavados na Área Piloto da pesquisa e datações dos sítios arqueológicos sambaquieiros e concheiros Jê da região da Paleolaguna de Santa Marta
- Anexo 06:** Croqui de implantação do sítio Riacho dos Franciscos I
- Anexo 07:** Topografia do sítio Riacho dos Franciscos I
- Anexo 08:** Croqui de implantação do sítio Morro Bonito I
- Anexo 09:** Topografia do sítio Morro Bonito I
- Anexo 10:** Croqui de implantação do sítio Sibelco
- Anexo 11:** Topografia do sítio Sibelco
- Anexo 12:** Croqui de implantação do sítio Laranjal I
- Anexo 13:** Topografia do sítio Laranjal I
- Anexo 14:** Croqui de implantação do sítio Morro Bonito II
- Anexo 15:** Topografia do sítio Morro Bonito II
- Anexo 16:** Croqui de implantação do sítio Morro Bonito III
- Anexo 17:** Topografia do sítio Morro Bonito III
- Anexo 18:** Croqui de implantação do sítio Arroio Corrente V
- Anexo 19:** Croqui de implantação do sítio Olho D'água I
- Anexo 20:** Croqui de implantação do sítio Laranjal II
- Anexo 21:** Prancha de projeções de bordas e tipos decorativos do sítio Arroio Corrente V
- Anexo 22:** Prancha de projeções de bordas do sítio Morro Bonito I
- Anexo 23:** Prancha de cerâmicas com tipos decorativos do sítio Morro Bonito I
- Anexo 24:** Prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *ñaetá* (caçarolas) do sítio Morro Bonito II.
- Anexo 25:** Prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *yapepó* (panelas) do sítio Morro Bonito II.
- Anexo 26:** Prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *Cambuchí Guaçú* (talhas) do sítio Morro Bonito II.
- Anexo 27:** Prancha de bordas de vasilhas do tipo *Cambuchí Caguãbá* (tigelas) do sítio Morro Bonito II.
- Anexo 28:** Prancha de cerâmicas com tipos decorativos do sítio Morro Bonito II

Anexo 29: Imagem de satélite da região do município de Pelotas-RS com a localização dos sítios Guarani na Serra do Sudeste e margem sudoeste da Laguna dos Patos. Adaptado de Milheira (2008)

Anexo 30: Mapa da região dos Lagos-RJ com a localização dos sítios sambaquieiros, Jê (Goitacá) e Tupi (Tupinambá). Adaptado de Gaspar et al. (2007)

Anexo 31: Tabela de sítios arqueológicos identificados na Área Piloto da pesquisa

Introdução

A pesquisa **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território** tem como orientador o Prof. Dr. Paulo DeBlasis e conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) através de uma bolsa de doutorado. Além do apoio institucional e financeiro da FAPESP, a pesquisa ainda conta com a parceria científica e institucional do Grupo de Pesquisas em Educação Patrimonial e Arqueologia (GRUPEP–Arqueologia), da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL/Campus Tubarão), sob coordenação da Profa. Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias. Outro suporte à pesquisa se dá através do Projeto de Mapeamento Arqueológico de sítios ceramistas nas Regiões da Paleolaguna de Santa Marta e do Alto Rio Canoas, Sul de Santa Catarina, suportado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenado também pelo Prof. Dr. Paulo De Blasis.

Nossa pesquisa se desenvolve no âmbito do projeto Sambaquis e Paisagem, que vem sendo desenvolvido desde o ano de 1999 através da coordenação central do Prof. Dr. Paulo DeBlais juntamente a um time de pesquisadores envolvidos no estudo das sociedades sambaquieiras do litoral sul de Santa Catarina. Após mais de dez anos de pesquisa, muitos foram os avanços no entendimento dos aspectos sociológicos e culturais das sociedades sambaquieiras, muitas perguntas e repostas foram elaboradas nesta pesquisa, sempre com o foco sobre os concheiros. Temos aproximadamente 180 datações em sambaquis com diferentes métodos absolutos, um grande levantamento de sítios arqueológicos, intervenções em variadas escalas e um panorama de ocupação regional bastante consistente, que aponta uma história de ocupação sambaquieira de longa duração, desde 7500 AP até aproximadamente 1400AP (DeBlasis et al 2007, Assunção 2010).

O presente trabalho busca uma ampliação de olhares para a arqueologia regional, desfocando das sociedades sambaquieiras e vislumbrando o patrimônio arqueológico Guarani, de alto potencial para pesquisas científicas, mas muito pouco explorado até então. Ao longo das pesquisas sobre os concheiros, muitos foram os relatos de sítios Guarani (as suas antigas aldeias e acampamentos), que corroboram as publicações de arqueólogos como Pe. Rohr (1984, 1969), o qual já enfatizava anos atrás o vasto potencial de pesquisa dos sítios Guarani para a região. Pois foi com essa questão em mente que iniciamos as pesquisas, buscando uma ampliação do escopo do projeto Sambaquis e Paisagem no intuito de avançar sobre o ambiente litorâneo de Jaguaruna numa perspectiva regional mais ampla.

Busca-se através desta pesquisa a compreensão do padrão regional de ocupação Guarani no litoral do município de Jaguaruna, sul de Santa Catarina, em vias de entender os processos histórico-culturais que constituem o sistema de assentamento. Através de uma abordagem intra/inter-sítio podemos articular questões que envolvem os espaços habitacionais dos sítios e problemas regionais que envolvem as diferentes estratégias de assentamento dos grupos Guarani na paisagem e a articulação entre as diferentes áreas de assentamento. Com isto, será possível abordar discussões sobre a organização social, economia regional, função de sítio, território e estratégias de assentamento. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa envolve a articulação de dados arqueológicos, etnohistóricos e etnográficos sobre as ocupações Guarani no período pré e pós colonial, assim como trabalhos exaustivos de caracterização tipológica dos vestígios materiais. Neste sentido, buscamos uma arqueologia Guarani que articula dados de diferentes fontes para então abordar questões sobre a história e a organização social em diferentes escalas culturais.

O trabalho efetivo nos sítios arqueológicos iniciou-se no verão de 2008, quando foi realizado um trabalho de arqueologia em obra de engenharia para o capeamento asfáltico da rodovia SC-487, Estrada Geral do Camacho, trecho Barra do Camacho/Jaguaruna. Esta estrada localiza-se no município de Jaguaruna, seguindo na direção leste, cortando os bairros residenciais do Morro Bonito, Riacho dos Franciscos, Garopaba do Sul e Camacho, até alcançar a ponte sobre a Barra do Camacho que liga a lagoa de mesmo nome ao mar. Neste acompanhamento, coordenado pela Profa. Dra. Deisi Farias e Prof. Dr. Paulo DeBlasis, foram realizados trabalhos de prospecções para identificação de sítios arqueológicos, numa faixa que se estende ao longo da estrada até 250 metros para cada lado da mesma. Junto ao trabalho de prospecção que visou à identificação, mapeamento e registro de sítios arqueológicos foram realizados trabalhos de escavação de diversos sítios localizados ao longo da estrada, tanto sambaquis, como sítios Guarani e sítios históricos.

Como já apontado por Caldarelli & Santos (1999-2000), trabalhos desta natureza se caracterizam por atender as exigências da legislação relativa às questões ambientais e patrimoniais que regula as práticas de licenciamento no Brasil. É comum que nas atividades de licenciamento, a área de intervenção não seja escolhida pelo arqueólogo, sendo imposta pelos objetivos da obra de engenharia a ser construída, fator este, além de outros, que diferenciam a arqueologia realizada em obras de engenharia da arqueologia acadêmica. Porém, neste caso, a área de impacto da obra de engenharia coincidentemente veio a ser a mesma área de interesse direto da pesquisa acadêmica. Na medida em que

desde o ano de 1999 vem sendo desenvolvido o projeto Sambaquis e Paisagem, vários foram os sítios arqueológicos mapeados neste trecho que sofreram alguma intervenção arqueológica. Trata-se de sambaquis da região, entre eles o grande sambaqui da Garopaba do Sul, os quais foram alvos de intervenções arqueológicas em diferentes momentos da pesquisa. Além dos sambaquis, vários sítios Guarani já eram conhecidos pelas publicações de Rohr (1969, 1984), chamando atenção para uma concentração interessante de sítios arqueológicos a serem explorados cientificamente. Casando os interesses da pesquisa acadêmica com o financiamento e as exigências do trabalho de licenciamento, foi possível iniciar as atividades de prospecções arqueológicas na região e escavação nos sítios identificados. Através destas atividades partimos a uma etapa de intervenções sistemáticas nos sítios arqueológicos Guarani em busca de reconhecimento de suas características composicionais básicas que nos permita compor um modelo explicativo para o processo de ocupação regional e suas particularidades históricas.

Além da simbiose entre a pesquisa acadêmica e a obra de engenharia, a pesquisa foi continuada com prospecções em busca da identificação e mapeamento dos sítios arqueológicos publicados por Rohr (1969, 1984). Através de levantamento extensivo foram re-localizados dezenas de sítios Guarani, tanto aqueles indicados nas pesquisas de Rohr, como novos sítios arqueológicos ainda desconhecidos até então. Num segundo momento da pesquisa, realizamos intervenções arqueológicas em alguns destes sítios no intuito de compreender suas características básicas de composição, assim como para coletar amostras para datação. Com isto, buscamos empiricamente trazer à tona informações sobre alguns sítios arqueológicos (aldeias e acampamentos) que compõe o sistema de assentamento regional Guarani, o que foi complementado também pelas análises das coleções cerâmicas coletadas através das intervenções realizadas.

O corpo da tese foi desenvolvido da seguinte forma. No primeiro capítulo apresentamos uma revisão bibliográfica com um breve histórico das pesquisas arqueológicas no Estado de Santa Catarina, desde o século XIX até a atualidade. Buscamos com esta revisão, compreender o estado da arte da arqueologia regional, enfatizando as pesquisas em sítios Guarani no litoral sul de Santa Catarina. Com isto, pudemos mapear os caminhos teóricos percorridos pelos arqueólogos desde o princípio das pesquisas na região, percebendo o nível de cada discussão e os interesses dos pesquisadores.

No segundo capítulo explicitamos os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, que envolveu, inicialmente, uma simbiose bastante frutífera entre os interesses científicos da arqueologia e a obra de engenharia de capeamento asfáltico da rodovia SC-487, a qual teve ampla repercussão social dada sua importância econômica

para a região. Para o desenvolvimento da pesquisa nos baseamos em Redman (1973), cuja proposta metodológica envolve uma programação em diferentes etapas: reconhecimento geral da área de pesquisa, levantamento arqueológico extensivo e intensivo, escavação e intervenções arqueológicas e análises de laboratório das coleções exumadas em campo. Desenvolvemos a arqueografia dos sítios Riacho dos Franciscos I, Morro Bonito I, Sibelco, Laranjal I, Morro Bonito II, Morro Bonito III, Arroio Corrente V, Olho D'água I, Laranjal II, apresentando métodos de intervenção, suas características composicionais, datações e discussões específicas.

No terceiro capítulo apresentamos as análises realizadas nas coleções cerâmicas dos sítios Riacho dos Franciscos I, Morro Bonito I, Sibelco, Laranjal I, Morro Bonito II e Arroio Corrente V. Buscamos caracterizar tecno-tipologicamente as coleções, para evidenciar os padrões tecnológicos da cerâmica nestes distintos sítios arqueológicos da região de pesquisa.

No quarto capítulo tecemos uma discussão geral compondo um modelo de ocupação regional dos grupos Guarani desde sua chegada na região do litoral de Jaguaruna. Pensamos quando e como teria iniciado este processo, levando em consideração os atrativos ambientais e um certo “vazio” demográfico regional que propiciou uma ocupação do ambiente com uma dinâmica bastante rápida. Numa perspectiva sistêmica de ocupação regional, os sítios aldeia e acampamento caracterizam um sistema funcional de dominação e socialização do território, espaços estes entendidos como marcas na paisagem que denotam história territorial Guarani. Pensamos o processo de abandono das aldeias e do território de domínio como um todo, em que contribuíram para este abandono regional as ações da colonização européia, com suas práticas de violência, assassinio, usurpação de terras e disseminação de doenças contagiosas, dirimindo a sociedade Guarani até um declínio demográfico acentuado e obrigando as práticas de abandono rápido e não-planejado das suas terras. Por fim, coube ainda uma reflexão sobre a questão do processos de expansão das sociedades Guarani para o litoral sul do Brasil, processo este que parece ter se dado por diferentes vias de acesso e de forma concomitante em vários locais.

As conclusões de nosso trabalho apontam problemas de pesquisa futuros para outros pesquisadores que venham a contribuir para a história indígena regional. Optamos em, ao invés de fechar a narrativa arqueológica proposta no modelo de ocupação regional, apresentar lacunas de nossa pesquisa, contribuindo, desta forma, para orientações de novas pesquisas sobre a ocupação Guarani na região estudada.

1. Revisão bibliográfica

1.1. Breve histórico das pesquisas arqueológicas no Estado de Santa Catarina

Não cabe aqui e nem é o objetivo da pesquisa um estudo detalhado sobre o histórico das pesquisas no Estado de Santa Catarina. Apenas buscamos apresentar o estado da arte, por assim dizer, da quantidade e profundidade temporal das pesquisas em arqueologia de modo que possamos enquadrar nosso trabalho num contexto científico mais amplo. Além disso, esta tarefa historicista já foi realizada com muito mais propriedade por outros pesquisadores, os quais podem ser facilmente consultados, conforme o interesse do leitor (Piazza & Prous 1977, Lavina & Caldarelli 1999, Lavina 2000, Bandeira 2004).

As pesquisas arqueológicas no litoral de Santa Catarina iniciaram ainda no século XIX. De acordo com Piazza & Prous (1977), os primeiros trabalhos que se tem notícia são os do Conde de Hure, que em 1864 fez trabalhos em sambaquis da região de São Francisco do Sul. Mais tarde, Charles Wiener, enviado pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro estuda os sambaquis da Ilha de Santa Catarina e do vale do Itajaiaçu, publicando um trabalho intitulado “Estudo sobre os sambaquis do sul do Brasil”. No ano de 1884, Fritz Müller estuda diversos sambaquis situados na Armação da Piedade, nas proximidades do norte da Ilha de Santa Catarina.

Na primeira década do século XX, o doutor Jorge Clark Bleyer inicia pesquisas no planalto meridional, mais especificamente em grutas do interior. Através destes trabalhos consegue montar uma vasta coleção de vestígios ósseos humanos que serviu de base para seu trabalho mais tarde publicado: “Contribuição para o estudo dos trogloditas das cavernas no planalto do Brasil” (1918-19). Após 1910, o doutor Luiz Antônio Ferreira Gualberto realizou pesquisas nos sambaquis de São Francisco do Sul, enquanto que, na mesma época, sítios de arte rupestre no litoral foram registrados e descritos por Lucas Alexandre Boiteaux, um oficial da marinha brasileira. Em 1928, Sílvio Frois de Abreu estudou e descreveu sambaquis de Imbituba e de Laguna e dez anos mais tarde, Othon Henry Leonardos fez uma série de observações sobre a costa catarinense, trazendo discussões sobre os “*Concheiros naturais e sambaquis*”.

Ainda de acordo com Piazza & Prous (1977), após 1948 as pesquisas arqueológicas tomaram um novo rumo em função dos trabalhos de João José Bigarella, formando coleções dos sambaquis de Santa Catarina e Paraná, que fazem parte do atual acervo do Museu do Sambaqui de Joinville. Na mesma época, Luiz de Castro Faria,

professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, passou a estudar diversos sambaquis, mais especialmente o sambaqui da Cabeçada, no município de Laguna, o qual já havia sido objeto de investigação pela Comissão Científica Alemã composta por Carlos Von den Stein, Peter Vogel, Paulo Ehremeich e Wilhelm Von den Stein, ainda no século XIX, cuja pesquisa envolveu outros sambaquis também da mesma região (Rocha 1887).

Ainda em 1960, o norte-americano Alan Lyle Bryan realizou um importante estudo no sambaqui de Forte Marechal Luz. A partir de 1958, várias pesquisas foram efetuadas pelo Pe. João Alfredo Rohr em sambaquis e sítios cerâmicos da Ilha de Santa Catarina, município de Laguna e região. Suas pesquisas não somente são importantes pelos resultados científicos, mas também pela sua postura preservacionista em defesa dos sambaquis da região e dos sítios cerâmicos.

Novamente após os anos 1960 temos um redirecionamento das pesquisas arqueológicas no Estado de Santa Catarina com as pesquisas do PRONAPA e de universidades locais, em conjunto com o IPHAN e Museu do Sambaqui de Joinville. No ano de 1966, Wesley Hurt iniciou pesquisas em vários sambaquis da região, trazendo um novo cabedal metodológico que visou à sistematização do registro arqueológico. Iniciou-se então um marco “profissional” da arqueologia brasileira e catarinense, em que participaram pesquisadores como Walter Piazza, Rohr, Ana Maria Beck, entre outros (Piazza & Prous 1977, Prous 1992).

1.2. As pesquisas em sítios Guarani no litoral sul de Santa Catarina

A ocupação Guarani no litoral de Jaguaruna é uma questão pouco estudada pela arqueologia. Nenhum modelo explicativo de ocupação regional mais abrangente foi proposto para o entendimento dessa área que permita discutir a peculiaridade do processo de ocupação histórica Guarani. Nada além da atividade de identificação e registro de sítios Guarani foi realizado na região de pesquisa, de forma que possamos elaborar problemas de pesquisa referenciados pela bibliografia local. Logo, a compreensão da ocupação Guarani no litoral de Jaguaruna deve ser referenciada, primeiramente, pelos estudos de arqueologia em todo litoral de Santa Catarina (Por exemplo, Eble & Schmitz 1972; Piazza 1965, 1974; Piazza & Prous 1977; Fossari et al 1987-1989; Batista da Silva et al 1990; Lavina & Caldarelli 1999, Lavina 2000, Bandeira 2004, Lino 2007). Apresentamos um breve histórico das principais pesquisas realizadas em Santa Catarina que se debruçaram a

estudar sítios Guarani e que nos permitem ter uma visão ampla das problemáticas de pesquisa tratadas até então.

No que se refere ao registro de sítios, Rohr (1969, 1984) mapeou dezenas de sítios Guarani que foram apenas descritos em seus aspectos composicionais, trazendo informações como: localização aproximada do sítio, proprietário do terreno onde o mesmo se situa, ocorrência de manchas de terra preta e descrição breve dos vestígios materiais (geralmente cerâmicos), encontrados nos sítios, os quais, assim como os sambaquis, foram plotados num mapa em que as referências dificultam a localização exata do sítio, mas já demonstram uma preocupação deste pesquisador com os sítios Guarani, indicando uma ocupação densa e que se articula ao longo do ambiente lacustre da região (ver mapa publicado em Rohr 1969, em anexo 01). Este trabalho teve como objetivo principal apresentar as características básicas de composição e localização dos sítios no município de Jaguaruna, sendo enfatizada a preocupação do pesquisador para com o descaso dos arqueólogos para estes sítios ceramistas, em detrimento dos monumentais sambaquis: *“Os geólogos e arqueólogos limitaram-se a estudar e registrar apenas os sambaquis, sem se preocuparem com outros sítios arqueológicos, que não chamassem, tão prontamente, a atenção. Em vista disto, não possuímos, ainda, uma noção clara e completa da realidade arqueológica de Laguna”* (Rohr 1976, p. 36).

Ao mesmo tempo Piazza & Prous (1977) buscaram uma sistematização da arqueologia do Estado de Santa Catarina. Além do histórico da arqueologia, os pesquisadores procuraram apresentar o panorama das pesquisas desenvolvidas, tanto no litoral como no interior. Sistematizando toda literatura arqueológica, os autores discutiram algumas características gerais dos sítios arqueológicos que comportam cerâmica “tupiguarani”. Interessante ressaltar, que já neste momento os autores questionam o uso do conceito de tradições e fases provenientes do PRONAPA, que segundo eles: *“(...) vingt-six ‘phases’ culturelles ont été créés; elles sont cependant encore insuffisamment définies, mal reliées entre elles et se recoupent parfois”* (Piazza & Prous 1977, p. 19). Com base nesta crítica, os autores sequer utilizaram ambos os conceitos em seu trabalho, limitando-se apenas a indicar para cada conjunto cultural a correlação das fases que lhe são atribuídas.

Este trabalho de Piazza & Prous (1977) demonstra bem duas questões da arqueologia dos anos 1960 e 1970. Em primeiro lugar, o embate teórico da arqueologia brasileira referente à polarização das escolas francesa e americana, tão discutido em vários trabalhos (ver Dias 1995, 2003; Funari 1998; Gaspar 2000; Funari & Noelli 2002). Embate este que se desdobra em questões terminológicas que são intrínsecas à visão de arqueologia que os pesquisadores tem. É o caso, por exemplo, da distinção entre a cerâmica de

“*tradição local*” (aquela que o PRONAPA convencionou denominar de tradição Taquara – para o litoral - e tradição Itararé – para a região do planalto) e a “*tradição tupiguarani*”. Os pesquisadores utilizaram não somente as características decorativas das cerâmicas para distinguir as tradições arqueológicas, mas também as formas das vasilhas, ainda que a decoração seja um item muito importante, pois: “*La céramique de tradition tupiguarani se distingue des autres par l'utilisations de la peinture, celle des décors corrugado et 'brossé', ce qui n'exclut nullement la présence des formules utilisées par les autres traditions*” (Piazza & Prous 1977, p. 44).

Em segundo lugar, podemos notar um momento em que se discute a formação dessas classificações, em que as diferenças e semelhanças nas tecnologias cerâmicas ainda são muito tênues. O estudo comparativo para a definição de fases ainda estava incipiente, sendo a classificação e a diferenciação dos tipos cerâmicos o intuito maior das pesquisas arqueológicas. Além deste trabalho citado, outro trabalho mais antigo de Piazza (1965) elucida muito bem esta questão. O trabalho no sítio Rio Tavares apresenta uma série de conclusões preliminares sobre a sua ocupação, sendo tratado pelo autor como um sítio de “pequena permanência”, utilizado para um fim “cerimonial ou de enterramento” de uma “cultura da floresta tropical”, ao que “Filia-se êste sítio arqueológico, até ulteriores e melhores definições, (...) pelas características de decoração, à cultura tupi-guarani (...)” (Piazza 1965, p. 76-77). O que chama atenção é a cautela do autor em definir a tradição arqueológica de filiação do sítio, em virtude da incipiência da classificação: “*Quer-nos parecer, entretando, que há falhas nos estudos sistemáticos para a denominação elástica, até certo ponto, de cerâmica tupi-guarani àquela que se apresenta pintada 'ora em motivos lineares geométricos, ora num traço apenas que destaca as diversas zonas, ora numa mão de tinta uniforme, que é sempre o vermelho', ou àquela que se apresenta como 'ornato digital, o unguicular e o estriado com espigas de milho'*” (Piazza 1965, p. 74).

Temos então um hiato significativo de pesquisas arqueológicas em sítios Guarani no litoral sul de Santa Catarina, que durou aproximadamente 30 anos, em que apenas trabalhos esparsos foram realizados. Somente após os anos 1999 e 2000 tivemos novamente trabalhos voltados ao estudo das sociedades Guarani na região¹. No litoral sul, Lavina (2000), através dos estudos de consultoria arqueológica realizados para a construção de uma rodovia denominada interpraia, escavou três sítios Guarani (Acampamento da Escola Isolada Lagoa dos Esteves, Aldeia do Cemitério da Lagoa dos

¹ Porém, é importante ressaltar que estudos na região do litoral de Jaguaruna e Laguna não foram desenvolvidos após os realizados por Rohr, ainda nos anos 1960 e 1970, não surtindo efeito seu clamor por uma pesquisa que se debruçasse aos sítios Guarani, tão ofuscados pelos monumentais sambaquis.

Esteves e Aldeia da Lagoa Mãe Luzia, com datações de 720 ± 70 e 610 ± 60 anos AP respectivamente para os dois últimos sítios (realizadas através do método de Termoluminescência). Além disso, Lavina & Caldarelli (1999), em outro estudo de consultoria realizado na Zona de Processamento de Exportação (ZPE), em Imbituba, no litoral centro-sul, localizaram 25 estruturas de habitação num mesmo sítio Guarani. Dasquelas que foram escavadas obteve datações entre 715 ± 75 e 1050 ± 150 anos AP (também por Termoluminescência).

Utilizando-se basicamente dos dados do relatório de consultoria arqueológica da estrada interpaiaa citado acima, Lino (2007) buscou realizar uma sistematização das informações para compor um modelo explicativo sobre a ocupação dos grupos Guarani na bacia hidrográfica do rio Araranguá. Inspirado por teorias antropológicas e etnobotânicas, o autor propõe que esta região do litoral sul do Estado de Santa Catarina, onde foram identificados 20 sítios arqueológicos no entorno das lagoas litorâneas, poderia ser um espaço de dominação territorial Guarani, compondo, portanto, um *teko'á* litorâneo com uma profundidade temporal que atinge as datas de 720 ± 70 e 610 ± 60 anos AP. Através deste estudo, discutiu aspectos relacionados à mobilidade e territorialidade Guarani, apresentando os padrões tecno-tipológicos das coleções cerâmicas analisadas.

Numa região próxima, Eble & Schimtz (1972) escavaram um sítio com predominância de materiais cerâmicos denominado Guaiúba, localizado no município de Laguna. Trata-se de um sítio implantado sobre dunas litorâneas a uma distância de aproximadamente 800m do mar, associado a um ambiente de restinga, onde predominam lagoas temporárias e dunas móveis, cuja dinâmica de movimentação costuma cobrir o contexto arqueológico diariamente. Foi encontrada uma concentração de materiais cerâmicos em superfície junto a artefatos líticos, cerâmica esta que analisada permitiu a elaboração de uma série de hipóteses sobre a função do assentamento e seu período de ocupação. Em virtude de não haver uma “standardização” dos tipos cerâmicos os autores consideraram que o sítio arqueológico poderia “representar um acampamento temporário, ecologicamente transicional”, pois “acreditamos não ter havido, na região, suficientes recursos naturais e potencial agrícola para permitir a fixação de um contingente humano qualquer e, a situação se aplica aos tupi-guarani, a respeito dos quais conhecemos hábitos e comportamentos econômico-sociais que não poderiam ser desenvolvidos na região em foco a não ser transicional ou temporariamente”, logo, “tende-se a crer que tais sítios teriam correspondido a um resultado de rápidos movimentos migratórios pelo litoral de sul a norte” (Eble & Schimtz 1972, p. 48-49).

A pesquisa de doutorado de Bandeira (2004) foi realizada com o estudo de três sítios arqueológicos localizados na Baía da Babitonga, já no litoral norte do Estado. Dois dos sítios estudados foram associados à tradição Taquara (Bupeva II e Itacoara, datas de 2325 ± 25 AP e 1570 ± 20 AP respectivamente) e um deles à tradição Guarani (Poço Grande, datado em 335 ± 35). Através deste estudo, a pesquisadora discutiu nuances de etnicidade e identidade com base nas características formais da cerâmica, dos vestígios arqueofaunísticos e do ambiente de implantação.

No que se refere aos nossos estudos realizados no litoral de Jaguaruna, até o momento, 41 sítios Guarani foram mapeados através das pesquisas do Projeto Sambaquis e Paisagem, além de dezenas de informações de outros sítios arqueológicos localizados na área de pesquisa que indicam que a presença Guarani na região foi um fenômeno expressivo (ver mapas da região em anexos 02 e 03). Destes 41 sítios identificados, 10 deles sofreram algum tipo de intervenção arqueológica até o momento (Laranjal I, Laranjal II, Sibelco, Riacho dos Franciscos I, Morro Bonito I, Morro Bonito II, Morro Bonito III, Arroio Corrente V, Olho D'água I e Morro dos Encruzos), do que se pôde perceber que se trata de sítios com composição variada e densa no que se refere aos vestígios materiais (grandes manchas de terra preta, indicadores de estruturas arquitetônicas e contextos cerâmicos e líticos muito bem preservados). Como uma primeira etapa de campo foram realizadas intervenções intra-sítio que envolveram uma metodologia padrão: prospecção, coleta de superfície e escavação de poços teste, para delimitar a sua área ao longo do terreno. Além disso, foram escavadas trincheiras nas manchas de terra preta de alguns sítios, que permitiram compreender a sua composição estratigráfica e evidenciar contextos arqueológicos que já permitem discutir questões sobre função de sítio, relação sistêmica entre os espaços de ocupação, re-ocupações, tipologia cerâmica e lítica, processos pós-deposicionais e estruturas arqueológicas funcionais (estruturas arquitetônicas, de combustão, de deposição de refugos e funerárias).

2. Metodologia de pesquisa

A metodologia de pesquisa desenvolvida para a realização do projeto passou a ser pensada a partir da perspectiva da arqueologia regional. Na medida em que buscamos compreender o processo de ocupação regional Guarani numa ampla faixa territorial, que envolve diferentes lagoas, linha de costa marítima, dunas e paleo-dunas, terraços, banhados e adensamentos populacionais que formam pequenas comunidades e a área urbana do município de Jaguaruna, ficou bastante evidente que uma abordagem regional deveria passar inicialmente por um levantamento extensivo dos diferentes estratos ambientais. Foi necessário que através da pesquisa de campo buscássemos avaliar os componentes ambientais da Área Piloto, tentando observar a matriz onde estão implantados os sítios arqueológicos.

A abordagem regional em arqueologia tem sido bastante testada e discutida em diferentes áreas de pesquisa e contextos arqueológicos no Brasil e em nível internacional desde, pelo menos, os anos 1960, consistindo numa das principais ferramentas para o estudo de áreas pouco pesquisadas. Enfoques regionais permitem pensar contextos amplos de ocupação para compreender histórias regionais de longa duração (Araujo 2001) e vários avanços são percebidos, sobretudo em áreas desconhecidas do ponto de vista arqueológico ou pouco conhecidas, como é o nosso caso. Com esta abordagem regional, buscaremos preencher uma lacuna de pesquisa sistemática numa área de pesquisa em que a história de ocupação indígena foi bastante densa. *“A Arqueologia brasileira permanece carente de estudos regionais sistemáticos para que se torne um corpo sólido de conhecimentos. A acumulação de dados na disciplina ainda se faz de maneira assistemática, grandes áreas permanecem desconhecidas do ponto de vista arqueológico, e até mesmo a simples seqüência cronológica de acontecimentos, que constitui a base para se construir hipóteses e aplicar teorias, é ainda falha”* (Araujo 2001, p. 1).

Coloca-se como um trabalho pioneiro em arqueologia regional a pesquisa desenvolvida por Gordon Willey (1953) no Vale do Virú (Peru), em que, através de trabalhos sistemáticos de mapeamento de sítios arqueológicos, o autor buscou identificar padrões de assentamento e articulação sistêmica dos sítios, sem, no entanto, compreender estes padrões como comportamentos humanos resultantes puramente de ações ambientais, mas sim como o reflexo de ações de natureza social e cultural, as quais se articulam de forma sistêmica. Através deste trabalho muitos foram os avanços da arqueologia, inclusive com uma grande influência sobre a formação da teoria processual que viria a ser

desenvolvida ainda nos anos 1960, em que os arqueólogos passaram a se preocupar em compreender, por exemplo, o funcionamento sistêmico das culturas humanas num determinado espaço geográfico e ambiental (Billman & Feinman 1999, Willey 1999, Trigger 2004 [1989]).

Mais tarde, através do projeto de pesquisa no vale do Oaxaca, desenvolvido sob coordenação de Kent Flannery, a arqueologia regional novamente foi amplamente testada e aplicada, gerando uma discussão de alto nível publicada no livro *The Early Mesoamerican Village* (Flannery 1976). Nesta publicação, além de uma apresentação luxuosa dos resultados da pesquisa, alguns capítulos se destacam pelas discussões metodológicas tanto para levantamento de sítios numa dada região de pesquisa, como para abordagens interventivas nos sítios arqueológicos. Destaca-se o capítulo de autoria de Stephen Plog (1976), intitulado: *Relative Efficiencies of Sampling Techniques for Archaeological Surveys*, em que o autor discute com muita propriedade as diferentes alternativas de prospecção tanto em nível regional para o levantamento amostral da área de pesquisa como para as intervenções intra-sítio². Neste trabalho, o autor apresenta uma padronização de diferentes formas de intervenção em busca de adequar corretamente as amostragens nos sítios para discernir padrões que permitam compor um estudo comparativo entre os sítios e as unidades sociais que compõem uma comunidade.

Outro trabalho que merece destaque na discussão sobre a arqueologia regional é a publicação organizada por Fish & Kowalewski (1990), em que foram apresentados trabalhos avaliando e testando a aplicação do método de cobertura total (*full coverage survey*) versus o método de amostragem estratificada (*stratified survey*), apontando um alto amadurecimento da arqueologia regional em termos teóricos e metodológicos³.

A partir destes trabalhos, de forma sucinta, podemos dizer que a arqueologia regional parte do estudo dos padrões de assentamento, ou seja, o estudo da posição dos sítios arqueológicos numa determinada área geográfica que se dispõe de forma coerente. Podemos entender também como o estudo da matriz espacial que marca a intersecção entre as atividades humanas e o ambiente natural, permitindo a compreensão dos sítios arqueológicos e sua relação desses com o meio ambiente, com outros sítios e entre eles próprios (Fish 1999). Segundo Moraes (1999-2000, p. 202), “*Padrão de*

² Neste trabalho sugere quatro alternativas de amostragem a partir de um gráfico: randomização simples, randomização estratificada, sistemática e sistemática estratificada desalinhada (Plog 1976, p. 137)

³ Neste trabalho vemos uma interessante discussão metodológica sobre aplicação de *sampling* ou *Full Coverage Survey*. Como forma de ampliar esta discussão para o contexto brasileiro ver: Morales 2005; Araujo 2001; Dias 2003; DeBlasis & Morales 1995; Milheira 2008 e Assunção 2010.

assentamento é a distribuição de sítios arqueológicos em determinada área geográfica, refletindo as relações das comunidades do passado com o meio ambiente e as relações entre elas próprias no seu contexto ambiental (Yoffe e Sherratt 1997). Estratégias de subsistência, estruturas políticas e sociais e densidade da população foram alguns dos fatores que influenciaram a distribuição do povoamento, desenhando os padrões de assentamento”.

A sistematização da pesquisa a partir de uma abordagem regional permitirá, em nosso ponto de vista, que tenhamos um cabedal de informações empíricas sobre a história de ocupação indígena na região no litoral do município de Jaguaruna. Buscamos então evidenciar a diversidade básica das formas de assentamento e as cronologias, no intuito de construir um modelo regional de ocupação. Porém, buscamos ir além do descritivismo empírico que marcou as pesquisas pioneiras no Brasil, sobretudo aquelas desenvolvidas sob a perspectiva pronapiana. Objetivamos realizar um estudo interpretativo que leve em conta as informações básicas sobre o registro arqueológico, mas indo além da descritividade, atingindo um panorama sistêmico e amplo em vias a “intensificar as abordagens regionais, com o objetivo geral de verificar diferenças e semelhanças, continuidades, descontinuidades e mudanças (...)” (Noelli 1999-2000, p. 262).

Desta forma, podemos avançar nas discussões básicas sobre padrão e estratégias de assentamento dos grupos Guarani, processos de formação dos sítios arqueológicos, sobretudo no que se refere aos usos históricos da terra, como o arado, construções civis e obras públicas, mineração de terra e todo tipo de impacto que os sítios arqueológicos podem ter sofrido frente às transformações antrópicas e naturais da paisagem. Estas informações vêm sendo essenciais para a avaliação daqueles sítios arqueológicos com maior potencial de pesquisa, em termos de boas condições de preservação, os quais sofreram ou poderão sofrer alguma intervenção arqueológica.

Durante o trabalho de levantamento extensivo lidamos com um problema que diz respeito à re-localização dos sítios identificados e mapeados pelo Pe. Rohr no município de Jaguaruna. Em virtude das coordenadas geográficas não serem apresentadas nas publicações e também pela qualidade dos mapas, que deixam a desejar em termos de precisão e informação, não é possível ter certeza, ao menos em alguns casos, se os sítios identificados por nós correspondem aos sítios referidos nas publicações.

Isto acarreta em dois problemas. Em primeiro lugar, limita a nossa percepção sobre processos de formação dos sítios arqueológicos, uma vez que Rohr sempre coloca informações sobre o uso da terra, indispensáveis para o entendimento dos processos agressivos ao contexto arqueológico. Em segundo lugar, impõe-nos o problema

da nomenclatura dos sítios, pois há um grande adensamento de sítios arqueológicos, os quais são muito próximos uns dos outros. Na medida em que o mapa é impreciso, por vezes não sabemos se estamos sobre um ou outro sítio, impedindo que mantenhamos a mesma nomenclatura. Apenas em alguns dos casos foi possível ter certeza, ou pelo fato de serem sítios bem isolados, como é o caso do sítio Olho D'água I, que fica às margens do rio Urussanga, cuja denominação corresponde ao sítio SC-J-41, publicado no mapa e descrito em Rohr (1969, p. 31), ou pela questão da propriedade das terras. Em algumas vezes, os proprietários das terras ainda são os mesmos ou são seus descendentes, o que facilita no sentido de certificar a localização dos sítios⁴.

Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa vem sendo desenvolvida através de uma organização em múltiplos estágios, conforme propõe Redman (1973) coordenada pelos seguintes princípios teóricos processuais: a) Uso combinado de indução e dedução para a formulação das problemáticas do projeto e para as etapas subsequentes; b) Retro-alimentação programática e analítica entre as diferentes etapas da pesquisa; c) Utilização explícita de amostragem probabilística; d) Uso de técnicas apropriadas às hipóteses e aos objetos de estudo. A partir deste modo de ver a pesquisa, a metodologia em campo passa por quatro estágios básicos e padronizados: **Reconhecimento geral da área de pesquisa**, 2) **Levantamento arqueológico** 3) **Prospecção**, 4) **Escavação**.

2.1. Reconhecimento geral da área de pesquisa

Frente a estas questões levantadas, o primeiro passo da pesquisa foi definir a Área Piloto de intervenção arqueológica que envolve o litoral do município de Jaguaruna, SC. Inicialmente, nossa intenção era contemplar a pesquisa na porção sul da Área Piloto do projeto Sambaquis e Paisagem, abrangendo então uma grande parte do litoral de Jaguaruna, tendo como limite ao sul a lagoa do arroio Corrente. No entanto, com o avançar das pesquisas de campo, fomos percebendo que a ocupação Guarani estende-se além dos limites do referido projeto, avançando mais ainda em direção ao sul do litoral de Jaguaruna e Araranguá. Como é necessário um recorte ambiental, decidimos colocar o limite de nossas pesquisas à margem esquerda do rio Urussanga, rio este que divide os municípios de Jaguaruna e Içara, porém, temos consciência que a ocupação Guarani vai além da região

⁴ Em alguns casos, esta tarefa é bastante difícil. Na localidade do Olho D'água, por exemplo, os atuais proprietários não têm relação com os donos das terras dos anos 1960-1980, quando o Pe. Rohr realizou seus levantamentos. Além disso, esta é uma das principais áreas em que a terra sofreu alterações, pois do plantio agrícola de produção de alimentos, atualmente a maioria das terras tem culturas de eucalipto para indústria madeireira, o que faz com que a terra não seja lavrada anualmente e os vestígios arqueológicos não sejam conhecidos pelos proprietários.

de Jaguaruna abrangendo o município de Araranguá e além, como comprova as pesquisas de Lavina (2000) e Lino (2007).

Outro fator que permitiu definir o recorte da nossa Área Piloto foi o reconhecimento da bibliografia arqueológica, sobretudo as publicações de Rohr (1969, 1984) onde consta que o adensamento de sítios arqueológicos Guaraní situa-se exatamente na área que decidimos delimitar o recorte. Foi de fundamental importância também o trabalho de prospecção e salvamento dos sítios arqueológicos na faixa de domínio da Estrada Geral do Camacho (trabalho que detalharemos abaixo), cujos resultados apontaram um adensamento de sítios que foram escavados, datados e nos permitem um conjunto de informações de onde partimos inicialmente para pensar o processo de ocupação regional Guaraní.

No que se refere ao reconhecimento da área de pesquisa, em virtude das experiências de campo do projeto Sambaquis e Paisagem, tivemos a oportunidade de conhecer os principais estratos ambientais, as pessoas da comunidade, inclusive mapeando e estabelecendo relações iniciais com vários informantes que nos indicaram a ocorrência de sítios arqueológicos em vários pontos da área de pesquisa. A cartografia e os estudos geográficos (pedologia, geomorfologia e geologia) também já eram pontos bem conhecidos, em função de que vem sendo composto um SIG (Sistema de Informação Geográfica) bem aprimorado para a região, aonde vêm sendo plotados também os sítios Guaraní. Este é um trabalho de extrema importância para a pesquisa, pois nos permite ter um controle preciso da matriz geológica onde os sítios estão implantados e calcular distâncias entre os sítios e os recursos disponíveis no ambiente.

Sendo assim, decidimos que a pesquisa seria realizada na porção sul do município de Jaguaruna, numa área de aproximadamente 350km², o que equivale a um retângulo com lados de 35km x 10km, tendo como limite norte a lagoa da Garopaba e lagoa da Jaguaruna. Ao leste, temos como limite natural da pesquisa o mar. Ao oeste, definimos como limite a região de encosta, tendo como marco a rodovia BR-101. Ao sul, como já mencionado acima, colocamos como limite a margem esquerda do rio Urussanga, que separa os municípios de Jaguaruna e Içara. No interior do município de Jaguaruna, esta Área Piloto corresponde às regiões do Camacho, Morro Grande, Morro Bonito, Olho D'água, Laranjal, malha urbana de Jaguaruna, praia do Torneiro e Chuveirão e demais localidades em torno (ver Área Piloto da pesquisa com distribuição dos sítios arqueológicos identificados em anexo 02).

2.2. O ambiente da pesquisa

Uma descrição é necessária do ambiente da Área Piloto. É importante termos compreensão do solo onde pisaram os grupos Guarani com suas características físicas do que chamamos de meio ambiente que torna a paisagem natural singular. Conhecer o ambiente é fundamental para que possamos, mais tarde, pensar as estratégias de assentamento dos grupos Guarani e, na medida do possível, mapear os pontos da paisagem que foram manejados, deixando algum tipo de vestígio que possamos identificar como o resultado de ações culturais. No entanto, não é nosso objetivo aqui, discutir os processos evolutivos da paisagem, nos seus aspectos geomorfológicos, geológicos e paleoambientais. Procuraremos apenas uma caracterização geral para que se possa ter uma visão abrangente do ambiente ocupado pelas populações Guarani, o qual, aliás, sugere ser muito semelhante do ambiente atual, exceto, é claro, pela antropização causada pelos adensamentos urbanos e pela degradação gerada pela agricultura extensiva.

Do ponto de vista geológico, a região é composta por uma série de momentos sedimentares distintos, tanto de origem eólica, como lagunares e marinhos, os quais ocorreram de maneira interdependente, permitindo caracterizar estes locais como *fácies*. Segundo DeBlasis et al (2007, p. 34), estas “*fácies* inter-relacionam-se e justapõem-se organizadamente no espaço segundo entidades fisiográficas maiores, ou sistemas deposicionais. (...) Nesse sentido, tem-se aí um dos mais complexos e singulares exemplos de interação entre *fácies* costeiras quaternárias no Brasil, permitindo reconhecer quatro tipos de sistemas deposicionais interatuantes: lagunar, barrabarreira, planície costeira (*strandplain*) e eólico”.

A região é composta por uma série de lagoas holocênicas que se comunicam, além de uma série de lagos residuais de antigas lagoas (Bonito, Arroio Corrente, Figueirinha, Gregório Bento e Laranjal). Duas entradas de água permitem a comunicação desse sistema hídrico interno com o mar, através de barras que se mantêm geralmente fechadas. Segundo DeBlasis et al (2007, p. 34-35) “são conhecidos dois tipos de associações de *fácies* lagunares (Giannini 1993, 2002; Giannini *et al.* 2001): a *baía-laguna* (Santo Antônio, Santa Marta, Camacho), à retaguarda do sistema barra-barreira existente a sul de Entrada da Barra, e a *valelaguna* (Garopaba, Ibraquêra, Mirim, Imaruí), atrás do sistema planície costeira a norte”.

O processo de sedimentação eólica sobrepôs-se aos sistemas barra-barreira e planície costeira na maior parte da área. Abrange campos de dunas livres de pelo menos quatro diferentes gerações, cujas idades variam do Pleistoceno superior ao atual. A geração

eólica 1 é aproximadamente contemporânea ao máximo NRM do interglacial Riss-Würm (cerca de 120 mil anos AP), enquanto a geração 2 é predominantemente anterior à máxima inundação holocênica, alcançada antes de 5100 anos AP. A geração eólica 3, posterior a esta máxima inundação, foi formada essencialmente nos últimos três milênios. A geração 4 corresponde às dunas eólicas em atividade (Kneip 2004, DeBlasis et al 2007).

A vegetação, segundo o Atlas de Santa Catarina (GAPLAN/SC, 1986) é do tipo Floresta Ombrófila Densa, o que corresponde a uma floresta pluvial da costa atlântica e consiste na floresta da planície litorânea e da encosta da Serra do Mar. Quanto às chuvas, sabe-se que estas se mantêm amenas ao longo do inverno e bem distribuídas ao longo do ano, o que garante a presença deste tipo de cobertura vegetal nesta região sub-tropical do Brasil.

Distinguem-se duas áreas de ocorrência de Floresta Ombrófila Densa: formação de Terras Baixas e formação Submontana. A formação de Terras Baixas é bastante típica de planícies úmidas, adaptando-se às condições edáficas. Klein (1978) propõe que são comuns três tipos de vegetação em distintas condições ou situações observadas em campo: Floresta ao Longo das Lagoas; Florestas de Solos Brejosos ou muito úmidos e Florestas de solos bem drenados. Segundo Lavina (2000), a formação Submontana desenvolve-se sobre terrenos com altitude entre 30 e 400 metros. O relevo íngreme e os solos litólicos são fatores limitantes fundamentais, quer seja do desenvolvimento das comunidades naturais, quer seja do uso da terra em geral. O complexo de restinga corresponde a comunidades vegetais relacionadas à grande densidade de formações geomorfológicas, às variações climáticas e aos fatores temporais, tanto de sucessão quanto da história geológica que constitui o litoral catarinense.

O ambiente da pesquisa, onde habitaram os grupos Guarani é bastante monótono no que se refere à topografia, com variações de declividade do solo entre 30m e 2m de altura com relação ao nível do mar. Esta variação declina gradualmente desde a zona de encosta, ao pé da serra geral, até a costa marítima. Os cultivos agrícolas são bastante ligados à agricultura familiar, com propriedades de 1, 2 e 3 ha. Mas com a ocorrência de fazendas mais amplas, que atingem as centenas de hectares. Melancia, fumo, mandioca, arroz, milho, hortaliças e árvores frutíferas são muito comuns de serem identificadas nas propriedades, sobretudo naquelas de produção familiar, mas que também ocorrem em produção de larga escala. Na região do Olho D'água e Campo Bom, nota-se que, nas últimas décadas houve uma brusca modificação dos cultivos alimentícios por produção de fumo e eucalipto para atender à demanda da indústria, o que gerou não apenas um impacto diferenciado sobre os sítios arqueológicos, mas também uma mudança brusca

na paisagem, visto que a visibilidade do horizonte fica limitada pelos paredões de árvores. Interessante notar que muitos destes cultivos agrícolas familiares são produzidos exatamente nas áreas onde ocorrem os sítios arqueológicos Guarani, sugerindo que se trate de terrenos com solos que permitem a produtividade, mesmo no caso de paleo-dunas, tomadas por muitos pesquisadores, como solos de baixa produtividade e que limitariam a possibilidade de adaptação dos grupos indígenas.

No que se refere a bancos de argila, em vários pontos da região do município de Jaguaruna são encontradas olarias para produção de telhas e tijolos. Nas proximidades do bairro Olho D'água, por exemplo, enfileiram-se olarias em torno de morros cristalinos e nas proximidades do rio Urussanga e Jaguaruna. Não realizamos um mapeamento destas fontes de argila, nem sabemos a composição físico-química que caracterizam estes bancos, mas certamente a abundância desta matéria-prima indispensável ao modo de vida dos grupos Guarani teria sido um atrativo para que a região de dunas próximas dos bancos de argila fosse escolhida estrategicamente para os assentamentos das aldeias. Nas proximidades do Morro Bonito, onde foram encontradas mais de uma dezena de sítios Guarani sabe-se também da ocorrência de bancos de argila, não coincidentemente, esta região também foi escolhida como local de ocupação das aldeias.

Nas lagoas e lagos represados que interligados formam um complexo sistema hídrico, várias espécies de peixes, moluscos, répteis e anfíbios são conhecidos garantindo uma diversidade biológica bastante grande, que se soma à diversidade biológica do ambiente marítimo, a poucos quilômetros na direção leste. Não cabe aqui especificar toda fauna conhecida, mas sabemos que a grande diversidade faunística deste ambiente ecótono teria sido também um grande atrativo para as populações Guarani, permitindo um equilíbrio dietético e alternativas alimentares além dos cultivares agrícolas⁵.

2.3. Levantamento arqueológico da Área Piloto

Segundo Redman (1973) o levantamento arqueológico pode ser realizado de forma extensiva, que consiste no caminhar sistemático da área de pesquisa, buscando a identificação de sítios e ocorrências arqueológicas de forma oportunística, no que concerne a conversar com as pessoas, visitar os locais com maior potencial para identificação de sítios, etc.. Por outro lado, o levantamento intensivo refere-se ao controle sistemático da área de pesquisa com caminhar e perfuração de poços testes (PT) de maneira equidistante ou randômica. Para a discussão sobre o design da sistematização nos

⁵ Para a enumeração das espécies faunísticas ver: Lavina (2000) e Klokler (2001).

utilizamos do trabalho de Plog (1976, p. 137), em que o autor sugere quatro *designs* de amostragem a partir de gráficos: a) randomização simples, b) randomização estratificada, c) sistemática, d) sistemática estratificada desalinhada.

Design de amostragem proposto em Plog (1976).

O trabalho de levantamento arqueológico na região de pesquisa envolveu duas etapas. Em um primeiro momento, realizou-se entre janeiro e fevereiro do ano de 2008 o levantamento relativo ao licenciamento arqueológico da estrada SC-487 – Estrada Geral do Camacho, o que envolveu a prospecção da área, monitoramento de alguns pontos da obra de engenharia e resgate dos sítios arqueológicos que já haviam sido identificados anteriormente. Num segundo momento, em fevereiro de 2010, foi dada continuidade à atividade de prospecção no restante da Área Piloto da pesquisa, em que a metodologia foi desenvolvida diferentemente da primeira etapa, quando abordamos a região através de prospecções extensivas.

2.3.1. Levantamento Intensivo: Prospecção da Estrada Geral do Camacho

O planejamento do trabalho de levantamento arqueológico foi inicialmente restrito à Área Diretamente Afetada (ADA) da obra de engenharia. Foi definida uma faixa de domínio de 250m para cada lado da Estrada Geral do Camacho, espaço este em que foram realizadas as prospecções em busca de vestígios arqueológicos. Esta área atende ao espaço das atividades de maquinário pesado, todos os pontos de retirada de areia e realinhamento do trajeto da estrada, de modo que nenhum ponto da estrada ficasse sem ser revisado por membros da equipe de arqueólogos. Esta atividade foi realizada para complementar a prospecção feita pela equipe anterior que foi responsável pela etapa de licenciamento, quando se encontraram apenas seis sítios Guarani (Paulino da Silva 2004). Através desta pesquisa de contrato, porém, identificamos mais 11, totalizando 17 sítios

Guarani à margem da estrada, o que configurou um bom desempenho do método de prospecção intensiva.

A metodologia do levantamento arqueológico envolveu então a realização de sondagens de 50m X 50m com uso de escavadeira manual articulada (boca de lobo). As sondagens foram perfuradas com diâmetro aproximado de 40cm e profundidade de 100cm a 150cm, dependendo das condições do terreno. Todo sedimento retirado em decorrência das sondagens foi devidamente peneirado em malha de 5mm, havendo também o registro fotográfico das sondagens, a descrição individual das características do solo perfurado (descrição das camadas estratigráficas e ocorrência ou ausência de vestígios arqueológicos), assim como o geo-referenciamento de cada uma das sondagens com uso de GPS (Sistema de Posicionamento Global).

A atividade de levantamento conferiu à pesquisa um alto nível de reconhecimento das características do solo na faixa de domínio da estrada, em que foram estudados e verificados diferentes tipos de ambientes, já que a estrada perpassa áreas de campos, banhados, dunas, etc.. Além disso, assim como os diferentes tipos de embasamento geológico e geomorfológico, diversos tipos de vegetação e nichos ecológicos estão presentes nestes terrenos, logo, trata-se de um transecto importante no reconhecimento das diferentes características ambientais da região de estudo. No que se refere ao *design* discutido em Plog (1976), a prospecção deve se enquadrar no tipo D (amostragem sistemática estratificada desalinhada), que deriva das demais formas de amostragem, mas com a vantagem de conjugar a randomização e a estratificação junto aos aspectos usuais da sistematização. Isto quer dizer que esta forma de amostragem garante a diminuição de erros causados pela periodicidade da amostragem sistemática equidistante.

É interessante notar que junto ao procedimento de sondagens houve o controle superficial da faixa de domínio da estrada. O controle de superfície foi tão importante para identificar sítios arqueológicos que podemos dizer que todos os sítios Guarani foram encontrados antes pela visualização dos vestígios cerâmicos em superfície do que pelas perfurações de sondagens. Isto, antes de ser um fator que põe em cheque a eficiência do método de cobertura total aplicado nas prospecções na estrada é um fator que demonstra a superficialidade dos sítios arqueológicos em questão. Superficialidade esta talvez causada pela frequente atividade agrícola realizada onde se encontra os sítios, o que indica um processo histórico de uso da terra para o plantio que vem a afetar a conservação dos sítios arqueológicos.

A localização da maioria dos sítios Guarani se deu então, como já dito acima, através da visualização de fragmentos de cerâmica em superfície, dos quais houve a

coleta comprobatória apenas quando houve dúvida de sua afiliação cultural. Nestes casos, a coleta de alguns poucos fragmentos foi suficiente para que outros membros da equipe pudessem analisar as características tipológicas dos fragmentos e, com isso, definir a afiliação cultural do sítio, ainda em campo. Esta medida foi tomada em vias de minimizar o impacto sobre os sítios arqueológicos, evitando-se descontextualizar as peças de sua localização espacial. Foi muito importante também investir nas conversas com membros da comunidade local. É notório o conhecimento que as pessoas têm sobre os “paradeiros de índio”, como são conhecidas as antigas aldeias. Através destas conversas mapeamos uma série de informantes que nos indicaram sítios na etapa de levantamento extensivo (ver Mapa com a plotagem sobre base cartográfica do IBGE da rodovia SC-487 e localização dos sítios arqueológicos identificados no trabalho de prospecção em anexo 04).

A seguir apresentaremos sucintamente alguns dos sítios arqueológicos que são fundamentais para nossa pesquisa e que foram identificados pelas atividades de levantamento arqueológico em ambas as etapas de levantamento intensivo e extensivo. Faremos a descrição detalhada por sub-região na área de pesquisa da Estrada Geral do Camacho, que cortou uma série de solos com características específicas, logo, é necessário que conheçamos algumas dessas características que, com certeza, influenciaram na escolha dos grupos Guaraní para a localização de suas aldeias.

✓ **Sub-Região do Riacho dos Franciscos**

Esta sub-região engloba os terrenos dos bairros do Laranjal e Riacho dos Franciscos, indo do cemitério da Garopaba até o vale do riacho. Trata-se de uma área bem preservada, com baixo índice de ocupação residencial. Aqui a estrada segue exatamente na confluência entre terrenos de duas distintas formações. O lado sul é formado por sedimentos ligados a deposição lagunar holocênica da lagoa do Laranjal; enquanto o lado norte possui formação sedimentar eólica, dunar, pleistocênica sobre patamares de paleopraias.

Neste trecho foram identificados um sambaqui e seis sítios Guaraní, dos quais provavelmente três deles já eram conhecidos por pesquisas precedentes. Trata-se do sítio Laranjal I (SC-J-50), Riacho dos Franciscos I (SC-J-46) e Riacho dos Franciscos III (SC-J-44). Sobre estes sítios o Pe. Rohr assim brevemente os descreve⁶:

⁶ A nomenclatura em parêntese do sítio, por exemplo, (SC-J-50) diz respeito à sigla gerada pelo Pe. Rohr. Nestes caso, tivemos certeza de que o sítio identificado em nossa pesquisa de campo, refere-se aqueles identificados pelo citado pesquisador, situação esta que, como já vimos, foi bastante complicada pela imprecisão dos mapas e das informações sobre os sítios.

✓ **Sítio Laranjal I (SC-J- 50) (UTM - 22J 0701597/6832366):**

“Situado em terrenos de Ídio José de Sá, na localidade de Laranjal, a 200m da Lagoa do Laranjal. Sobre área de dois mil metros quadrados, encontram-se manchas escuras no solo, com carvão vegetal, machados polidos de diabásio, amoladores de arenito e cacos de cerâmica de tradição guarani dos tipos liso, corrugado e pintado de vermelho e de preto sobre engobe branco. Ao lavrar a terra o dono quebrou duas urnas funerárias, deixando os cacos no local” (Rohr 1984, p. 97).

Extenso sítio cerâmico localizado próximo a lagoa do Laranjal, implantado em área de deposição sedimentar de antigas praias do holoceno médio. Possivelmente, parte do sítio encontra-se impactada pela construção da estrada, uma vez que, foram detectadas concentrações de material dos dois lados da via. A utilização contínua de arado sobre o terreno, já há algumas décadas, deteriorou parte dos materiais em sub-superfície, possivelmente quebrando vasilhames e rearranjando espacialmente estruturas arqueológicas. **Ações realizadas:** escavação de sondagens e trincheiras para delimitação espacial do sítio e observação de suas estruturas.

✓ **Sítio Riacho dos Franciscos II (UTM - 22J 700810/6833030)**

Sítio Guarani com grande quantidade de fragmentos cerâmicos e carvão em superfície e sub-superfície, detectados até cerca de 50cm de profundidade. Localizado em área recém arada, na fazenda de propriedade do Sr. Santinho, à margem norte da SC-487, município de Jaguaruna. Podem ser observados alguns líticos lascados em quartzo e fragmentos cerâmicos lisos, corrugados e com engobo, tanto de pequenos potes quanto de grandes urnas. Ao que parece, boa parte desse extenso sítio encontra-se diariamente impactada pela extração de areia feita pela empresa mineradora Tecnomin. Muitos fragmentos cerâmicos podem ser encontrados no entorno da área de mineração associado a sedimento remexido pelas máquinas. **Ações realizadas:** coleta de superfície e prospecções assistemáticas.

✓ **Sítio Riacho dos Franciscos III (UTM - 22J 700500/6832740)**

Sítio Guarani localizado na propriedade do Sr. Bento, no bairro Laranjal, município de Jaguaruna. Apresenta baixa densidade de material cerâmico em superfície, implantado sobre colina arenosa suave coberta por vegetação de gramíneas em patamar pleistocênico ligado à formação de paleo-praias. Poços-teste indicaram a presença de material cerâmico corrugado a 60cm de profundidade. A princípio o sítio parece estar em

bom estado de preservação. **Ações realizadas:** coleta de superfície e prospecções assistemáticas.

✓ **Sítio SAMAE (UTM - 22J 0702781/6832549)**

Sítio cerâmico localizado em meio à linha de paleo-dunas, ainda não visitado pela equipe de prospecção por estar localizado fora da linha de 250m entendida como área de impacto direto do empreendimento.

✓ **Sítio Laranjal II (UTM - 22J 0702185/6832251)**

Sítio cerâmico Guarani localizado na margem norte da SC-487, em meio a campo de dunas estabilizadas. Materiais cerâmicos e fragmentos de carvão foram detectados em superfície e sub-superfície até cerca de 60cm de profundidade. Localizado em média e baixa vertente de duna, que desce para um amplo vale, onde possivelmente corria um pequeno córrego em época que a área apresentava cobertura vegetal original, hoje substituída por gramíneas para o pasto. Por ocasião de nossa averiguação, percebemos que parte do sítio estava sendo amplamente impactada pela retirada de sedimento arenoso para a pavimentação da via (área de empréstimo). **Ações realizadas:** sondagens para delimitar o sítio e coleta de material arqueológico de superfície.

✓ **Sítio Laranjal III (UTM - 22J 0700993/6832429)**

Sítio Guarani implantado em topo de colina suave de formação sedimentar eólica pleistocênica, junto a linha de paleo-praias do Holoceno médio, nas proximidades da Lagoa do Laranjal. Foram detectados materiais líticos lascados, carvões e fragmentos cerâmicos em superfície no meio da vegetação de gramíneas para pasto que cobre o sítio e em sub-superfície, observados em corte arredondado na vertente, utilizado para retirada de sedimento pelos proprietários do terreno. Chama atenção a diversidade de tipos cerâmicos; foram encontrados pequenos fragmentos de fina espessura, com e sem engobo, assim como pedaços de grandes urnas, muitos deles corrugados. **Ações realizadas:** coleta de superfície e prospecções assistemáticas.

Mapa geomorfológico da sub-região do Riacho dos Franciscos com a distribuição dos sítios arqueológicos e pontos de sondagens com poços testes. Elaboração: Rafael Brandi.

✓ Sub-Região do Morro Bonito

Esta é a sub-região de maior altitude averiguada até o momento. Apresenta razoável índice de ocupação residencial, composta principalmente por terrenos ligados a práticas rurais. Localiza-se entre o vale do Riacho, que possui formação sedimentar quaternária, compondo extensa área de banhado que hoje é utilizado para o cultivo de arroz e, os terrenos de embasamento cristalino, que formam o Morro Bonito. Em vários pontos podemos perceber grandes afloramentos graníticos. Essa sub-região se destaca por apresentar uma série de nascentes que correm em direção ao banhado, compondo locais muito propícios à implantação humana.

Neste trecho foram mapeados e dez sítios Guarani, dos quais certamente quatro já eram conhecidos anteriormente, como consta no mapa e na descrição dos sítios por Rohr (1969)

✓ Sítio Morro Bonito I (UTM - 22J 0699077/6833937)

Sítio cerâmico de grandes proporções, localizado na confluência entre os terraços arenosos e o banhado holocênico do vale do riacho dos Franciscos, já no início do bairro do Morro Bonito, município de Jaguaruna. Foi cortado ao meio pela implantação da

estrada, sendo possível encontrar fragmentos cerâmicos em superfície e nos cortes realizados para implantação da via, assim como manchas de sedimento escuro. **Ações realizadas:** coleta de superfície, sondagens e abertura de trincheiras.

✓ **Sítio Morro Bonito II (SC-J-47) (UTM - 22J 0697129/6833686)**

Antigo proprietário: Geraldino Roberto Fernandes.

“Paradeiro Guarani, com as características de mancha escura no solo, de 10 metros de diâmetro, com cacos esparsos de cerâmica e urnas funerárias” (Rohr 1969, p.33). Sítio composto por três estruturas onde se nota a presença de sedimento escuro, fragmentos de cerâmica e carvão. Através das intervenções arqueológicas realizadas sobre o sítio pôde-se perceber que as estruturas possuem diâmetros de porte médio – variando de 15 a 20 metros –, não possuindo, no entanto, uma quantidade expressiva de material cerâmico. Contudo, deve-se considerar o degradante grau de conservação do sítio, que vem sendo impactado há muitas décadas pela atividade agrícola. **Ações realizadas:** coleta de superfície, sondagens e abertura de trincheiras.

✓ **Sítio Morro Bonito III (SC-J-42) (UTM - 22J 0696340/6833244)**

Antigo proprietário: Catulino Bertolino da Silva e Firmino Silvano.

“Paradeiro Guarani, com as características de mancha escura no solo, de 10 metros de diâmetro, com cacos esparsos de cerâmica de tradição Guarani esparsos na superfície” (Rohr 1969, p.31). Sítio composto por uma única estrutura com sedimento escuro e material cerâmico associado. Através de intervenções arqueológicas sub-superficiais, foi possível perceber que se trata de uma pequena estrutura (15m de diâmetro em seu eixo maior), com um pacote arqueológico pouco espesso e baixa densidade de material arqueológico. **Ações realizadas:** coleta de superfície, sondagens e abertura de trincheiras.

✓ **Sítio Morro Bonito IV (UTM - 22J 0698650/6834316)**

Sítio Guarani com manchas escuras circulares aflorando na superfície, associadas a fragmentos cerâmicos corrugados e lisos de baixa densidade, carvões e algumas conchas de ostra, em propriedade pertencente ao Sr. Alicio, ao norte do traçado da via SC-487, no município de Jaguaruna. O material arqueológico pode ser encontrado na superfície, numa área de aproximadamente 200m. O sítio está implantado em patamar plano arenoso, já fora do sistema de barra-barreira, cerca de 600m do sítio Morro Bonito I e próximo aos afloramentos graníticos do Morro Bonito. **Ações realizadas:** coleta de superfície e sondagens assistemáticas.

✓ **Sítio Morro Bonito V (UTM - 22J 0698456/6833956)**

Sítio Guarani com cerâmicas pintadas, decoradas e lisas detectadas em superfície, sendo associadas a manchas de sedimento escuro. O sítio encontra-se em um paleo-ístimo formado por dunas do Holoceno Médio em meio ao banhado do vale do Riacho dos Franciscos, na propriedade pertencente ao Sr. Afonso Schmidt, no bairro Morro Bonito, município de Jaguaruna. **Ações realizadas:** coleta de superfície e sondagens assistemáticas.

✓ **Sítio Morro Bonito VI (UTM - 22J 0698595/6834588)**

Sítio Guarani implantado sobre patamar plano, formado por dunas de deposição ligada ao Holoceno Médio (dunas de segunda geração), na propriedade do Sr. Luis Gomes Goularte, no bairro Morro Bonito, município de Jaguaruna. Foram detectados fragmentos cerâmicos lisos, corrugados e pintados, sendo possível observar a existência de, pelo menos, três manchas de sedimento escuro com aproximadamente 15m de diâmetro, espalhadas pela superfície do terreno. O Sr. Luis doou a nossa equipe uma pequena enxó Guarani, polida em rocha básica que afirmou ter encontrado a 60cm de profundidade, quando realizava escavações para implantação de um mourão de cerca no logo atrás de um galpão próximo a sua residência. **Ação realizada:** diagnóstico

✓ **Sítio Morro Bonito VII (SC-J-43) (UTM - 22J 0697808/6834415)**

Antigo proprietário: João Candido Maico.

“Paradeiro Guarani, com as características de mancha preta no solo, de 6m de diâmetro, com cacos de cerâmica de tradição Guarani e artefatos líticos” (Rohr 1969, p.31). Trata-se de mais um sítio Guarani no bairro Morro Bonito, município de Jaguaruna. Localiza-se próximo a uma nascente de água, apresenta grande concentração de fragmentos cerâmicos em superfície de terreno, atualmente ocupado por plantação de mandioca e eucaliptos. Conchas de ostras e material histórico, como louças e cerâmicas históricas também foram identificadas. O sítio está implantado no entorno de uma concentração residencial existente na junção da SC-487 com a estrada Geral da Jabuticabeira, em plataforma arenosa, plana de formação sedimentar eólica (dunas de segunda geração já estabilizadas e aplainadas pelo tempo), nas proximidades de afloramentos graníticos do complexo cristalino do Morro Bonito. No horizonte, observa-se ao norte, o morro da Jabuticabeira e das Congonhas. **Ações realizadas:** coleta de superfície e sondagens assistemáticas.

✓ **Sítio Morro Bonito VII (UTM - 22J 0696050/6832600)**

Sítio com material cerâmico disperso em superfície. O sítio é composto por três manchas de terra preta, a mancha I possui 100m²; a mancha II não pôde ser delimitada, pois se encontra bastante degradada; e a mancha III possui 200m². Está implantado em um cordão de dunas estáveis, cercado pela planície sedimentar da paleo-lagoa. O grau de integridade, no geral, é bom, porém está sendo ameaçado pela retirada de areia e pela agricultura intensiva. **Ações realizadas:** Identificação e diagnóstico.

✓ **Sítio Sibelco (UNIMIN) (SC-J-48) (UTM - 22J 0695611/6832335)**

Antigo proprietário: Manoel Fernando Goulart.

“Paradeiro Guarani, com as características de mancha escura no solo, de 10 metros de diâmetro, com carvão vegetal e cacos de cerâmica de tradição Guarani” (Rohr 1969, p.34). Extenso sítio Guarani à beira da estrada, nas proximidades da malha urbana do município de Jaguaruna. Foi detectada a presença de manchas de sedimento escuro e bom número de fragmentos cerâmicos em superfície. Possivelmente, teve parte de sua área impactada pela construção da estrada e implantação da empresa proprietária do terreno.

Mapa geomorfológico da sub-região do Morro Bonito com a distribuição dos sítios arqueológicos e pontos de sondagens com poços testes. Elaboração: Rafael Brandi.

2.3.2. Levantamento Extensivo no restante da Área Piloto

Após o trabalho de levantamento intensivo na faixa de domínio da Estrada Geral do Camacho, realizamos um levantamento extensivo do restante da Área Piloto da pesquisa em vias de identificar novos sítios arqueológicos Guarani e, possivelmente, re-localizar os sítios identificados nas pesquisas de Rohr (1969, 1984). Munidos com o mapa publicado em Rohr (1969) e suas descrições de sítios, cartas e mapas gerados pelo SIG do projeto Sambaquis e Paisagem e com uma série de nomes e endereços de informantes da região, que supostamente sabiam da ocorrência de sítios arqueológicos, fizemos um levantamento das diferentes áreas de pesquisa.

Priorizamos esta etapa de levantamento extensivo na porção sul da Área Piloto, mais especificamente nas margens das estradas internas do município de Jaguaruna, que ligam a malha urbana à praia do Chuveirão, região do Morro Grande, Olho D'água e praia do Torneiro, onde, além da costa marítima, situa-se um corpo de lagoas de pequeno porte com águas límpidas em meio às dunas. A forma de abordagem foi muito simples e devemos dizer, muito produtiva. Apenas conversando de casa em casa, com os diferentes moradores da região e buscando aquelas áreas com maior probabilidade arqueológica identificamos 22 sítios Guarani em apenas sete dias de trabalho, sendo dois que já haviam sido mapeados anteriormente em outras oportunidades. É interessante notar também que esta abordagem bastante pessoal, por assim dizer, permite criar relações de amizade e confiança com a população local, fator este de extrema importância para a pesquisa, pois, em virtude dos históricos problemas que envolveram o IPHAN e alguns empreendimentos na região, existe certo receio generalizado entre a população local para com os arqueólogos. É muito comum, por exemplo, as pessoas não atenderem a nossa equipe quando falamos que somos arqueólogos e houve situações de agressão numa das saídas de campo. Reverter esta situação, mostrando a seriedade das pesquisas é um desafio diário dos arqueólogos na região.

2.4. Arqueografia: Escavação das aldeias Guarani

Juntamente ao levantamento intensivo da faixa de domínio da Estrada Geral do Camacho, em que foram identificados 17 sítios Guarani, foi realizada a escavação de sete destes sítios (Riacho dos Franciscos I, Morro Bonito I, Sibelco, Laranjal I, Laranjal II, Morro Bonito II e Morro Bonito III), dos quais, apenas o sítio Laranjal II não se configura como uma aldeia. Trabalhamos nestes sítios através de uma abordagem caracterizada como resgate arqueológico, atendendo as exigências do licenciamento da obra de engenharia⁷. A estratégia de intervenção, como se refere à articulação de um interesse científico e em vias de atender à legislação, teve que ser elaborada com o objetivo de compreender a composição dos sítios, já apontando algumas questões teóricas coordenadas pela nossa pesquisa científica. Buscamos então intervenções não muito amplas para realizar apenas um reconhecimento inicial dos sítios (dimensionamento, amostras para datação, reconhecimento de tipologias cerâmicas, identificação de estruturas arqueológicas, etc.), os quais poderão ser escavados conforme a necessidade em outras etapas, pois os mesmos não serão necessariamente destruídos pelas obras de engenharia, uma vez que a estrada já existia e as obras consistiram apenas em capeamento asfáltico. Seguindo os mesmos procedimentos metodológicos e buscando atingir os mesmos objetivos científicos, mas com outra dinâmica de trabalho de campo, realizamos intervenções arqueológicas também nos sítios Arroio Corrente V e Olho D'água I.

Em primeiro lugar, buscou-se um controle superficial da dispersão dos vestígios materiais, sendo em sua maioria fragmentos de cerâmica, o que nos permitiu ter uma noção geral da dimensão superficial dos sítios arqueológicos. Em segundo lugar foi realizada uma série de sondagens em um *grid* de quadras com o objetivo de identificar vestígios materiais em sub-superfície. Buscando evidenciar concentrações de cerâmica e/ou lítico, estruturas de terra preta e outros tipos de vestígios indicadores de estruturas arqueológicas em profundidade, o procedimento metodológico incorreu de duas formas: escavações de **sondagens** com 50cm de lado por 100cm de profundidade, através das quais se pôde ter maior controle das camadas estratigráficas e uma área amostral mais ampla; e/ou escavações de **poços testes** (PT's) com uso de escavadeira manual articulada, com menor amplitude, mas com maior agilidade. Estes procedimentos de “ataque” aos sítios arqueológicos não foram tratados como excludentes, havendo, por vezes, o uso de ambas as formas em que se intercalaram sondagens e PTs perfurados de maneira equidistante.

⁷ As descrições dos sítios arqueológicos aqui apresentadas compuseram parte do relatório arqueológico parcial e final do licenciamento da obra cuja autoria é de Farias & DeBlasis (2008 e 2009).

Com o controle superficial e sub-superficial dos vestígios arqueológicos delimitando-se suas concentrações e estruturas foi possível determinar com maior precisão as dimensões dos sítios arqueológicos. Com esta determinação, o interesse passou a ser então delimitar as dimensões das estruturas de terra preta identificadas, assim como evidenciar as concentrações cerâmicas associadas a estas. Partimos então a escavação de trincheiras de 50cm de largura atingindo comprimentos que permitissem delimitar as dimensões, em pelo menos um dos eixos da mancha de terra preta (entre 5m e 18m de comprimento, dependendo da mancha) e (em geral) de 50cm a 1m de profundidade. Escavadas em níveis artificiais de 10cm, estas trincheiras foram alinhadas com o *grid* de quadras estabelecido previamente, a fim de geo-referenciar os vestígios em seu contexto espacial (ver gráfico de datações dos sítios em anexo 05 e tabela dos sítios identificados na pesquisa em anexo 31).

2.4.1. Sítio Riacho dos Franciscos I

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Guarani Riacho dos Franciscos I localiza-se no município de Jaguaruna, na localidade do Riacho dos Franciscos. O sítio localiza-se exatamente no topo de uma paleo-duna, à beira do riacho conhecido pelo mesmo nome, numa área de ecótono ambiental. Este local é também a extremidade norte do cordão de paleo-dunas, quando ocorre um “corte” pelo riacho que corre no local no sentido nordeste - sudoeste, formando uma planície charcosa.

Pelo mapa arqueológico publicado em Rohr (1969) é provável que este sítio arqueológico tenha sido identificado anteriormente e nomeado pela sigla SC-J-46. É de se notar que no mapa, o sítio possa ter sido plotado do outro lado da estrada, num ponto que foi usado como área de empréstimo pela obra de engenharia. Neste caso, sugerimos que o sítio estendia-se numa área bem mais ampla que atualmente sofreu um forte impacto com a retirada de terra ou, por outro lado, teria sido plotado pelo autor citado de maneira equivocada, certamente em virtude da ausência de equipamentos de geo-referenciamento. Esta é uma informação importante se pensarmos no croqui da aldeia, em que é possível que tenhamos trabalhado numa área periférica da mesma.

Em termos ambientais, o sítio situa-se numa área privilegiada, que permite um controle bastante amplo da paisagem e dos recursos ambientais, visto que a apenas 100 metros ao norte existe a planície charcosa do riacho dos Franciscos; 2,3km para o sudeste

se encontra a Lagoa da Encantada; a 2km para o norte se localiza a Lagoa da Garopaba e a pouco mais de 4,5km para o sudeste se localiza o mar. A localização do sítio Riacho dos Franciscos I ocorre em um ponto da paisagem onde se pode ter acesso a todos esses recursos hídricos, permitindo compreendê-lo como um espaço estrategicamente ocupado pelas populações Guarani para otimização de captação de recursos, dos quais podemos citar diversos tipos de aves, peixes, répteis e anfíbios, bem como diversas espécies de conchas que habitam essa zona ecótona. Além disso, nos arredores do sítio existem planícies de inundação e cordões de dunas, nas quais a vegetação nativa ainda se faz presente, mesmo que em proporção muito reduzida (ver croqui de implantação e topografia do sítio Riacho dos Franciscos I em anexos 06 e 07).

(1) Vista geral do sítio, sentido oeste-leste com trabalho de sondagens. Ao fundo propriedade do Sr. Santinho. (2) Vista geral do sítio, sentido leste-oeste: ao fundo propriedade do Sr. Zaqueu.

✓ Metodologia de intervenção

A metodologia de trabalho abrangeu as etapas de prospecção e escavação de trincheiras e unidades de escavação que permitiram definir a área de dispersão do sítio arqueológico, avaliar aspectos de impactação física por processos pós-deposicionais e identificar estruturas arqueológicas em sub-superfície.

1) **Prospecções arqueológicas:** Em vias de contemplar a espacialidade do assentamento foi realizada, em primeiro lugar, uma série de escavações de 30 sondagens de 50cm de lado ao longo do terreno, abrangendo uma área de 100m x 30m (3000m²). As sondagens, com espaçamento equidistante de 10m, foram delimitadas de forma sistemática, seguindo três linhas paralelas no sentido nordeste - sudoeste. A escavação das sondagens foi realizada com uso de pá e peneiramento em malha de 4mm, em níveis artificiais de 10cm, atingindo a profundidades de 50cm a 80cm, quando se atinge o estrato basal estéril da paleo-duna. Apenas em três sondagens foram identificados materiais

arqueológicos, pontos estes onde iniciamos a realização de trincheiras e unidades de escavação mais ampla.

2) **trincheiras e unidades de escavação:** Após a escavação de sondagens, visualização e controle de materiais em superfície foi possível averiguar o setor do sítio com maior potencial de pesquisa, onde a intervenção arqueológica se deu com maior ênfase. Resolvemos então iniciar a escavação de duas trincheiras.

a) **Trincheira 1:** A trincheira 1 (T1) foi definida no sentido noroeste-sudeste, em meio à roça de mandioca, ao pomar e ao jardim cultivados na propriedade domiciliar do proprietário do terreno, no topo da duna estabilizada onde o sítio está implantado, entre o barranco formado com a construção da SC-487 e a lateral da casa. Trata-se de uma área que apresenta algumas dezenas de fragmentos de vasilhas cerâmicas Guarani em superfície. É importante ressaltar que a escolha deste local de escavação da trincheira se deu também em função de que o proprietário do terreno, o Sr. Zaqueu informou que quando construiu o alicerce de sua casa, encontrou junto ao tronco de uma árvore um pote cerâmico, que pela descrição deduzimos se tratar de uma urna funerária, a qual foi perdida com o tempo.

Esta trincheira é dotada de 10m de comprimento por 50cm de largura até o nível 8 (80cm de profundidade), desde a quadrícula 1.000N/1.000E até 991N/1.000E. A trincheira ainda foi escavada com 7m de comprimento pelos mesmos 50cm de largura até o nível 13 (1,25m de profundidade), a partir da quadrícula 997N/1000L até a 991N/1000L.

A escavação da trincheira revelou uma estratigrafia intensamente perturbada, basicamente constituída por duas camadas. Os fatores antrópicos de impactação do sítio responsáveis pela perturbação da sub-superfície são evidentes desde a superfície, sendo os mais agressivos o corte da encosta da duna com a construção da SC-487, o qual resultou numa ravina por onde os materiais arqueológicos escorrem barranco a baixo, e o aterro e a terraplanagem associados à construção das residências do proprietário.

A *camada 1*, encerrada desde a superfície até 30cm e 65cm de profundidade desde a quadrícula 1000N/1000L até 998N/1000L, e profundidade indefinida entre as quadrículas 997N/1000L e 991N/1000L, é constituída por solo arenoso acinzentado, repleto de entulhos, tais como fragmentos de tijolos e telhas, britas e azulejos, e lixos, como garrafas pet, sacolas plásticas, material orgânico e etc., com presença de material arqueológico Guarani em quantidades consideráveis, principalmente constituídos por fragmentos de vasilhas cerâmicas, mas também por vestígios líticos de lascamento, como refugos, lascas utilizadas, núcleos e percutores e de polimento, como blocos de arenito com polidores de sulcos e seixos utilizados enquanto alisadores. Foram detectados muitos

carvões, porém todos foram descartados em virtude do grau de perturbação da estratigrafia.

A *camada 2*, observada apenas nas quadrículas escavadas até o nível 8, desde o fim da camada 1 até 80cm, é formada por solo arenoso marrom/amarelo escuro, com pouca quantidade de lixos e entulhos, bem como arqueologicamente estéril. Diante do exposto, torna-se evidente que a camada 1 constitui o aterro da ravina, construído para sustentar a casa do proprietário do terreno, onde os materiais arqueológicos, inclusive solos escuros antropogênicos, foram misturados com lixo e entulho, bem como que a camada 2 constitui uma porção ainda restante da camada basal da duna estabilizada.

Demarcação da trincheira 1. Nota-se o corte da duna e a construção da estrada numa quota mais baixa, demonstrando bem que o sítio sofreu um corte significativo quando da construção da estrada.

(1) Trincheira 1: vista norte-sul. Note-se o entulho recente nas paredes e na base da quadra 998N/1000L; (2) Trincheira 1: cerâmica com decoração pintada em vermelho sobre engobo branco

Camadas remexidas pelo uso atual do solo

3) **Trincheira 2:** A trincheira 2 (T2) foi demarcada a 30m de distância e paralela à Trincheira 1. Localizada no limite entre o terreno do Sr. Santinho e do Sr. Zaqueu, a trincheira 2 também foi escavada no sentido noroeste-sudeste, com 10m de comprimento X 50cm de largura, abrangendo a área de ocorrência de materiais identificados na escavação das sondagens. Neste sentido, o principal objetivo desta trincheira foi então contemplar a área de ocorrência de materiais e delimitar a dispersão sub-superficial da estrutura de terra preta identificada primeiramente na sondagem 1000N/1030E. A escavação desta trincheira seguiu o mesmo padrão dos poços testes, em que a partir de 50cm de profundidade não ocorrem materiais arqueológicos, mas mesmo assim, seguimos a escavação até o nível 8 (80cm de profundidade). A trincheira seguiu então desde a quadrícula 998N/1030L até a quadra 1007N/1030L⁸.

A *Camada 1* da trincheira 2 é composta por sedimento de coloração bege/cinza claro com granulometria média, alta umidade e ocorrência de raízes, encerrando-se desde a superfície até as medidas entre 35 e 40cm de profundidade. É uma camada com ocorrência de entulhos recentes, como telhas e tijolos, plásticos e garrafas pet, linha de pesca, etc.. São também encontrados alguns poucos materiais cerâmicos Guarani, o que demonstra ter havido um processo pós-deposicional antrópico recente, interferindo no registro arqueológico passado.

A *Camada 2* é composta por sedimento de coloração cinza escuro/preto com granulometria média e pouca umidade, com menor quantidade de raízes que a camada superior, escasseando conforme segue a profundidade. Trata-se de um “pacote” de sedimento com coloração cinza escuro/preto com presença de alguns entulhos no topo da mesma e uma quantidade significativa de cerâmica e materiais líticos tipicamente Guarani. Este pacote sedimentar é ainda composto por grande quantidade de fragmentos de carvão em toda camada, associados a fragmentos de cerâmica Guarani. É importante destacar a ausência de vestígios osteodontoqueráticos na camada 2 e suas subdivisões, descritas abaixo. Na sua extremidade norte (*camada 2A*), ocorre uma feição arqueológica, que foi interpretada como uma estrutura de combustão, composta pela mancha preta com carvões pequenos, médios e grandes, fragmentos de cerâmica e pacotes de sedimento com coloração cinza, de textura fina e seco, cheirando a cinza, o que sugere se tratar de cinzas espalhadas ao redor da fogueira. A presença de cinzas em maior quantidade no lado esquerdo da estrutura (visão frontal) indica que isto tenha ocorrido em função da atuação do vento NE.

⁸ A quadra 1005N/1030L (nível 5) da Trincheira 2 deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em 110 ± 40 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1705 a 1953 da Era Cristã ou 245 a -3 AP** (Beta Laboratory Inc., nº 262756). Claramente esta datação indicou um problema de perturbação das camadas arqueológicas do contexto escavado, não sendo uma data que será levada em consideração para a composição do modelo teórico, pois provavelmente se trata de uma data que indica a ocupação açoriana na região ou mesmo as ocupações atuais.

A *Camada 2B*, localizada acima da estrutura de combustão, ocorre uma mancha de sedimento cinza e grandes carvões associados. A forma da feição arqueológica, ligada à superfície do solo e próxima de um moirão de pedra da cerca de arame, sugere que se trate de uma intervenção recente, que causou uma perturbação estratigráfica, atingindo a estrutura de combustão descrita acima. A *Camada 3*, por sua vez, é composta por sedimento de coloração marrom/amarelo escuro com granulometria média. Trata-se do substrato basal estéril da paleoduna, sem materiais arqueológicos.

Trincheira 2: vista sul-norte

Trincheira 2: evidência de pote cerâmico sem decoração

Ainda em busca de delimitação da estrutura de terra preta, resolvemos delimitar uma nova trincheira perpendicular a Trincheira 3 (T3), portanto, no sentido leste-oeste. A T3 de 4m de comprimento x 50cm de largura foi escavada até o fim da ocorrência da mancha de terra preta, seguindo os mesmos procedimentos metodológicos das outras duas trincheiras. Sua escavação fez com que a T2 se tornasse um “T”.

Com a definição da dispersão da estrutura de terra preta em dois eixos, buscou-se ampliar a área de escavação através de quatro quadras de 1m x 1m, limitadas pela Trincheira 2 ao oeste. Esta escavação resultou então numa área de decapagem de 4m², em que foram evidenciadas outras feições arqueológicas, ao longo de 6 níveis artificiais de 10cm de profundidade. A escavação desta área permitiu inferir com maior precisão que a mancha de terra preta evidenciada se trata mesmo de uma estrutura arquitetônica, sendo talvez o fundo de uma cabana Guarani e a estrutura identificada nas quadras 1004N/1030L e 1005N/1030L (ver desenho de perfil acima) se trata de uma estrutura de combustão no interior desta vivenda. Nos desenhos de distribuição dos vestígios materiais abaixo podemos perceber que a estrutura de combustão se estende no sentido oeste-leste, adentrando na parede da Trincheira 2.

Dispersão horizontal dos vestígios arqueológicos na área de 4m², entre os níveis 1 e 6.

✓ **Unidade 1**

A unidade 1, dotada de 2m de comprimento por 50cm de largura foi escavada na área onde supostamente haveria um casqueiro, como afirmado pelo Sr. Zaqueu. A superfície constituía-se por solo areno-argiloso preto, com entulhos, lixos, carvões, conchas e declividade acentuada, pois é uma área de barranco, em que o terreno decai em direção ao banhado da planície do riacho. A pequena trincheira de 2m de comprimento foi escavada em 11 níveis artificiais, em que foram evidenciadas duas camadas de solo: a **camada 1** (20cm), formada pelo mesmo solo da superfície, com presença de material arqueológico em pouca densidade, associado a conchas, entulhos e lixos; e a **camada 2B** (camada basal da paleo-duna), composta por solo arenoso marrom-alaranjado, com conchas, entulhos, lixos e materiais arqueológicos em baixa densidade entre a profundidade de 20 e 40cm. Nesta camada foi detectado um bolsão de conchas de berbigão entre os níveis 6 e 7 (60-70cm), o qual interpretamos como uma estrutura de refugio secundário relativa à deposição de conchas, talvez como restos de alimentação ou material construtivo usado na aldeia.

Trata-se, portanto, de um pacote com aproximadamente 20cm de espessura com conchas que ainda não foram analisadas para identificação taxonômica. Como hipótese inicial, sugerimos que este pacote de conchas seja um contexto de refugio secundário (lixeira), resultado de restos de alimentação que foram jogados próximos (talvez no fundo) da casa, na área de declive do terreno em direção ao banhado do riacho. Por outro lado, outra hipótese é que se trate de materiais conchíferos acondicionados para então servir como material construtivo para o fundo das cabanas, ou seja, material para aterro semelhante ao que vemos atualmente os moradores da região usar para a construção de suas casas. Esta mesma prática é comumente descrita entre os Mbyá-Guarani do sul do Brasil, os quais utilizam materiais construtivos (geralmente barro) para nivelar o piso das casas, mas que aqui, poderiam estar usando as conchas, exatamente como fazem os moradores locais atualmente. A este material os índios dão o nome de *tudju* (Monticelli 1995, Milheira 2008a, 2008b, Milheira e Alves 2009).

Perfil estratigráfico da unidade 1, indicando o bolsão de conchas nos níveis 60 e 70 da camada 2B. este contexto foi interpretado como refugio secundário (lixeria) ou como material a ser usado para fins construtivos pelos habitantes da aldeia.

(1) Unidade 1: foto no sentido sul-norte. Note-se o entulho no topo da trincheira; (2) Unidade 1: Camada de conchas nos níveis 60-70.

2.4.2. Sítio Morro Bonito I

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Morro Bonito I se situa no município de Jaguaruna, nas redondezas do morro cristalino proeminente na paisagem conhecido regionalmente como Morro Bonito, exatamente no topo de uma paleo-duna, à beira do riacho conhecido como Riacho dos Franciscos, numa área de ecótono ambiental. Este local é também a extremidade norte do cordão de paleo-dunas, quando ocorre um “corte” pelo riacho que corre no local no sentido nordeste - sudoeste, formando uma planície charcosa.

No que se refere às questões de recursos ambientais, o sítio se localiza numa área que permite um controle bastante amplo da paisagem e seus recursos, pois a apenas 300m ao norte se situa a planície charcosa do riacho dos Franciscos; 3,3km para o sudeste se encontra a Lagoa da Encantada; a 3 km para o leste se localiza a Lagoa da Garopaba e a pouco mais de 5,5km para o sudeste se localiza o mar. A localização do sítio Morro Bonito I se dá numa localidade onde se pode ter acesso a todos esses recursos hídricos, permitindo compreendê-lo como um espaço estrategicamente ocupado pelas populações Guaraní para otimização na captação de recursos, dos quais podemos citar diversos tipos de aves, peixes, répteis e anfíbios, bem como diversas espécies de conchas que habitam essa zona ecótono. Além disso, nos arredores do sítio existem planícies de inundação e cordões de dunas, nas quais a vegetação nativa é presente, mesmo que em escala muito reduzida, dada a grande quantidade de terras aradas pela agricultura local, fator este que vem a complexificar o registro arqueológico (ver croqui de implantação e topografia do sítio Morro Bonito I em anexos 08 e 09).

(1) Vista geral do sítio no sentido sul-norte; (2) Vista geral da estrada onde se localiza o sítio.

✓ Metodologia de Intervenção

A metodologia de pesquisa do trabalho foi pensada inicialmente para definir a área de dispersão do sítio arqueológico, em que se realizaram atividades de coleta de superfície de materiais, seguida de escavação de poços testes com escavadeira manual e pá. Com esta abordagem, buscou-se identificar, além de vestígios superficiais, também possíveis estruturas arqueológicas em sub-superfície.

1) **Coleta de superfície e Prospecções arqueológicas:** Junto ao trabalho de prospecção foi realizada a coleta de superfície de vestígios cerâmicos, atividade esta que foi dividida em quatro setores distintos, dos quais se destaca a área 4, caracterizada por uma mancha de terra preta, onde foi identificada a maior parte dos materiais coletados. A prospecção arqueológica foi a principal atividade que permitiu a identificação de estruturas arqueológicas. Ao longo do terreno foram realizados 25 poços testes na Área sul do sítio, com 50cm de lado x 60cm de profundidade, espaçados de forma equidistante em 20m em linhas paralelas no sentido nordeste - sudoeste. Além disso, realizamos a escavação de 69 poços testes com escavadeira manual, espaçados entre os poços testes de 50cm, também na Área oeste. Por outro lado, na Área norte foram escavadas mais 6 PTs de 50cm de lado x 60cm de profundidade no sentido nordeste - sudoeste e 11 PTs com escavadeira manual.

2) **Demarcação e intervenção de estruturas de terra preta**

Através das prospecções foi possível identificar ao longo do sítio três manchas de terra preta que sugerem se tratar de estruturas arquitetônicas. Seguiu-se então o trabalho de delimitação das manchas de terra, tanto nas suas dimensões horizontais como verticais.

Mancha A: esta mancha de terra preta se situa na Área 1 da porção oeste do sítio, onde o terreno não tem cobertura vegetal, inclusive, sendo este o motivo que possibilitou identificar a mancha, a qual é facilmente visível em superfície pela sua coloração que se destaca no solo. Esta mancha foi medida em 18m no eixo sudeste - noroeste e 10m no seu eixo sudoeste-nordeste, apresentando um formato elipsoidal. Para melhor caracterização desta mancha, optamos em realizar uma intervenção intra-sítio vertical, que permitiu evidenciar as camadas estratigráficas e, mais especificamente, a camada de terra preta que caracteriza a estrutura arquitetônica. Esta intervenção foi iniciada com a escavação de 11 PTs com escavadeira, espaçados em 3 m no sentido sudoeste-nordeste e sudeste - noroeste, seguindo-se a abertura de uma quadra de 50 cm de lado que foi estendida, formando uma trincheira (T4) de 3m x 50cm. É importante ressaltar que quando iniciamos o trabalho de sondagens no terreno, fomos informados pelo

proprietário que a mancha de terra preta no solo teria sido originada em função de que no local já existiu a casa de um parente. Neste caso, a mancha não seria de origem Guarani, mas sim, formada pela implantação recente da referida residência. Este procedimento interventivo permitiu distinguir duas manchas diferenciadas, uma de coloração cinza clara, com vestígios de materiais de construção recentes (tijolos e telhas) e uma mancha de terra cinza escuro/preta, de origem indígena, inclusive com materiais cerâmicos Guarani em superfície e sub-superfície.

Trincheira evidenciando camada de terra preta da Mancha A. Nota-se no perfil das quadras escavadas a camada de sedimento escuro que compõe a estrutura arqueológica.

Mancha B: esta estrutura se localiza na área 3, muito próxima da estrada que vem sendo construída. Para evidenciar e caracterizar esta mancha foi realizada a limpeza da barranca da estrada, formando uma parede vertical (Perfil 2), em que foi identificada uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica. Foi retificado um perfil com 8m de comprimento x 85cm de profundidade no sentido noroeste-sudeste, que permitiu visualizar a camada de terra preta (entre as quadras 960N/999L e 967N/999L). Seguindo-se então a busca pela extensão do diâmetro da mancha de terra preta, logo, optamos por escavar uma trincheira (T3) perpendicular ao perfil, em que demarcamos 10 m, no sentido sudoeste-nordeste. Desta trincheira, escavamos apenas a quadra da extremidade sudoeste, sem ocorrência da camada preta e as duas primeiras da extremidade nordeste, em que a camada de terra preta foi evidenciada. Da mesma forma que as outras trincheiras do sítio, neste caso também foram coletadas amostras de carvão para datação. Com a delimitação da mancha através da retificação e limpeza de perfil e escavação da trincheira foi possível compreender que a mesma foi fortemente impactada pela construção da estrada, o que nos permitiu delimitar aproximativamente que tem em torno de 8m de diâmetro.

Retificação de perfil e escavação da trincheira, evidenciando camada de terra preta da mancha B. Nota-se a feição arqueológica (2A) em forma de depressão que se localizaria no centro da mancha.

Mancha C: esta estrutura se localiza no terreno da Área leste do sítio. Ao realizar a escavação da sondagem 1057N/1024L foi evidenciada uma camada de terra preta a 12cm de profundidade, chegando até 40cm. Nesta sondagem foram coletadas também dezenas de fragmentos cerâmicos com espessuras variadas, desde grossas paredes até paredes finas, o que sugere se tratar de potes de variadas dimensões. Esta sondagem também permitiu identificar que a primeira camada é composta de saibro avermelhado, referente ao antigo traçado da estrada, a qual foi redesenhada pela obra de engenharia civil atual.

Trincheira 1: Ao identificar esta estrutura arqueológica em profundidade, resolvemos ampliar a área de escavação demarcando uma trincheira (T1) de 6m de comprimento x 50cm de largura, que partiu do PT escavado, seguindo no sentido sudoeste-nordeste. Objetivou-se, com esta trincheira, delimitar a dispersão da camada arqueológica de terra preta e evidenciar contextos arqueológicos que permitissem discutir a função do sítio. Seguiu-se então a escavação desta trincheira ao longo das quadras 957N/1024L até a quadra 957N/1029L, até uma profundidade de 60cm, demonstrando se tratar de uma camada de terra preta em que as evidências arqueológicas ocorrem densamente. Em função de duas feições arqueológicas identificadas, foi necessário que em uma das quadras fizéssemos um aprofundamento maior (quadra 957N/1026L), chegando até 80cm de profundidade. É importante ressaltar que foram coletadas dezenas de amostras de carvão para datação, assim como duas amostras para análise de micro-morfologia (estas na quadra 957N/1024L).

A quadra 957N/1026E da Trincheira 1 (nível 3) deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em 520 ± 50 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1410 a 1450 da Era Cristã ou 500 a 540 AP** (Beta Laboratory Inc., nº 262753)⁹.

A *Camada 1* da trincheira 1 é composta por saibro da estrada antiga e se estende até a quadra 957N/1025L. Esta camada impactou as camadas subsequentes em função de que se tratava de uma estrada, inclusive, nota-se uma elevação na extremidade sudoeste da trincheira, referente à estrada. Ausência de materiais arqueológicos. A *Camada 2* é composta por sedimento de coloração bege/cinza claro com granulometria média, alta umidade e ocorrência de raízes, encerrando-se desde a superfície até as

⁹ As datas convencionais fornecidas pelo Beta Laboratory Inc. foram calibradas através do *software* Calib 6.0.1, utilizando os dados da curva de calibragem SHCal04. As interpretações levaram em consideração o intervalo apresentado em 1SIGMA (McCormac et al 2004).

medidas entre 35cm e 40cm de profundidade. A superfície do terreno é coberta por vegetação gramínea e um grande jardim com árvores de pequeno e médio porte, bem como plantas domésticas, além disso, no mesmo terreno encontra-se uma pequena fruteira. A frequente utilização do terreno fez com que esta primeira camada estratigráfica ficasse bastante impactada e com a presença de materiais recentes (entulhos recentes, como telhas e tijolos, plásticos etc.).

A *Camada 3* é composta por sedimento de coloração cinza escuro/preto com granulometria média e pouca umidade, com menor quantidade de raízes que a camada superior, escasseando conforme segue a profundidade. Trata-se de um “pacote” de sedimento com coloração cinza escuro/preto com presença de alguns entulhos no topo da mesma, decorrentes da primeira camada e uma quantidade significativa de cerâmica e materiais líticos tipicamente Guarani. Neste pacote sedimentar encontra-se muita quantidade de carvão, mas, por outro lado, nenhum tipo de vestígio arqueofaunístico. Nesta camada foram ainda identificadas duas feições arqueológicas (*feição 3A e 3B*).

A *Feição 3A* se situa na quadra 957N/1025L, tendo seu registro evidenciado por um bolsão de sedimento preto que se aprofunda além dos 60cm de profundidade. não escavamos esta feição até sua profundidade total, mas é possível projetar que a mesma se aprofunde até os 75cm, com uma espessura de 65cm. Nesta feição foram identificados muitos fragmentos de cerâmica, demonstrando que a feição pode ser interpretada como uma fogueira residencial. A *Feição 3B* se caracteriza de forma muito semelhante à anterior. Foi evidenciada na quadra 957N/1026L e aprofunda-se até 75cm com uma espessura de 45cm no seu centro. De maneira semelhante à feição anterior, foram identificadas dezenas de fragmentos de cerâmica nesta feição arqueológica, o que permite interpretá-la como uma estrutura de combustão (fogueira residencial).

A *camada 4*, por fim, é composta por sedimento de coloração marrom/amarelo escuro com granulometria média. Trata-se do substrato basal da paleoduna, sem materiais arqueológicos. Na medida em que objetivamos delimitar a área de dispersão desta mancha preta em sub-superfície, realizamos uma série de sondagens com escavadeira manual partindo da trincheira em todas as direções. Além disso, realizamos a limpeza e retificação da barranca de construção da estrada, formando uma parede que permitiu identificar a presença da camada preta. Desta forma conseguimos perceber que a mancha de terra preta tem um eixo maior de 25m, no sentido noroeste-sudeste e um eixo menor de 17m, no sentido sudoeste-nordeste. De forma curiosa, esta mancha não segue um padrão circular ou elíptico, pois o traçado evidenciado demonstra uma forma irregular, bem como o ocorrido na mancha A do sítio Sibelco (descrição abaixo).

Camada de terra preta evidenciada na T 1

Feição 3 A, na quadra 957N/1025L

Feição 3 B, na quadra 957N/1027L

Sítio: Morro Bonito I
Trincheira 1. croqui de dispersão de materiais
Nível: 50-60 cm

Legenda

- Feição 3a - Estruturas de combustão com muita presença de carvão e cerâmica
- Cerâmica
- Carvão
- Raízes
- Concentração de material histórico recente

Vista geral da trincheira

Concentração de cerâmicas lisas que remonta a um pote do tipo *cambuchi caguãã*

Gráfico de dispersão de materiais cerâmicos nos nível de 50-60 da Trincheira 1. Nota-se a concentração de fragmentos cerâmicos ao redor de uma estrutura de combustão provavelmente interna à habitação da mancha C.

Trincheira 2: como dito anteriormente, ao buscar a delimitação da mancha de terra preta resolvemos realizar a limpeza e retificação da barranca da estrada, formando um perfil (P1) que foi tratado como uma trincheira (T2) com 10m de comprimento x 70cm (em média) de largura e até 42cm de profundidade, que se estende desde a quadra 966N/1020L até a quadra 957N/1020L. Este perfil permitiu evidenciar centenas de fragmentos de cerâmica que se articulam a feições arqueológicas, sendo a continuação da mancha de terra preta anteriormente identificada na trincheira 1. Este perfil também possibilitou definir que a mancha de terra preta sofreu forte impacto com a construção da estrada, inclusive, os moradores locais quando entrevistados comentaram que no período de construção da mesma foram retirados pelas máquinas muitos potes inteiros, reforçando que o sítio sofreu forte impacto com a construção. As camadas estratigráficas da trincheira 2 são caracterizadas de forma semelhante às da trincheira 1, dada a proximidade das duas e ao fato de as duas evidenciarem setores diferentes de um mesmo contexto arqueológico. Cabe apenas ressaltar que a compactação das camadas estratigráficas, inclusive a camada de terra preta arqueológica demonstraram uma compactação muito intensa, o que gerou uma fragmentação muito grande dos materiais cerâmicos, comprimindo a camada de terra preta, que se na trincheira 1 tem até 35cm de espessura, na trincheira 2 não ultrapassa a espessura de 15cm.

As *Camadas 1 e 2* da trincheira 2 são camadas de saibro sobrepostas. A primeira camada tem uma granulometria grossa e coloração avermelhada, já, a segunda camada tem granulometria também grossa, mas com coloração amarelada. Estas duas camadas compõem a antiga estrada já referida. Ausência de materiais arqueológicos.

A *Camada 3* é composta por sedimento de coloração cinza escuro/preto com granulometria média, pouca umidade e muita compactação causada pelas camadas de saibro sobrepostas. Trata-se de um “pacote” de sedimento com coloração cinza escuro/preto com muita quantidade de cerâmica e materiais líticos tipicamente Guarani. Neste pacote sedimentar encontra-se muita quantidade de carvão. Nesta camada foram ainda identificadas sete feições arqueológicas muito próximas (*feição 3A até 3G*). Nota-se articulação entre concentrações de carvão e algumas feições arqueológicas ao longo do perfil, sugerindo se tratar de estruturas de combustão, relacionadas também a concentrações de cerâmica.

A *Feição 3A* se situa na quadra 966N/1020L, tendo seu registro evidenciado por um bolsão de sedimento preto que se aprofunda até os 43cm de profundidade, tendo uma espessura de 20cm. Esta feição sugere se tratar de uma fogueira

residencial, em função de que esta feição se estende dentro da quadra num raio de 50 cm, associada a cerâmicas.

A *Feição 3B* se caracteriza de forma muito semelhante a anterior. Foi evidenciada na transição entre a quadra 964N/1020L e 965N/1020L e aprofunda-se até 20 cm de profundidade. É interessante que esta feição se situa ao lado da *Feição 3G*, a qual foi interpretada como um negativo de esteio ou estaca, com 17cm de diâmetro e 30cm de profundidade. Esta relação próxima entre as duas feições sugere se tratar o negativo seja um poste central da vivenda, que teve ao lado uma fogueira. Trata-se, neste caso, de uma fogueira doméstica de queima permanente, a qual pode ser interpretada como a fogueira central da vivenda.

A *Feição 3C* se situa também na quadra 964N/1020L, com uma espessura de 18cm. A *Feição 3D* se situa na quadra 961N/1020L, com uma espessura de 13cm. A *Feição 3E* se situa na transição entre as quadra 960N/1020L e 959N/1020L, com uma espessura de 13cm. Além de estar articulada a concentração de cerâmica e carvão, esta feição arqueológica chama atenção em função de que foram evidenciados 2 otólitos calcinados (bagre?) e um fragmento de madeira parcialmente carbonizado. No limite oeste desta feição se encontrava um negativo de esteio com 16 cm de diâmetro, sugerindo se tratar de uma fogueira com um esteio que foi queimado desde sua base. É importante ressaltar que este negativo estava numa posição verticalizada, o que pode estar relacionado a uma queda do poste no sentido leste-oeste, seguindo o eixo maior da mancha de terra preta. A *Feição 3F* se localiza na quadra 958N/1020L, numa profundidade entre 25 e 34cm com uma forma elíptica em sua base. Sugere uma articulação com o esteio da quadra 959N/1020L.

A *camada 4*, por fim, é composta por sedimento de coloração marrom/amarelo escuro com granulometria média. Trata-se do substrato basal da paleoduna, sem materiais arqueológicos e sem vestígio de ocupação.

(1)Trincheira 2: nota-se a camada de terra preta ao longo do perfil; (2) Trincheira 2: evidência da camada de terra preta e contextos cerâmicos

Diferentes contextos cerâmicos, articulados às feições arqueológicas e concentrações de carvão identificados ao longo da escavação.

Feição 3D: negativo de poste

Feição 3F: negativo de poste com base elinsóide

Negativo de esteio associado à feição 3D. Nota-se os fragmentos de cerâmica que sugerem se tratar de cunhas para sustentação do poste

Croqui de dispersão de materiais no nível 30-40 da trincheira 2. Observa-se a articulação entre fragmentos de cerâmica, líticos e vestígios arqueofaunísticos em torno de estruturas de combustão e de estruturas de esteios/estacas que compunham a habitação.

2.4.3. Sítio Sibelco

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Sibelco se situa no município de Jaguaruna, distribuído entre os terrenos da empresa de mineração UNIMIN, do terreno da fábrica de beneficiamento de quartzo e do terreno do Sr. Donja, o qual reside na comunidade a mais de 30 anos. No que se refere a sua localização no meio ambiente, o sítio se situa num terreno que pode ser caracterizado como paleo-praia em que se pode ter um amplo controle dos recursos paisagísticos, pois a 6km na direção sul se encontra o mar, a 7,5km ao leste se situa a Lagoa da Garopaba e em torno do sítio, formam-se terrenos alagados (banhados). Estes recursos todos permitem ter um controle de vários tipos de recursos, o que possibilita uma otimização para captura de diversos tipos de espécies de peixes, aves e mamíferos nas cercanias do sítio.

No que se refere à articulação com outros sítios Guarani, as pesquisas de levantamento de campo deverão identificar novos sítios próximos ao Sibelco. Neste momento, podemos dizer apenas que os mesmos se situam dentro de um território de domínio que se estende por mais de 6,5km se considerarmos a distância entre o sítio Laranjal I e Sibelco. Ainda pensando em relações contextuais, o sítio Sibelco se situa a 3,8km do sítio Morro Bonito 1, e 4,5km do sítio Riacho dos Franciscos, sendo, portanto, espaços relacionados de ocupação Guarani (ver croqui de implantação e topografia do sítio Sibelco em anexos 10 e 11).

(1) Vista geral do sítio, sentido sul-norte: propriedade do Sr. Donja. Ao fundo, morro cristalino; (2) Vista geral do sítio, sentido norte-sul: Ao fundo destacam-se as dunas e empresa UNIMIN mineradora

✓ Metodologia de Intervenção

Ao longo dos trabalhos de prospecção perceberam-se diferenças no terreno, relacionadas ao uso da terra para diversos fins. Em função disto, dividimos a área de intervenção para prospecções em *Área norte* (ao lado norte da rodovia SC-487) e *Área sul* (ao lado sul da mesma rodovia). Na *Área norte* não foi identificado vestígio arqueológico de ocupação Guarani, já, na *Área sul* se situa a cultura material referente à ocupação. Logo, foi aí que nos prendemos com maior intensidade durante o trabalho interventivo, subdividindo-se esta área em outras quatro áreas, as quais se diferenciam pelas evidências do uso da terra.

✓ Área sul

Área A: corresponde ao espaço onde se encontra a empresa *Ketch* de beneficiamento de quartzo. Nesta área se encontra a fábrica, o escritório e a pequena estrada de movimentação dos caminhões da empresa, o que gerou um terreno coberto, em parte, com britas e cascalhos, por este motivo não realizamos sondagens. Na *Área A1*, dentro desta primeira, foram escavadas sondagens e verificou-se que o terreno já não sofreu tanto impacto da movimentação dos caminhões, sendo menos impactado e, talvez por isso, ainda encontra-se alguns fragmentos de cerâmica tanto na superfície como nas sondagens.

Área B: esta área corresponde a uma parte do terreno que é de propriedade da Mineradora UNIMIN e é coberto, na porção norte, por uma mata secundária de pequeno porte e arbustos esparsos, além de capim alto. Neste terreno, as sondagens evidenciaram uma camada de saibro de 10cm de espessura no nível 1 (0-10cm de profundidade). Ao conversar com moradores locais, ficamos sabendo que este trecho teria sido uma antiga estrada que dava acesso às dunas ao sul do sítio, quando estas eram exploradas para mineração por outras empresas anteriormente.

Área C: esta área compreende o terreno do Sr. Donja e é atualmente campo para criação de gado. Não notamos, além da casa e galpões, mudanças significativas no terreno que evidenciem um uso da terra mais intensivo, o que explicaria a boa conservação dos vestígios arqueológicos em relação às outras áreas do sítio.

Área D: esta área também é parte do terreno da empresa mineradora UNIMIN e na sua porção norte (*Área D1*) as sondagens demonstraram a presença de saibro e grande quantidade de entulhos nos primeiros 10cm, possivelmente em função da construção de

benfeitorias e casa de eletricidade da empresa. Na *Área D*, propriamente dita, não se encontra saibro e entulhos, mas eucaliptos recentemente plantados.

1) **Prospecções arqueológicas:** a prospecção arqueológica foi a principal técnica que visou a definir a distribuição dos vestígios materiais do sítio, e, com isso, compreender a amplitude do mesmo no terreno. Foram realizadas ao longo do terreno 435 sondagens com cavadeira manual (69 poços testes na *Área A1*; 97 PTs na *Área B*; 170 PTs na *Área C*; 47 PTs na *Área D*; 52 PTs na *Área norte* do sítio). As prospecções, realizadas com a abertura de sondagens com cavadeira manual permitiram definir que o sítio arqueológico se dispersa numa área de aproximadamente 42.500m², somente na *Área sul*. É importante ressaltar que juntamente às sondagens foi realizada coleta de superfície sistemática, o que contribuiu para definição da amplitude espacial do sítio.

Foi realizado, em primeiro lugar, a escavação de 374 PTs ao longo da *Área sul*, espaçadas de forma equidistante em 10m e até 1m de profundidade. As sondagens foram realizadas de forma sistemática em linhas paralelas no sentido norte-sul, abrangendo os 42.500m² que correspondem ao sítio (250m x 170m). Dos 374 poços testes realizados na *Área Sul* do sítio foram identificados materiais cerâmicos em 33 PTs (9 na *Área A1*; 5 na *Área B*; 19 na *Área C*). Na *Área norte* foi encontrado material em apenas 1 PT, o que demonstra que este setor não corresponde ao sítio arqueológico. Estes materiais se encontram em sub-superfície entre 0 e 70cm de profundidade em geral, não tendo sido encontrado material abaixo deste limite, quando inicia o estrato basal.

2) **Demarcação e intervenção de estruturas de terra preta:** através das sondagens realizadas no terreno do sítio arqueológico, além de 33 PTs terem evidenciado fragmentos de cerâmica em sub-superfície, foi possível identificar também 5 estruturas arqueológicas de mancha preta. Estas manchas são interpretadas como manchas no solo ocasionadas pela decomposição de matéria orgânica, supostamente decorrente do abandono das estruturas arquitetônicas da aldeia (vivendas e estruturas anexas) (Pallestrini 1978; Noelli 1993; Carle 2002; Soares 2005).

✓ **Estrutura de terra preta A:** a estrutura de terra preta A se localiza na *Área A1* do sítio, logo atrás da placa de identificação do sítio Sibelco. Esta estrutura foi delimitada através de 19 PTs direcionados da periferia até a mancha preta, os quais evidenciaram fragmentos cerâmicos e a camada de terra cinza escuro/preto referente à estrutura arqueológica. A mancha tem um eixo maior de 23m, no sentido nordeste - sudoeste, e um eixo menor de 11m, no sentido noroeste-sudoeste.

De forma curiosa, a estrutura arqueológica não se apresentou de forma circular ou elíptica, como assinalam as publicações arqueológicas referentes a este tema (ver, por

exemplo, Pallestrini 1978; Noelli 1993; Carle 2002; Soares 2005). Ao contrário disto, a estrutura demonstrou ter um formato irregular, “em forma de uma pegada de bota”.

Após a delimitação da estrutura de terra preta através de sondagens, resolvemos abrir uma trincheira (T1) no sentido leste-oeste, que cortou a mesma no seu eixo menor, entre as quadras 990N/1016L e 990N/1027L. Esta trincheira, dotada de 12m de comprimento x 50cm de largura foi escavada em níveis artificiais de 10cm até a profundidade de 70cm, quando então o estrato sedimentar se torna estéril.

A quadra 990N/1022E da trincheira 1 (nível 4) deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em 550 ± 60 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1390 a 1450 da Era Cristã ou 500 a 560 AP** (Beta Laboratory Inc., n° 262752).

A *camada 1* e a *camada 2* da trincheira 1 são finas sobreposições de saibro (15cm), colocado no terreno possivelmente na pavimentação da estrada do setor B, como descrito anteriormente. A única diferença entre as duas camadas é que na primeira o saibro tem uma coloração bege e a segunda apresenta uma coloração amarelada. Porém, ambas as camadas são bastante compactadas, o que fez com que as camadas abaixo fossem comprimidas e se tornassem compactadas também. Em função de não ser uma camada arqueológica, o saibro foi todo retirado para então iniciarmos os procedimentos metodológicos com maior minúcia nas camadas subseqüentes.

A *camada 3* da trincheira é composta por sedimento de coloração cinza claro com granulometria média e ocorrência de entulhos recentes. Esta camada encerra-se entre as medidas de 35cm e 60cm de profundidade e demonstra ter sido bastante pressionada pelas camadas superiores de saibro, pois formou um arco.

A camada 4 corresponde à estrutura arqueológica em estudo, com sedimento de coloração cinza escuro/preto. Da mesma forma que a camada 3, esta também se encontra bastante compactada pela ação da pavimentação e forma também uma espécie de arco, se visto no perfil. Desta forma, este pacote estratigráfico ocorre entre 45cm e 75cm de profundidade, ou seja, com uma espessura de 30cm.

Ao longo da escavação foram identificados centenas de fragmentos de cerâmica e bastante carvão, materiais estes bastante fragmentados e dispersos, possivelmente em função do alto nível de compactação do pacote sedimentar. Este material ocorre em todos os níveis do pacote sedimentar de coloração cinza escuro/preto, mas nota-se maior frequência entre os níveis 3 e 5. é importante notar que amostras de carvão para datação

foram coletadas em todas as quadras em grande abundância, mas optamos em coletar materiais a partir do nível 4, em função da associação deste carvão com as feições arqueológicas. Identificamos e registramos 3 feições arqueológicas, com muita quantidade de carvão e fragmentos de cerâmica associados, as quais foram interpretadas como estruturas de combustão, relacionadas ao fundo da vivenda.

A *Feição 4a* se situa na base da camada 4, no centro da quadra 990N/1022L, entre a profundidade de 60 e 73cm, ou seja, com 13 cm de espessura se observado pelo perfil. A *Feição 4b* se dá se também na base da camada 4, entre as quadras 990N/1020L e 990N/1019L, entre a profundidade de 60 e 70cm, demonstrando ter espessura de 10cm, portanto. Associado a esta feição arqueológica, foi identificada uma estaca carbonizada, junto a fragmentos de carvão. A *Feição 4c*, por sua vez, se situa também na base da camada 4, entre as quadras 990N/1019L e 990N/1018L, com uma profundidade entre 60 e 75cm, logo, com uma espessura de 15cm no seu centro.

Trincheira 1, nível 4. Materiais cerâmicos evidenciados nas proximidades da base da camada arqueológica de terra preta

Trincheira 1, nível 4. Materiais cerâmicos próximos da estaca carbonizada entre as quadras 1000N/1017L e 1000N/1018L

estaca
carbonizada

Feição 4a

Feição 4b

Feição 4c

Croqui de dispersão de materiais no nível 30-40 da trincheira 1. Nota-se a articulação de materiais cerâmicos e carvões em torno das estruturas de combustão e estruturas de estacas/esteios que compunham a habitação.

✓ **Estrutura de terra preta B:** esta estrutura de terra preta se situa na *Área B* à beira da mata secundária, onde o terreno é composto em sua porção superficial por uma camada de saibro, decorrente da pavimentação da antiga estrada que dava acesso às dunas ao fundo do sítio. O trabalho de definição do tamanho desta estrutura foi realizado com a abertura de 11 PTs, através das quais pudemos perceber que a mesma tem um eixo maior de 10m, no sentido norte-sul e um eixo menor de 8m, no sentido leste-oeste, apresentando um formato elíptico (ver croqui do sítio).

As sondagens realizadas evidenciaram dezenas de fragmentos de cerâmica Guarani em 11 PTs, mas, juntamente a estes fragmentos cerâmicos, foram registrados também materiais históricos referentes a entulho recente, como fragmentos de vidros, telhas, arame, entre outros tipos. Desta forma, interpretou-se que a estrutura de terra preta teria sido formada pela ocupação Guarani, apresentando um registro arqueológico complexificado pelas ações antrópicas recentes.

Dado o fato de os materiais pós-deposicionais serem evidentemente refugio doméstico, buscamos relacionar este refugio registrado com a alguma edificação antiga. Foi então que percebemos na porção norte da *Área A1*, uma alteração do terreno que poderia ser referente a alguma antiga residência, o que nos foi confirmado pelo proprietário da empresa Ketch. De acordo com este informante, houve no local indicado uma casa antiga que foi destruída e que atualmente se encontram os vestígios de sua edificação. Desta forma, pudemos associar o refugio encontrado na área da estrutura de terra preta em questão como sendo dejetos provenientes desta residência.

✓ **Estrutura de terra preta C:** a estrutura C se localiza na *Área C*, no terreno de propriedade do Sr. Donja. Esta estrutura foi delimitada com a abertura de 13 PTs, através do que se pode compreender que a mesma tem um eixo maior de 16m, no sentido norte-sul e um eixo menor de 11m no sentido leste-oeste, apresentando um formato elíptico.

(1) Vista norte-sul da estrutura C; (2) Vista sul-norte da estrutura C

✓ **Estrutura de terra preta D:** a estrutura D se localiza na Área C, no terreno de propriedade do Sr. Donja. Esta estrutura foi identificada em superfície ao lado da estrutura C. Não foram realizadas sondagens para a delimitação da distribuição desta estrutura, pois o proprietário do terreno impediu a continuidade do trabalho. Desta forma, além das sondagens da malha, tivemos que definir a distribuição desta mancha somente através da mancha que ocorre na superfície do terreno, o que resultou na medição de um eixo maior de 32m no sentido norte-sul e um eixo menor de 27m no sentido leste-oeste. Trata-se, portanto de uma mancha de terra preta com um formato elíptico, em que ocorrem dezenas de fragmentos de cerâmica.

Demarcação da estrutura de terra preta D: sentido norte-sul e sentido leste-oeste

✓ **Estrutura de terra preta E:** a estrutura E também se situa na Área C, da mesma forma que a estrutura anterior, neste caso também não pudemos realizar um trabalho interventivo para delimitar a dispersão da estrutura de terra preta. A estrutura ocorre no PT 920N/880L e não ocorre nos PTs em torno, o que indica que a mesma tenha um diâmetro menor que 10m. Seguindo este raciocínio, colocamos como hipótese a ser testada em campo, que a estrutura tenha um formato circular com dois eixos de igual valor, em torno de 8 m nos dois sentidos.

Através do trabalho realizado até o momento, pudemos ter uma definição precisa da dispersão dos vestígios arqueológicos no terreno. Foram identificados em uma área de 42.500m² cinco estruturas de mancha preta, 32 PTs com fragmentos de cerâmica e concentrações de cerâmica entre as estruturas de mancha preta. Estes vestígios todos, articulado, indicam se tratar de uma aldeia Guarani bastante ampla, com ocupação permanente que se localiza numa planície próxima ao Riachinho.

2.4.4. Sítio Laranjal I

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Guarani Laranjal I se situa também no município de Jaguaruna a aproximadamente 500m da Lagoa do Laranjal e 500m da Lagoa da Encantada, onde é possível obter água potável. Também é importante frisar que o sítio está implantado em uma posição quase que intermediária entre a Lagoa do Camacho, à oeste, e a denominada Lagoa da Encantada e a Planície Costeira Atual, ao leste. A visibilidade de entorno é impressionante, permitindo, do topo da colina, a vista dos horizontes norte, sul e, sobretudo, leste, onde se avistam as colinas suaves situadas no entorno, a planície de inundação lacustre ao redor da Encantada e alguns dos sambaquis monumentais da região. Embora a visibilidade da Lagoa do Camacho seja obstruída pelas dunas estabilizadas (paleo-dunas) da Planície Costeira Pleistocênica, os topos das ditas dunas poderiam servir como ótimos mirantes do entorno.

Dizem os moradores que a flora e a fauna, provavelmente constituída por espécimes da Mata Atlântica, eram densas e abundantes até cerca de 50 anos atrás, quando as matas foram destocadas, com os pântanos drenados e as planícies convertidas em plantações de mandioca e campos de arroz. Predominam solos arenosos marrom, bege, amarelo, laranja e preto, relativamente férteis, como atestado pelas plantações de mandioca, abóbora, milho, arroz, melancia, cana, forragem, eucalipto e hortaliças, entre outras espécies, tanto no terreno do Sr. José quanto no dos sitiantes vizinhos (ver croqui de implantação e topografia do sítio Laranjal I em anexos 12 e 13).

(1) Vista geral do sítio, sentido norte-sul. (2) Vista geral do sítio, sentido oeste-leste durante abertura da área de escavação 3 (trincheiras 1 e 2).

✓ Metodologia de intervenção

A metodologia abrangeu as seguintes atividades em campo: a) vistoria e coleta de superfície, efetuadas através de caminhamentos no sítio e no entorno, com o objetivo de compreender a inserção do sítio na paisagem e de delimitá-lo em superfície; b) escavação de um *grid* de sondagens em malha de 10m por toda a área do sítio, executadas com cavadeira articulada, com o intuito de delimitar o contexto arqueológico em sub-superfície e detectar feições e estruturas; e c) intervenções em sub-superfície em áreas de escavação nas feições e estruturas, com o objetivo de pesquisar os contextos arqueológicos e de coletar amostras de carvão para a obtenção de datações radiocarbônicas.

1) **Prospecções arqueológicas:** Devido à baixa visibilidade da superfície do solo pela cobertura vegetal de pastagem e plantio de algumas hortaliças, os materiais arqueológicos apenas foram identificados em profundidade através dos poços testes com boca de lobo e, posteriormente, com a abertura de sondagens e trincheiras. Assim, entre os 228 PTs escavados na malha de 10m estabelecida na área do sítio, média de profundidade de 1m e diâmetro de 0,30m, 47 apresentaram materiais arqueológicos Guarani, majoritariamente constituídos por fragmentos de vasilhas cerâmicas, porém também foram achados vestígios líticos de atividades de lascamento e polimento, entre os quais alguns polidores de sulco, bem como vestígios osteológicos faunísticos e fragmentos de porcelana – sendo estes últimos provavelmente mais associados aos fatores de perturbação do sítio no âmbito da ocupação humana atual, na categoria de materiais intrusivos, que ao contexto arqueológico propriamente. Os materiais arqueológicos estão concentrados em uma área de aproximadamente 25.000m², ou o equivalente a 2,5ha, num eixo de 180m de extensão no sentido norte-sul por 140m de largura. Comparadas com as dimensões atribuídas pelo Pe. Rohr (1984), a área do sítio foi ampliada em mais de 10 vezes.

Dentre os PTs com presença de materiais arqueológicos, 35 apresentaram apenas fragmentos de vasilhas cerâmicas; outras 5 apresentaram apenas materiais líticos; 4 apresentaram cerâmicas associadas com núcleos de solo escuro; 1 apresentou cerâmicas e líticos; 1 apresentou cerâmicas e fauna (provavelmente um osso de porco) e; enfim, 1 apresentou cerâmicas e louças (provavelmente de origem industrial). Salvo raras exceções, como a lasca de basalto detectada à 0,90m na tradagem 1.010N/990E, a maioria dos vestígios foram achados entre 0,20m e 0,60m de profundidade. Os PTs com ocorrência de materiais arqueológicos, mas sem presença de núcleos de solo escuro, geralmente apresentaram camadas compostas por sedimentos arenosos marrom e marrom-claro sobre camadas constituídas por solos amarelados e alaranjados. No mais, é importante frisar que

os materiais cerâmicos detectados nos PTs 1.050N/1.000E e 1.060N/1.000E, escavadas à cerca de 8m da estrada, sugerem que a construção da SC-487 impactou ao menos parte do sítio, apesar de não terem sido descobertos vestígios arqueológicos nem nos 13 perfis de 1m por 1m retificados em intervalos de 10m ao longo do barranco da rodovia, nem nos 10 PTs escavados do outro lado da mesma.

2) trincheiras e unidades de escavação As áreas de escavação foram estabelecidas em torno dos PTs que apresentaram materiais arqueológicos associados com núcleos antropogênicos de solo escuro (manchas de terra-preta), por sua vez denominados núcleo 1, 2, 3 e 4, respectivamente detectados nos PTs escavados nas coordenadas 1.010N/960E, 1.040N/960E, 1.030N/880E e 1.060N/880E, com o objetivo de delimitá-los, descobrir estruturas e feições nos seus interiores e obter amostras para aquisição de datações. Assim, nos núcleos 1, 2 e 4, respectivamente escavados através das áreas de escavação 1, 2 e 4, as manchas de terra-preta foram delimitadas com PTs e as estruturas detectadas foram escavadas por meio de unidades de 1 m quadrado. Também foram escavadas unidades em 3 PTs que aparentemente continham concentrações de materiais cerâmicos, nas coordenadas 1.060N/970E, 1.010N/940E e 990N/940E, porém tais estruturas não foram detectadas. O núcleo 3, abordado através da área de escavação 3, foi delimitado e pesquisado com trincheiras e PTs. É interessante sublinhar que, por conta de fatores pedológicos, a delimitação dos núcleos não constitui tarefa tão simples, pois a coloração dos sedimentos torna-se difusa do centro, onde os mesmos são pretos e/ou cinza-escuros, à periferia das manchas, onde os sedimentos são marrom-escuros e/ou marrons.

a) Área de escavação 1: O núcleo de solo escuro 1, delimitado através de 21 PTs, dentre as quais 17 com presença de materiais arqueológicos, possui 17m de extensão, no sentido norte-sul, 15m de largura e profundidade entre os níveis artificiais 2 e 3. A unidade executada na área de escavação 1, empreendida na porção mais escura da mancha de terra-preta – conforme verificado através dos PTs – demonstrou que a estratigrafia, um tanto quanto perturbada pelo revolvimento do solo através do arado, apresenta, além da superfície, constituída por solo arenoso cinza-claro recoberto por pastagens, mais 3 camadas: a camada A, observada desde a superfície até cerca de 0,15m, formada por solo arenoso cinza-claro com materiais intrusivos e vestígios arqueológicos; a camada B, encerrada entre 0,15m e 0,30m, composta por solo arenoso cinza-escuro com materiais intrusivos e vestígios arqueológicos; e a camada C, observada a partir de 0,30m, constituída por solo arenoso marrom-alaranjado e arqueologicamente estéril. A unidade foi escavada até o nível 7. Foram coletados mais de 3 centenas de materiais arqueológicos Guarani, constituídos principalmente por fragmentos cerâmicos e vestígios líticos de

lascamento e polimento. Os carvões descobertos foram descartados, devido à presença de material intrusivo até a camada estéril.

b) Área de escavação 2: Os 14 PTs efetuadas na área de escavação 2, dentre as quais apenas 2 estéreis em termos arqueológicos, revelaram que o núcleo 2 apresenta 10m por 10m e profundidade entre os níveis artificiais 2 e 5. A partir da unidade escavada no centro do núcleo, foi possível constatar que a estratigrafia não foi muito perturbada, devido à ausência de materiais intrusivos. Afora a superfície, constituída por solo arenoso marrom-claro recoberto por vegetação rasteira, os 11 níveis artificiais escavados na unidade resultaram na descoberta de outras 3 camadas: a camada A, formada pelos mesmos sedimentos de superfície, encerrada entre esta e 0,20m, com presença de materiais arqueológicos em pouca quantidade; a camada B, encerrado entre 0,12m e 0,48m, constituída por solo cinza escuro com presença de muitos materiais arqueológicos; e a camada C, observada a partir de 0,44m até o fim da unidade, composta por solo arenoso marrom-alaranjado sem presença de vestígios arqueológicos. Entre os níveis 3 e 4, no quadrante SW da unidade, foi descoberta uma vasilha quebrada, porém provavelmente inteira, sobre uma grande concentração de carvão, sugerindo tratar-se de uma área de processamento de alimentos. Tal achado levou à escavação do quadrante NW da quadrícula 1.038N/941E. Comparativamente, o núcleo 2 é menor que o núcleo 1, porém apresenta maior densidade de materiais arqueológicos e uma camada de solo antrópico mais espessa. Foram recolhidos todos os grão de carvão achados desde o nível 3.

c) Área de escavação 4: Por sua vez, o núcleo de solo escuro 4, delimitado através de 17 PTs, dentre as quais 8 com materiais arqueológicos, possui 17m de eixo maior, no sentido leste-oeste, 15m de largura e profundidade entre os níveis 5 e 10. A unidade da área de escavação 4 foi empreendida no PT 1.064N/880E, onde foi descoberta uma concentração de carvão. Com a escavação da unidade até o nível 10, foi constatado que a concentração de carvão, evidenciada entre os níveis 4 e 7 em contexto com materiais cerâmicos e líticos, se trata de um único e enorme pedaço de madeira carbonizada. Além da superfície, constituída por solo arenoso cinza recoberto por forragens, a unidade revelou mais 5 camadas: a camada A, situada no nível 1, formada pelos mesmos sedimentos que a superfície e arqueologicamente estéril; a camada B, localizada entre o nível 1 e 3, composta por solo arenoso marrom-claro e com material arqueológico em pouca quantidade; a camada C, encerrada entre os níveis 3 e 5, com presença de materiais arqueológicos, principalmente nos níveis 4 e 5; a camada D, observada entre os níveis 6 e 10, porém com presença de materiais arqueológicos apenas nos níveis 6 e 7, composta por solo arenoso marrom-escuro; e a camada E, constituída por solo marrom-alaranjado,

descoberta no fim do nível 10. Em termos comparativos com os núcleos 1 e 2, o núcleo 4 apresenta as mesmas dimensões do núcleo 1, porém com eixo maior no sentido leste-oeste, menor densidade de materiais arqueológicos e maior profundidade e espessura da camada antropogênica.

(1) Unidade escavada no núcleo 1; (2) Vasilha cerâmica quebrada sobre concentração de carvão detectada no nível 3 e 4 da unidade escavada no núcleo 2; (3) Pedaco de madeira carbonizada em contexto com fragmentos cerâmicos detectada entre os níveis 4 e 7 da unidade escavada no núcleo 4

d) Área de escavação 3: Finalmente, o núcleo de solo escuro 3 foi escavado através de 2 trincheiras e 7 PTs. As trincheiras (T1 e T2) foram dispostas em eixos perpendiculares, sendo a primeira no sentido norte-sul, com 14m de comprimento, e a segunda no sentido leste-oeste, com 11m de extensão. Inicialmente, ambas as trincheiras foram escavadas com 0,50m de largura, porém posteriormente as áreas onde foram achadas concentrações mais densas de materiais arqueológicos foram ampliadas em mais 0,50m. A maioria das quadrículas escavadas nas trincheiras atingiram 0,50m de profundidade, com exceção dos quadrantes SE da quadrícula 1.026N/880E e NE da 1.025N/880E, na T1, escavados até 0,90m devido à descoberta de uma feição provavelmente originada de um buraco de esteio, bem como dos quadrantes NE da quadrícula 1.031N/879E e NW da 1.031N/878E, escavados até 1 m, tanto por conta do achado de uma feição rasa (0,60m) e alongada (mais de 0,50m de comprimento por 0,30m de largura), cuja origem provável se desconhece, quanto para conferir a estratigrafia. Os PTs foram escavados um a cada metro, alinhadas ao leste da T1, com 0,80m de fundura.

A quadra 1030N/881E da Trincheira 1 (nível 3) deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em 440 ± 40 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1446 a 1611 da Era Cristã ou 339 a 504 AP** (Beta Laboratory Inc., n° 262751).

Desafortunadamente, a delimitação do núcleo 3 não foi completa, contudo, pode-se afirmar que o mesmo possui mais de 25m de extensão no sentido norte-sul, mais de 11m de largura no sentido leste-oeste e profundidade entre os últimos centímetros do nível 2 e os centímetros iniciais do nível 5. A estratigrafia, consideravelmente preservada, apresenta, fora a superfície, formada por solo arenoso marrom-claro recoberto por forragens, mais 3 camadas de solo: *camada A*, observada desde a superfície até cerca de 0,35m em algumas quadrículas, constituída pelos mesmos sedimentos arenosos e claros vistos na superfície, com pouca quantidade de vestígios arqueológicos; *camada B*, situada entre 0,15m e 0,44m, composta por solo arenoso cinza escuro e imensa quantidade de materiais arqueológicos; e a *camada C*, observada desde 0,25m, sempre abaixo da camada escura, formada por solo arenoso marrom-alaranjado e estéril arqueologicamente.

Naturalmente, a maioria dos materiais coletados na área de escavação 3, (em torno de 3600 fragmentos de cerâmica e algumas dezenas de materiais líticos), são constituídos por fragmentos de vasilhas cerâmicas Guaraní, entre os quais se destacam os pintados de vermelho e/ou preto sobre engobo branco – sendo que em alguns destes foram notadas camadas de resinas – e os decorados plasticamente, com corrugações, ungulações e serrungulações – sendo esta última variedade mais rara. Entre os materiais cerâmicos, cabe destacar uma conta circular de colar, achada na T2. Também foram coletados muitos vestígios líticos de lascamento, como percutores, bigornas, núcleos e lascas de quartzo e sílexito, algumas com sinais evidentes de utilização, sobretudo desgastes semi-circulares nos bordos, bem como vestígios líticos de polimento, mormente polidores de sulco em blocos areníticos, seixos usados como alisadores e 2 lâminas de machado de diabásio. Além de várias feições, algumas se tratando claramente de buracos de esteio e restos de fogueira, também foram detectados alguns restos alimentícios, constituídos por alguns vestígios faunísticos osteológicos e conchíferos. Sobretudo no nível 3, onde se situa o *core* do núcleo de solo escuro, foram evidenciadas, em ambas as trincheiras, prováveis estruturas arqueológicas formadas por concentrações de fragmentos de vasilhas praticamente inteiras, muitas de tamanho grande, em contexto com porções de terra-preta dotadas de altíssima densidade de grãos de carvão e blocos líticos gretados.

Todos os grãos de carvão achados a partir do nível 3 foram recolhidos. Também foram recolhidas amostras de 0,10m cúbicos de sedimentos por nível artificial no vértice SW do quadrante NE da quadrícula 1.031N/881E. Em relação aos outros núcleos, o núcleo 3 apresenta as maiores dimensões, talvez a mesma densidade de materiais arqueológicos e a mesma profundidade e espessura da camada antropogênica do núcleo 2.

Todavia, mesmo com as dezenas de metros cúbicos de sedimentos escavados e as centenas de quilogramas de materiais coletados, é difícil afirmar com certeza quais os processos culturais associados à formação do sítio, tendo em vista a caracterização comportamental do mesmo. Apesar dos impactos sofridos pelo núcleo 1, as leituras estratigráficas sugerem, entre outras coisas, que os núcleos pesquisados tenham se formado em momentos diferentes, sendo o núcleo 4 mais antigo e os núcleos 1, 2 e 3 mais recentes e quiçá contemporâneos entre si, enquanto que a densidade de materiais indica que os núcleos podem ter se formado devido a atividades diferenciadas e processos distintos, os quais podem estar relacionados a diferentes momentos da trajetória histórica da ocupação Guarani na região.

Em se tratando especificamente do núcleo 3, as hipóteses pensadas em campo sugerem que o contexto arqueológico pode ter se originado de uma lixeira, de um fundo de cabana, de sepultamentos em urnas funerárias, ou ainda de todos esses fatos em conjunto. Apesar de sermos simpáticos à idéia do sepultamento que à da lixeira, pois acreditamos que, assim como entre os Assuriní do Xingu, uma das últimas populações ceramistas de língua Tupi-Guarani na Amazônia, onde Silva (2000, p. 99), além de ressaltar “que as vasilhas são um patrimônio para as ceramistas”, também constatou que, devido aos diversos processos de reciclagem e significados étnicos dado aos fragmentos, “(...) os vestígios cerâmicos são normalmente pequenos e dificilmente uma vasilha inteira é descartada”, estamos mais inclinados a acreditar que o núcleo 3 de fato corresponde à um fundo de cabana abandonada. Afinal, ao mesmo tempo em que não foram observados restos humanos no núcleo, as estruturas detectadas, onde se destacam vasilhas quebradas, mas praticamente inteiras, líticos utilizados, inclusive lâminas de machado, restos de fogueiras e negativos de buracos de esteio, indicam que o contexto arqueológico foi formado por atividades diversas, como armazenamento, processamento e consumo de alimentos, produção de vasilhas cerâmicas, conservação de utensílios e até mesmo sepultamentos em urnas ou acompanhados pelos objetos do morto.

Como é sabido através das pesquisas etnoarqueológicas, o espaço doméstico é justamente aquele onde se desenvolvem o maior número de atividades no cotidiano das populações étnicas, da subsistência ao ritual, e que os contextos arqueológicos originados nos espaços domésticos são complexos e sobrepostos, correlatos da miríade de atividades levadas à cabo com a manutenção da ordem social (Binford 1980). Além do mais, deve-se reconhecer que a possibilidade de achados de fundos de cabana abandonadas com “tudo dentro” não é absurda, pois muitos dos sítios Guarani podem ter se originado no século XVI e XVII, o período de auge demográfico e territorial das populações Guarani no sul do

Brasil, o qual foi bruscamente interrompido pelo desaparecimento sumário dos indígenas ocasionado com as epidemias das doenças infecto-contagiosas disseminadas pelos europeus, assim como pelos ataques dos bandeirantes para o aprisionamento de índios em busca de constituir mão-de-obra escrava (Monteiro 2005).

(2) Fragmento pintado de vasilha cerâmica Guarani detectado na trincheira 2; (2) Conta circular de colar detectada na trincheira 2

(1) Vestígios líticos de lascamento detectados na trincheira 2; (2) Lâmina de machado detectada na trincheira 1

(1) Negativo de buraco de esteio detectado na trincheira 1; (2) Nível 3 da trincheira 1; (3) Nível 3 da trincheira 2

Croqui de escavação das trinchearas 1 e 2, nível 3, do sítio Laranjal I. Nota-se a grande quantidade de materiais concentrados formando estruturas arqueológicas com cerâmicas de todos os tipos funcionais em torno de fogueiras. É interessante observar também a grande quantidade de carvões espalhados pelo solo arqueológico, que sugerem uma situação de queima da habitação.

2.4.5. Sítio Morro Bonito II

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Morro Bonito II também se situa no município de Jaguaruna a aproximadamente 2km do rio Jaguaruna e 2,3 km do riacho dos Franciscos. O mesmo se situa também a apenas 250 metros do Morro Bonito, um cristalino típico da região de dunas do litoral sul do Estado de Santa Catarina. Ao leste, o mar se situa a 7km e ao nordeste, a lagoa da Garopaba a 4km são referências de coleta de recursos aquáticos importantes. No que se refere à articulação deste sítio com outros circundantes, o Morro Bonito II fica a 900 metros do Morro Bonito 7 e 1km do Morro Bonito 3, localizando-se numa região de dunas estabilizadas entrecortadas pelo riacho dos Franciscos, que, por sua vez, forma um planície de inundação compondo um ambiente alagadiço (ver croqui de implantação e topografia do sítio Morro Bonito II em anexos 14 e 15).

Vista geral do sítio morro Bonito II com o cristalino Morro Bonito ao fundo

(1) Vista geral do sítio Morro Bonito II no trabalho de coleta de materiais em superfície. Nota-se área com plantio de mandioca para agricultura familiar e cobertura vegetal de formação pioneira; (2) início dos trabalhos de sondagens em campo aberto. Ao fundo, observa-se o cristalino do Morro Bonito.

✓ Metodologia de Intervenção

Foi delimitada uma malha para realização de PT's eqüidistantes espaçados em 10m, seguindo os eixos norte/sul e leste/oeste. Com as prospecções foi possível identificar três manchas de terra preta com presença de material cerâmico e fragmentos de carvão. Além da identificação, também foi possível, delimitar a dispersão horizontal das manchas e dos fragmentos de cerâmica. Estas três estruturas receberam a denominação de Área 1, Área 2 e Área 3, considerando, além das manchas de terra preta, a área de dispersão de material cerâmico para a sua delimitação. Após realizar a delimitação das áreas a serem escavadas demos início ao processo de caminhamento e coleta de superfície nas três estruturas identificadas e no seu entorno.

✓ Área 1

A mancha de terra preta identificada na Área 1 possui 16m no eixo norte-sul e 20m no eixo leste-oeste. Encontra-se cortada por uma pequena estrada de acesso local e está parcialmente coberta por uma plantação de pasto, o que dificultou em muito o trabalho de coleta de superfície. Além disso, a sua integridade superficial foi muito impactada devido ao intenso processo de preparação da terra para o plantio, que se repete periodicamente há várias décadas, e à abertura de vias locais de acesso que acabaram por cortar a estrutura. Demarcamos, na estrutura, a Trincheira 1 de 10m de comprimento por 50cm de largura e uma sondagem de 1m x 1m na coordenada UTM (22J 696931/6833624), denominada Unidade 1.

A característica estratigráfica da área 1 é muito semelhante às outras áreas escavadas no sítio Morro Bonito II. A camada húmica, situada entre a superfície e 15cm de profundidade é composta por sedimento arenoso, de média granulometria e coloração acinzentada e pouco compactado. A camada arqueológica, de coloração enegrecida, ocorre entre 15 e 30/35cm de profundidade, sendo o sedimento pouco compactado, arenoso e de média granulometria. A camada basal, a partir de 35cm de profundidade, tem coloração amarelo/avermelhado, com grânulos médios típicos das dunas de segunda geração.

Na Trincheira 1 foram escavadas quatro sondagens de 1m x 50cm até a camada estéril, que frequentemente era alcançada aos 50cm abaixo da superfície. Com ela podemos perceber que as camadas arqueológicas encontradas nos níveis três e quatro ainda encontram-se bem preservadas. Nelas encontramos uma concentração considerável de material cerâmico e carvão vegetal. Notamos ainda que alguns fragmentos de cerâmica encontravam-se em conexão (bordas e paredes) ou em posição que poderia estar indicando o uso do pote no momento da sua fragmentação.

Na Unidade 1 realizamos um trabalho de decapagem, onde foram escavados quatro níveis artificiais. O nível 1 encontrava-se bastante impactado devido às alterações superficiais realizadas na área do sítio, assim como a abertura de uma via de acesso local que corta a estrutura. Os níveis 2 e 3 encontravam-se mais íntegros, e neles encontramos uma concentração razoável de cerâmica e carvão. No entanto, o material cerâmico apresentou um grau de fragmentação muito grande. O nível 4, onde paramos a decapagem da quadra, já não apresentava mais materiais arqueológicos e o solo apresentou uma coloração mais clara e arqueologicamente estéril.

No entanto, pode-se considerar que a estrutura localizada na Área 1 possui um grau de relevância interessante, já que possui camadas ainda bem preservadas – com exceção dos dois primeiros níveis artificiais – onde encontramos materiais que podem trazer-nos algumas respostas relacionadas à possível motivação que ocasionou o abandono de tal estrutura.

Perfis da Trincheira 1 e níveis de sondagem da Unidade 1

✓ Área 2

A Área 2 está situada a aproximadamente 80m de distância da Área 1, no sentido nordeste. Sobre a estrutura há uma plantação de mandioca e a terra encontra-se bastante arada. Devido ao fato de a terra ter sido arada há pouco tempo, podemos notar uma quantidade razoável de material cerâmico disperso na superfície e também a área aproximada de dispersão da estrutura de terra preta. Dessa forma, através da dispersão superficial do material cerâmico e da terra preta, podemos perceber que a estrutura possui, em média, 32m no eixo norte-sul e 20m no eixo leste-oeste. Demarcamos na estrutura duas trincheiras, às quais demos os nomes de Trincheira 2, com 10m de comprimento por 50cm de largura e Trincheira 3, com 5m de comprimento por 50cm de largura. Além das trincheiras, demarcamos também três sondagens de 1m x 1m, denominadas Unidade 2 (UTM 22J 697005/6833610), Unidade 3 (UTM 22J 696995/6833610) e Unidade 4 (UTM 22J 697000/6833615).

Ao escavar as duas trincheiras demarcadas pudemos notar que a estrutura apresenta um grau de integridade muito baixo. Na Trincheira 2 foram escavadas quatro

sondagens de 1m por 50cm até a camada estéril, cuja profundidade se dá em torno de 40cm. Todas as sondagens apresentaram pouco material cerâmico e, em seus perfis, é possível notar que a camada arqueológica encontra-se muito alterada devido à prática da agricultura, que vem sendo realizada sobre a estrutura há muitos anos.

Já na Trincheira 3 foram escavas somente duas sondagens de 1m x 50cm, sendo encerrada a escavação quando alcançada a camada estéril, encontrada também aos 40cm de profundidade. Da mesma forma que na Trincheira 2 as sondagens apresentaram pouco material cerâmico e seus perfis denunciam uma forte degradação da estrutura arqueológica. Ao escavar as Unidades 2, 3 e 4, confirmamos o péssimo grau de integridade da estrutura arqueológica, semelhante ao observado nas trincheiras. Nas unidades, pode-se notar a grande fragmentação do pouco material cerâmico encontrado, além do intenso revolvimento do solo, e assim como nas trincheiras, a camada que apresentava material arqueológico possuía em média 40cm de espessura, e a partir de então, o solo torna-se arqueologicamente estéril.

A unidade 2, nível 3, desta área de escavação do sítio Morro Bonito II foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em 430 ± 40 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos 1449 a 1614 da Era Cristã ou **336 a 501 AP** (Beta Laboratory Inc., n° 262754).

Perfis estratigráficos da área 2 e níveis de escavação

✓ Área 3

A Área 3 está situada à aproximadamente 220m de distância da Área 1 no sentido nordeste. Da mesma forma que na Área 2, sobre a estrutura há uma plantação de mandioca e a terra encontra-se bastante arada. Devido a este plantio foi possível notar a dispersão de material cerâmico na superfície, bem como a delimitação superficial da mancha de terra preta. Através da dispersão superficial do material cerâmico e do sedimento de coloração mais escura, podemos perceber que a estrutura possui, em média, 12m no eixo norte-sul e 10m no eixo leste-oeste. Nesta estrutura foram demarcadas duas trincheiras, denominadas Trincheira 4 (UTM 22J 697145/6833644 e 697151/6833648), de 7m de comprimento x 50cm de largura, e Trincheira 5 (UTM 22J 697148/6833646 e 697144/6833651), de 6m de comprimento x 50cm de largura.

Na Trincheira 4 foram escavadas três sondagens de 1m por 50cm até a camada estéril, que, devido a baixa integridade da estrutura, era alcançada, em geral, aos 30cm

de profundidade. Pouco material cerâmico foi encontrado nas sondagens e através do perfil das mesmas, foi possível perceber o grau de destruição avançado da estrutura. Com exceção da sondagem 1, que apresentou uma camada de terra preta um pouco mais conservada, as demais sondagens apresentaram o solo com uma coloração acinzentada e bastante revolvido. De forma geral, as sondagens apresentaram pouco material cerâmico. Na Trincheira 5 foram escavadas duas sondagens de 1m x 50cm até a camada estéril, que da mesma forma que nas sondagens da Trincheira 4, era alcançada, em média, aos 30cm de profundidade.

2.4.6. Sítio Morro Bonito III

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Morro Bonito III também se situa no município de Jaguaruna a aproximadamente 1,6km do rio Jaguaruna e 2,6 km do riacho dos Franciscos. O mesmo se situa também a 1km do cristalino Morro Bonito.. Ao leste o mar se situa a 7 km e ao nordeste, a lagoa da Garopaba a 5,4km são referências de coleta de recursos aquáticos importantes. A articulação deste sítio com outros sítio próximos é a seguinte: o sítio se situa a MBII I fica a 700 m do Morro Bonito II e 700m do Morro Bonito VIII, localizando-se numa região de dunas estabilizadas de 2º e 3º geração entrecortadas pelo riacho dos Franciscos, que, por sua vez, forma um planície de inundação compondo um ambiente alagadiço (ver croqui de implantação e topografia do sítio Morro Bonito III em anexos 16 e 17).

(1) Vista geral do sítio com início da abertura de trincheira; (2) avançado da abertura da trincheira com delimitação da mancha de terra preta.

✓ Metodologia de Intervenção

No trabalho de campo do sítio Morro Bonito III foi definida uma malha para realização de PT's equidistantes espaçados em 10m, seguindo os eixos norte/sul e leste/oeste, cobrindo toda a área do sítio. Com as prospecções foi possível identificar uma mancha de terra preta com presença de material cerâmico e fragmentos de carvão e estruturas de combustão. Além da identificação desta mancha de terra preta que sugere se tratar de um piso de habitação delimitou-se também quatro áreas de dispersão de

cerâmica (ver croqui acima), onde foi feita coleta de superfície de materiais com uso de GPS para georeferenciamento.

A mancha de terra preta foi delimitada através da delimitação de duas trincheiras paralelas no sentido noroeste/sudeste, distanciadas 5m uma da outra. As trincheiras mediram 20m x 50cm. Na trincheira 1 foi realizada escavação de 5 quadras espaçadas ao longo da trincheira e no centro da trincheira, foram escavadas mais 6 quadras ligadas, o que totalizou a escavação de 11 quadras ao longo da trincheira. Na trincheira 2, por sua vez, realizou-se a escavação de 4 quadras espaçadas ao longo da trincheira. Desta forma, totalizamos a escavação de 15 quadras de 50cm x 1m delimitando a mancha de terra preta em 15m no sentido norte/sul e 8m no sentido leste/oeste.

O solo de terra preta em que se encontra vestígios cerâmicos associados foi identificado até 30cm de profundidade, a partir do topo da escavação. Porém, seguindo um padrão metodológico que permitisse visualizar outras possíveis estruturas arqueológicas em profundidade além de 30cm, as escavações seguiram até 60cm de profundidade. Após as escavações, seguiu-se aos desenhos estratigráficos das sondagens escavadas nas trincheiras, dando uma idéia da dispersão de terra preta do piso de habitação identificado.

A sondagem 4, nível 3 da trincheira 2 deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em 440 ± 40 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1420 a 1452 da Era Cristã ou 498 a 530 AP** (Beta Laboratory Inc., nº 262755).

As camadas estratigráficas do sítio Morro Bonito III são bem semelhantes aos outros sítios escavados, exceto pela grande perturbação agrícola que veio trouxe impactos visíveis ao contexto arqueológico. A camada superficial, entre 0 e 15cm de profundidade é composta por sedimento arenoso, de média granulometria e coloração acinzentada e pouco compactado. A camada arqueológica, que normalmente tem coloração enegrecida, no caso deste sítio é observada por uma coloração cinza escuro, dado processo de lavagem da terra ao longo dos anos de plantio agrícola, diminuindo sua coloração preta. Esta camada ocorre entre 15 e 30/35cm de profundidade. A camada de base, sob a camada arqueológica ocorre a partir de 35cm de profundidade, tem

coloração amarelo/avermelhado, com grânulos médios típicos das dunas de segunda geração.

Desenhos de perfil estratigráfico das sondagens realizadas na trincheira 1 da mancha de terra preta.

Desenhos de perfil estratigráfico das sondagens realizadas na trincheira 2 da mancha de terra preta.

2.4.7. Sítio Arroio Corrente V

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Arroio Corrente se localiza na região sul do município de Jaguaruna na margem da lagoa conhecida como Arroio Corrente. Trata-se de um *cluster* de sítios Guarani mais ao sul da área de pesquisa, situando-se aproximadamente 10km da região onde temos as datações dos outros sítios já apresentados acima. No que se refere à articulação com os sítios mais próximos, o mesmo se situa a 700m do Arroio Corrente IV e 1,6km do Arroio Corrente III. Esta lagoa tem uma particularidade sobre seu processo de formação. De acordo com informações dos moradores locais, o que hoje conhecemos como uma lagoa, ainda nos anos 1960 era um arroio que tinha ligação visível e direta com o mar e que foi tapado pelas dunas de 4ª geração da costa marítima. Atualmente, a sua ligação com o mar se dá através de um pequeno fio de água que ultrapassa as dunas por seu subsolo, não havendo mais ligação facilmente visível com o mar. A distância do sítio com relação ao mar é de 2,3km

O sítio localizando-se numa região de dunas estabilizadas de 2º e 3º geração entrecortadas pela lagoa do Arroio Corrente, com um formato de “V”. A posição do sítio permite o controle da paisagem no horizonte no sentido norte, porém, a visibilidade do horizonte sul e leste é limitada pela presença do cordão de dunas de 4ª geração do outro lado da lagoa. Os terrenos nesta área são bastante utilizados atualmente como plantio de melancia, eucalipto e culturas agrícolas familiares. É interessante notar que do outro lado das dunas encontra-se o sítio acampamento Arroio Corrente VI, o que sugere pensar numa articulação sistêmica e funcional entre ambos (ver croqui de implantação do Arroio Corrente V em anexo 18).

✓ Metodologia de Intervenção

Delimitamos uma malha respeitando o terreno do senhor Ludgero Bittencourt, onde conseguimos autorização para realizar o trabalho. A malha foi delimitada com eixos no sentido norte/sul, leste/oeste com perfuração de PT's equidistantes espaçados em 20m, alcançando até a profundidade de 80cm geralmente. Com as prospecções foi

possível identificar uma mancha de terra preta com presença de material cerâmico e fragmentos de carvão. Além da identificação de uma mancha de terra preta foi realizada uma delimitação aproximativa da dispersão de materiais cerâmicos no topo de uma colina arenosa, porém, sem a ocorrência de terra preta. Esta área com concentrações cerâmicas e ausência de terra preta pode se dar em virtude do arado frequente no terreno, pois de acordo com o proprietário, ao longo dos anos de trabalho no solo, a terra preta foi desaparecendo pelo processo de lavação que ela passa ao ser revirada pelo arado e os cacos de cerâmica rareando e diminuindo de tamanho, ao ponto que hoje, dificilmente encontra-se peças que chamem atenção.

Vista geral do sítio Arroio Corrente V. Ao fundo encontra-se a lagoa do Arroio Corrente e o campo de dunas impedindo a visibilidade da paisagem no sentido sul.

Abertura de PT's com escavadeira manual; (2) Escavação do topo da terra preta na trincheira 1

✓ Mancha de terra preta

Após a perfuração de PT's, partimos à escavação da mancha de terra preta próxima à margem do Arroio Corrente. Delimitou-se uma trincheira de 10m, porém, escavamos apenas sete quadras centrais da trincheira, o que já foi suficiente para delimitar o diâmetro da mancha, dimensionada em 5m de diâmetro. Foram encontradas concentrações de material cerâmico associadas a estruturas de combustão, com total ausência para materiais arqueofaunísticos.

Escavou-se a trincheira para evidenciar a mancha de terra preta através de níveis artificiais de 10cm, chegando-se a profundidade de 60cm. O desenho estratigráfico e a análise do solo escavado indicou uma estratigrafia composta com as seguintes características:

A primeira camada é composta por sedimento arenoso de coloração cinza claro, com granulometria média e presença de raízes. A segunda camada, referente a ocupação arqueológica e composta por sedimento de coloração cinza escuro/preta com granulometria média e baixa compactação. A camada basal é típica das dunas de paleodunas, com coloração amarelo-avermelhada e baixa compactação.

Identificou-se no centro da mancha preta uma feição arqueológica referente a uma estrutura de combustão de formato circular. Esta estrutura tem aproximadamente 1m de diâmetro e adentra a parede norte da trincheira. Para averiguar com mais cuidado e delimitar com maior precisão esta estrutura de combustão, abrimos a quadra 1000N/1000E em 1m². Foi possível então delimitar a estrutura composta por carvões associados a concentrações de cerâmica e cinzas. Trata-se, neste caso, da maior estrutura de combustão que identificamos entre todos os sítios estudados, o que sugere um uso intenso desta área, com uma função específica.

A quadra 1000N-1000E, nível 3 e nível 4 da trincheira 1 deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) em **530 ± 40 AP**, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1431 a 1484 da Era Cristã ou 466 a 519 AP** (Beta Laboratory Inc., n° 280654).

Perfil estratigráfico evidenciando a estrutura de combustão no centro da mancha de terra preta, onde foi retirada amostra de carvão para datação

2.4.8. Sítio Olho D'água I

✓ Implantação na paisagem

O sítio arqueológico Arroio Corrente localiza-se também na região sul do município de Jaguaruna na margem do rio Urussanga, situando-se aproximadamente 30km da região onde temos as datações dos outros sítios já apresentados acima. No que se refere à articulação com os sítios mais próximos, o mesmo se situa a 3,6km do sítio Olho D'água II e em torno de 8km do *cluster* de sítios identificados na pesquisa de Lino (2007). A distância do sítio com relação ao mar é de apenas 1,5km

O sítio localiza-se na margem esquerda do rio Urussanga, cuja palavra em Tupi significa "rio de águas frias". No relevo da bacia do rio Urussanga predominam os terrenos de topografia acidental, havendo 30% de terrenos planos ondulados, sendo que em 70% da área possui declividade acima de 20%. O solo é basicamente podzólico vermelho/amarelo, de textura arenosa. De acordo com o proprietário do terreno, basta escavar em torno de 1,5m de profundidade e encontra-se argila no sub-solo do sítio arqueológico, sendo talvez um dos motivos estratégicos que interessou aos Guarani nesta área de ocupação. A posição do sítio não permite o controle da paisagem no horizonte em nenhum sentido, porém, do outro lado do rio encontra-se uma formação de dunas de boa altitude, que serviria perfeitamente para esta finalidade. Os terrenos nesta área são bastante utilizados atualmente como plantio de fumo, mandioca, frutas cítricas, amendoim e hortaliças para uso doméstico, assim como eucaliptos para a indústria madeireira e produção de lenhas para comercialização (ver croqui de implantação do Olho D'água I em anexo 19).

(1) Vista geral da área de escavação da mancha de terra preta B; (2) vista geral do mandiocal onde se situa a mancha de terra preta A. Ao fundo, nota-se as dunas na margem oposta do rio

✓ Metodologia de Intervenção

Em virtude de a área do sítio estar com perfeitas condições de visibilidade no momento da pesquisa, dada a preparação do terreno para o recente plantio de fumo, conduzimos o trabalho de campo sem ser necessária a bateria de sondagens e prospecções com escavadeira manual ao longo do terreno. Foi fácil visualizar as manchas de terra preta a longas distâncias, junto a fragmentos de cerâmica e carvão. Neste caso, após a autorização para as intervenções em campo junto aos moradores e proprietários, iniciamos a intervenção com a abertura de uma trincheira em uma das manchas de terra preta. Cada uma das cinco manchas foi medida com uso de GPS.

A *mancha A* tem aproximadamente 20m de diâmetro, com um formato circular. Situa-se em meio a um mandiocal, onde foram identificadas dezenas de fragmentos de cerâmica com tratamentos de superfície variados, desde pinturas em motivos geométricos com engobo branco, os típicos corrugados e ungulados e as peças sem decoração. Muito comum foi encontrar blocos de arenito friável sem nenhum tipo de vestígio de manuseio. Outro fator que nos chamou a atenção foi a grande quantidade de conchas que compõem o contexto arqueológico desta mancha. Embora com o terreno coberto de mandioca, a mancha encontra-se com alto potencial de pesquisa, dado o bom grau de preservação do contexto.

A *mancha C* tem aproximadamente 8m de diâmetro, com um formato claramente circular. Situa-se em meio ao plantio de fumo, onde identificamos também cerâmicas, porém, em muito menor quantidade que na mancha A e na mancha D. Esta diferença quantitativa sugere, à primeira vista, uma função distinta desta unidade, talvez como uma estrutura anexa às habitações da aldeia.

A *mancha D* também tem uma dimensão aproximada de 20m, com um formato circular. Da mesma forma que na mancha A, identificamos na superfície dezenas de fragmentos de cerâmica de tipologias variadas. Pela dimensão da estrutura de terra preta e pela frequência de materiais sugerimos que se trate de uma habitação.

A *mancha E*, por sua vez, também tem uma dimensão pequena, não ultrapassando os 6m de diâmetro, com formato circular. Também nesta unidade identificamos poucas peças em superfície, o que também sugere se tratar de uma estrutura anexa às habitações da aldeia.

Vista geral das manchas de terra preta C e E, localizadas nas áreas de plantio de fumo no sítio Olho D'água I

✓ **Mancha de terra preta B**

A *mancha B* foi onde desenvolvemos a intervenção arqueológica que se limitou à delimitação de uma trincheira de 15m x 50cm, no sentido leste-oeste, onde escavamos 11m. Esta mancha preta foi identificada pelo proprietário do terreno, o qual nos indicou a sua localização, comentando ter retirado do local, há anos atrás, fragmentos de cerâmicas arqueológicas e uma panela semi-inteira. Em virtude desta informação e de que a porção sul da mancha nunca teria sido arada, pois fica numa parte do terreno de passada do gado, resolvemos desenvolver a intervenção nesta unidade. Ao longo das escavações, o proprietário de um dos terrenos de plantio de fumo, ao visitar nosso trabalho, informou-nos que há vários anos retirou muita terra “bem preta” da barranca onde realizamos a intervenção. Teria retirado esta terra para a criação de uma estufa de plantio de hortaliças em seu terreno, o que trouxe um impacto importante ao contexto arqueológico. De fato, identificamos na primeira camada da mancha de terra preta alguns materiais como telhas e outros materiais construtivos. Porém, não foi difícil delimitar no contexto escavado o registro desta intervenção recente, o que não causou maiores problemas para a interpretação do sítio.

Feição 3A

Feição 3B

Feição 3C

Sítio: Olho D'água I
Trincheira 1. croqui de dispersão de materiais
Nível: 0-40 cm

1000N/986L | 1001N/987L | 1000N/988L | 1000N/989L | 1000N/990L | 1000N/991L | 1000N/992L | 1000N/993L | 1000N/994L | 1000N/995L | 1000N/996L |
0 cm | 100 cm | 200 cm | 300 cm | 400 cm | 500 cm | 600 cm | 700 cm | 800 cm | 900 cm | 1000 cm | 1100 cm

- Cerâmica
- ◎ Concha
- ☞ Fauna osteológica
- ▲ Artefatos em arenito
- Artefatos em calcedônia
- Pingente de concha
- ▬ Raízes
- Seixo
- ▬ Fogueira e cinzas

Quadra 1000N/991L contexto com blocos de arenito e um pingente em concha

Vista geral da trincheira 1, a partir da quadra 1000N/986L

Quadradas 1000N/995 e 994L contexto com cerâmicas e blocos de arenito. Feição D

Escala gráfica

0 1m 5m

A mancha situa-se num declive do terreno causado pela barranca do rio Urussanga, que em épocas de cheia avança sobre o terreno de margem, formando uma pequena planície de inundação e formando barrancos a cerca de 100m da sua margem atual. A vegetação sobre a área da mancha de terra preta é composta por árvores de floresta Semi-Decidual que margeiam o rio Urussanga, formando uma mata ciliar ainda bem preservada, embora o proprietário das terras tenha nos contado que foi um dos responsáveis pelo desmatamento desde o início dos anos 1990. Com a abertura da trincheira, buscamos delimitar no sentido leste-oeste a dimensão da mancha de terra preta, o que não foi possível com total precisão pelo fato de que a mancha claramente deslizou no barranco, mesclando-se ao terreno encharcado e também de coloração enegrecida da planície de inundação. Neste caso, a delimitação de aproximadamente 15m de diâmetro da mancha foi calculada a partir do topo do barranco, onde realmente conseguimos definir o fim da terra preta e o fim da dispersão concentrada de peças, no fim da trincheira, em direção à queda do barranco.

Uma estrutura de combustão, localizada na quadra 1000N-990E, nível 3 da trincheira 1 deste sítio arqueológico foi datada pelo método radiocarbônico (*standard*) através de duas amostras:

A primeira amostra, datada com carvão, situa-se em **570 ± 40 AP**, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1398 a 1434 da Era Cristã ou 515 a 563 AP** (Beta Laboratory Inc., n° 280652).

A segunda amostra, datada com conchas do tipo *Donax hanleyanus* da mesma estrutura de combustão, situa-se em **920 ± 60 AP**, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1360 a 1470 da Era Cristã ou 480 a 600 AP** (Beta Laboratory Inc., n° 280652)

Esta intervenção chamou atenção pela grande diversidade de materiais arqueológicos em bom estado de conservação, que se distingue das demais coleções exumadas nos sítios da área de pesquisa. Identificamos ao longo da trincheira 1725 materiais arqueológicos, sendo 1294 fragmentos cerâmicos, (102 fragmentos de borda, 1189 fragmentos de paredes e 3 fragmentos de base), 205 materiais líticos, sendo 11 blocos de granito, 174 placas de arenito bastante fraturadas em geral, 17 lascas e núcleos de calcedônia e 3 fragmentos de blocos de basalto. Além disso, o que muito

chamou atenção foi a grande quantidade de vestígios arqueofaunísticos, materiais estes raros de serem identificados nas escavações dos sítios Guarani no litoral de Jaguaruna. Trata-se de 220 peças arqueofaunísticas, sendo 59 conchas e 161 ossos fragmentados em sua maioria. Além dos ossos e conchas, ainda foram coletados também 6 materiais botânicos (coquinhos de jerivá).

A grande presença de fauna chamou muito atenção ao longo do trabalho porque este foi um elemento muito limitado nas escavações dos demais sítios, demonstrando uma dificuldade em preservação, dada as características do solo litorâneo. Porém, no caso do sítio Olho D'água I, há uma abundância deste tipo de vestígio, inclusive associado à estrutura de combustão das quadras 1000N/990L e 1000N/992L da trincheira. Trata-se de conchas marinhas como ostras, mariscos e outros tipos de conchas ainda não identificadas, que junto a ossos de mamíferos e peixes e materiais cerâmicos e líticos compõem a estrutura de combustão. Nesta estrutura, o sedimento é bastante compactado e com coloração bastante enegrecida. Os carvões foram muito raros e bastante cinza estava presente, o que sugere que a fogueira foi queimada intensamente, extinguindo carvões de maior porte. Poderíamos pensar, inclusive, que se trate de uma fogueira para cozimento de alimentos, dada a grande quantidade de restos faunísticos e de tipos de vasilhas que vão ao fogo, suportadas por blocos de arenito interpretados como “trempes”.

Triagem de carvão de uma amostra de um balde de 12 litros retirada da quadra 1000N/990L. Nota-se a grande quantidade de conchas associadas à cerâmica e carvão.

Os materiais líticos também chamaram atenção no sítio arqueológico. Facilmente, na superfície do terreno, nas proximidades da mancha de terra preta B, identificamos blocos de arenito, basalto e afiadores em canaleta. Na escavação da trincheira, além destes mesmos tipos de materiais em profundidade, ainda foi muito

comum encontrarmos lascas de calcedônia¹⁰. Realizamos um exercício operacional sobre estes materiais, desenvolvendo *in situ* um trabalho de identificação funcional das peças para pensar uma cadeia operatória dos materiais líticos observados¹¹.

Os seixos de basalto encontrados ao redor da mancha de terra preta B demonstraram terem sido utilizados como suportes para o lascamento bipolar. Traços de uso em forma de “vírgula”, oriundos de seu uso como instrumento passivo (bigorna) foram identificados em ambas as faces planas do seixo analisado, ação esta que gerou também uma superfície levemente côncava. Os seixos de basalto também foram utilizados como instrumentos ativos (batedores), gerando também concavidades e traços em formato de vírgula nas superfícies do seixo analisado¹².

¹⁰ Lascas em calcedônia e afiadores em canaleta em arenito friável também foram identificados na escavação do sítio Laranjal I.

¹¹ Para um trabalho mais amplo é necessário que seja realizada identificação petrográfica das matérias-primas, buscando-se identificar as suas origens geológicas, de onde as peças teriam sido extraídas.

¹² De acordo com Dias & Hoeltz (1997), os traços em forma de “vírgula ou meia lua” são típicos dos instrumentos passivos no processo de lascamento bipolar, como é o caso das “bigornas”.

Pela grande quantidade de lascas em calcedônia encontradas na escavação, sugerimos que o principal uso destes instrumentos “pesados” em basalto, tenha sido destinado ao lascamento da calcedônia, um tipo de matéria-prima usualmente encontrada em geodos de pequeno porte. A análise qualitativa realizada em algumas lascas de calcedônia permitiu definir que o lascamento bipolar foi uma técnica utilizada no sítio. Além disso, a análise de um núcleo piramidal com traços de percussão bipolar também foi encontrado, sendo mais um passo dessa cadeia operatória.

Outro tipo de matéria-prima bastante utilizada no sítio é o arenito friável. Vários blocos de arenito foram identificados em torno do sítio e, mais especificamente, em torno da mancha de terra preta B. Nestes blocos analisados conseguimos averiguar traços de uso que permitem classificar estes materiais como afiadores em canaleta, instrumentos passivos destinados à confecção de artefatos em ossos e pedras. A ação de raspar e polir os instrumentos é típica da confecção de adornos, tembetás, pontas de flecha em osso, etc.. Num primeiro momento, o interesse nessa matéria-prima parece ser em utilizá-la como “afiador” em canaleta que serviriam, conforme o verbo *ahaymbee* – “amolar”, para “*polir* superfícies ou arestas com gume relativamente agudo e estreito, geralmente de ossos” (Noelli 1993). Outro interesse nas placas de arenito seria também utilizá-las como alisador, conforme o verbo *añâpẽçy*, que significa: “alisar com a intenção de regularizar superfícies”, ou seja, “o ato de remover irregularidades de superfícies de madeira, de cerâmica, remover felpas, etc. (...) A expressão *ymocymbira* constata que um objeto foi polido, brunido” (Noelli, *op cit*).

Além disso, blocos de arenito também devem ter sido usados como suportes de vasilhas cerâmicas quando estas vão ao fogo, o que conhecemos na literatura etnográfica como “trempes”, pois, muitos blocos de pequeno porte, sem marca de uso foram identificados em meio à estrutura de combustão localizada entre as quadras 1000N/990L e 1000N/992L da trincheira. Após a exploração das plaquetas de arenito por uma e/ou outra função, portanto, as mesmas eram refugadas ou usadas como apoio de panelas, cujo verbete relativo é *ytácurû* (Noelli, *op cit*). Trata-se de pedras usadas sob certos vasilhames que iam ao fogo, como aqueles do tipo *yapepó* (panelas) ou *ñaetá* (caçarolas), bastante frequentes na aldeia do sítio Olho D’água I.

3. Análise tecno-tipológica das coleções cerâmicas

Os fragmentos cerâmicos são os principais vestígios das ocupações dos grupos Guarani na antiguidade da história pré-colonial, não somente na nossa área de pesquisa, mas em todos os locais de assentamento estudados. É o principal vestígio da cultura Guarani estudado pelos arqueólogos, pois não raro são os únicos vestígios que permanecem no registro arqueológico após longos e intensos processos pós-deposicionais que descontextualizam as áreas de ocupação. Claro que muitos tipos de materiais arqueológicos são identificados e descritos nas publicações, como as manchas de terra, os instrumentos líticos, restos alimentícios e arqueobotânicos, instrumentos em osso, plumária, enfim, um grande conjunto de tipos de materiais que compuseram a cultura material da vida nas aldeias, nos acampamentos, nos sítios de caça e pesca, na roça, etc.. São elementos da cultura material que eventualmente são encontrados nos sítios arqueológicos, mas que dificilmente encontra-se em conjuntos tão bem preservados, visto que as intervenções antrópicas e os processos naturais tendem a decompor os contextos, partindo dos materiais orgânicos, geralmente mais suscetíveis à decomposição.

No entanto, em todos estes conjuntos, o elemento cerâmico é vulgarmente conhecido e podemos afirmar que é o tipo de material que é mais bem preservado nos contextos arqueológicos, dada sua capacidade de “suportar” os processos de deterioração das intempéries e da ação humana. Encontram-se os materiais cerâmicos preservados em vários níveis, desde fragmentos fugazes nos solos arqueológicos até grandes concentrações de fragmentos cerâmicos e panelas inteiras, associados às manchas de terra preta das grandes aldeias. Portanto, a categoria de ser um tipo de “fóssil guia”, “material diagnóstico”, “indicador de etnicidade”, ou seja lá o nome que vamos atribuir à cerâmica da cultura Guarani, não se deu propriamente por uma escolha dos arqueólogos, mas sim por uma imposição das condições tafonômicas que ocorrem nos sítios arqueológico.

Estudam-se as cerâmicas então, em primeiro lugar, por ser um tipo de material que se preserva nos sítios arqueológicos e que é amplamente identificado nos contextos em larga escala, mesmo tendo sofrido fortes impactos das ações humanas e naturais. Mas, estuda-se também, por ser um elemento da cultura material que preserva muito bem as expressões culturais. No processo da cadeia operatória de confecção dos

potes cerâmicos, as oleiras expressam a partir de gestos manuais as visões de mundo Guarani. Expressam através de símbolos gráficos e estilísticos (os quais temos muita dificuldade de compreender arqueologicamente), ideologias, disputas étnicas, identidades. Nas cerâmicas são grafados em barro e tinta processos de ensino-aprendizagem, agências individuais, normas estilísticas coletivas e tradicionais; as argilas vêm de vários pontos do território, indicando uma amplitude de organização do espaço e um vasto conhecimento territorial. A cerâmica é também um símbolo do status social das oleiras, é um elemento da cultura material que expressa padrões mentais e cognitivos específicos da cultura Guarani e também processos de interação social; fixados nas paredes das cerâmicas, muitas vezes encontra-se vestígios de alimentação, marcas de uso, etc..

Sabemos da amplitude da cerâmica em termos de expressões culturais. Sabemos o quanto ela pode ser informativa para os estudos arqueológicos e antropológicos pelo seu alto grau expressivo. Mas, quais os nossos limites? Até onde podemos chegar para entender esses padrões? O que queremos com o estudo das cerâmicas? Como elas podem nos ajudar a entender a cultura Guarani e seus processos de constituição do território? Nossos limites de análise da cerâmica em arqueologia são bastante claros e podemos dirimir a discussão em três níveis: físico, temporal e geográfico.

No que se refere ao nível físico, lidamos, via de regra, com “cacos”. Painéis quebrados que perduraram ao longo do tempo e que chegam até nós com uma condição física bastante modificada de sua condição original, quando estas painéis eram então usadas no contexto sistêmico pelos grupos indígenas. Não lidar com painéis inteiros é um problema para as pesquisas, mas um problema muito comum e desafiante. Dificilmente os arqueólogos obtêm nos contextos painéis inteiros ou mesmo semi-inteiros, de forma que possamos projetar com precisão seus formatos, analisar os vestígios alimentares impregnados nas paredes das vasilhas, etc.. Lidar com cacos é um limitante para as pesquisas e para o entendimento da cultura, pois condiciona o arqueólogo a pensar fragmentariamente a coleção cerâmica. Araujo (2001), de forma irônica, coloca que é necessário “tirar leite de cacos” nos estudos sobre sociedades ceramistas, sobretudo em contextos onde a fragmentação das painéis foi muito intensa pelas ações pós-deposicionais.

Mas, o que representou a fragmentação física das cerâmicas e o problema da conservação dos contextos arqueológicos na arqueologia Guarani? Esta é uma

questão fundamental na arqueologia Guarani se pensarmos que a maioria das pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas nos grandes sítios, aqueles com grandes concentrações de cerâmicas, que permitiriam diagnosticar os elementos da cultura material Guarani com maior segurança, que melhor expressam a cultura e permitem compor quadros de rotas migratórias e expansão territorial. Tratados como sítios de menor potencial, os sítios com contextos muito fragmentados de cerâmica dificilmente são inseridos nas análises de forma consistente, sendo muito comum comentários que denigrem a potencialidade de estudo dos sítios arqueológicos. Hora, Araujo (2001), faz tempo que vem “batendo na tecla” de que os contextos arqueológicos, mesmo tendo sofrido intensos processos de degradação pelo arado, ainda assim contém um alto potencial de pesquisa que permite recompor solos arqueológicos e unidades funcionais nas antigas aldeias de grupos ceramistas. Neste caso, devemos antes de “jogar a toalha”, quando estamos frente a sítios intensamente impactados, adequar os procedimentos metodológicos para conseguir abordar os vestígios arqueológicos contextualmente.

Além disso, o que significa um sítio com contexto fragmentado? Será que apenas o arado ou outro tipo de ações antrópicas atuais podem ter causado a fragmentação dos potes? Claramente que não. Sabemos que os próprios processos de uso do espaço pelas populações indígenas causam a fragmentação dos potes; o uso e re-uso da terra alteram as características de deposição dos vestígios culturais, incluído os potes e seus fragmentos. Sabemos, por exemplo, que fragmentos de cerâmica eram jogados nos prisioneiros pelos aldeões, quando adentravam as aldeias arrastados pela cintura, no ritual de antropofagia (Staden 2007 [1557]). Cacos de potes são fragmentados para produção de farelo de cerâmica, usado então como anti-plástico na confecção de outros potes. A fragmentação dos potes poderia dar-se também com o colapso das casas após o abandono das aldeias. O colapso das casas e a grande fragmentação dos potes poderia sofrer uma contribuição também das ações de escravização e aquisição de prisioneiros por parte dos colonizadores europeus. Suas ações violentas são bem descritas na documentação (como veremos adiante) e a atividade de destruição das estruturas arquitetônicas com certeza também causaram impactos sobre os conjuntos cerâmicos.

O que queremos dizer é que, ao lidarmos com “cacos de potes”, estamos lidando com fragmentos da cultura material, o que limita muito a nossa perspectiva holística tão buscada em arqueologia. No entanto, o alto índice de fragmentação dos potes, antes de ser um limitador absoluto para as pesquisas arqueológicas, pode vir a ser

um indicador de ações comportamentais, ou seja, antes de abandonar ou considerar um sítio com pouco potencial devido ao seu alto índice de fragmentação, devemos buscar compreender os motivos destes índices, pois os mesmos podem ser culturais e, portanto, de alta validade arqueológica.

Outro nível de abordagem com relação às coleções cerâmicas é a temporalidade. A questão do tempo e as coleções cerâmicas é um tema bastante antigo na arqueologia brasileira e, sobretudo, nos estudos sobre a cultura Guarani. A noção de fases e tradições arqueológicas foi calcada na relação entre o tempo e as características morfológicas e estilísticas das coleções cerâmicas. Embora buscando “fugir” da perspectiva teórica pronapiana, Brochado (1973) realizou a maior síntese já publicada sobre as cerâmicas Tupi-Guarani exumadas nos sítios arqueológicos. Articulando as datações arqueológicas radiocarbônicas e as características gerais da cerâmica Tupi-Guarani, o autor idealizou uma espécie de cronologia das tipologias cerâmicas, desde as pintadas (mais antigas), passando pela cerâmica corrugada (um período intermediário), até as cerâmicas escovadas (mais recentes e que já indicam o contato com os europeus)¹³. Esta forma de cronologia relativa, baseada nas características formais e estilísticas, tão comuns nos anos 1960-70, atualmente, já não é mais necessária, visto que muitos métodos de datação foram desenvolvidos, trazendo um nível de precisão cronológica mais adequado aos contextos arqueológicos. Pois, embora essa discussão pareça óbvia, ainda hoje temos trabalhos que buscam cronologias relativas de ocupação das aldeias e regiões de domínio apenas com base nas análises de cerâmica (por exemplo, Schmitz 1990 e Machado 2008).

Antes de pensarmos que as diferenças tipológicas da cerâmica em determinados contextos indiquem mudanças de estilo ao longo do tempo, como queriam os pronapianos, podemos pensar que estas variações estilísticas sugerem funções distintas dos sítios. Antes de pensarmos que a suposta simplificação dos estilos seja uma variação mais recente dos estilos, sob influência dos jesuítas, por exemplo, podemos pensar que sítios arqueológicos com funções específicas requerem vasilhas de determinados tipos.

Um trabalho bastante elucidativo neste sentido foi desenvolvido por Shapiro (1984), no vale do rio Mississipi, nos Estados Unidos. Ao sistematizar os tipos de potes distribuídos em vários sítios ao longo da sua região de pesquisa, o autor

¹³ Há variações regionais e temporais desta sistematização, mas grosso modo, este foi o modelo cronológico das tipologias cerâmicas.

percebeu que aqueles sítios com predominância de potes com grandes dimensões sugerem que as ocupações tenham se dado por um longo período, sendo interpretados como áreas de assentamento central. Em outros casos, nos sítios onde predominam potes de menores dimensões e simplicidade estilística, o autor sugeriu que se trate de sítios destinados à função de acampamentos, onde a permanência das populações teria uma profundidade temporal em menor escala.

Esta mesma perspectiva foi adotada nos estudos em arqueologia Guarani no litoral central do Rio Grande do Sul, no projeto Quintão. Rogge (1997, 1999, 2006), usando a mesma lógica empírica, que leva em consideração os tipos de potes, compôs um modelo de ocupação regional, em que estariam articulados sítios destinados à função de caça, pesca e coleta (acampamentos com ocupação de curta duração) e área de moradia permanente (aldeias com ocupação permanente). A cerâmica dos contextos estudados pelo autor, com estilos específicos e bem conhecidos arqueologicamente foi usada por este autor como indicador de ocupação e re-ocupação de culturas distintas nos mesmos sítios, sugerindo relações de fronteiras belicosas entre ambas as culturas¹⁴.

Neste sentido, A relação sistêmica entre cerâmica e espaço, abrange uma perspectiva geográfica, sendo este um terceiro nível de abordagem da cerâmica. Se sabemos que algumas características estilísticas são observadas ao longo de amplo territórios, muito distantes, o que isso significa em termos culturais? Ou, colocando de outra forma, o que podemos compreender, em termos culturais, o que significa a dispersão dos estilos cerâmicos, denominado pelos pronapianos de “tradição arqueológica tupiguarani”?

Para esta pergunta, Noelli (1993) deu uma boa sugestão de resposta. Com base numa perspectiva antropológica, o autor percebeu que a homogeneidade dos padrões estilísticos da cerâmica Guarani sugere um alto nível de normatividade cultural, também observada nos padrões comportamentais de organização territorial e linguística. Na sua visão, os Guarani, mesmo tendo ampliado seus territórios ao longo das regiões centro-oeste, sul e parte do sudeste do Brasil mantiveram uma matriz cultural homogênea transmitida ao longo das gerações através da tradição cultural. Nas palavras do autor, os Guarani são “radicalmente prescritivos” (Noelli 1999-2000), o que quer dizer que eles seriam altamente normativos e conservadores da sua cultura, sendo este

¹⁴ Ver também Milheira (2008), cujo trabalho desenvolvido no sul da laguna dos Patos-RS aborda a questão da articulação espacial entre diferentes sítios, utilizando-se para pensar as funções dos sítios as coleções cerâmicas, entre outros elementos da cultura material dos assentamentos Guarani na região de pesquisa.

conservadorismo materializado nas expressões simbólicas das cerâmicas e nas cadeias operatórias de confecção das mesmas, o que resultou em uma padronização ampla dos estilos cerâmicos.

Claramente que variações estilísticas regionais são observadas. No trabalho de Montcelli (2007), a autora discute exatamente a questão das agências individuais nas variações estilísticas percebidas em contextos cerâmicos Guarani (no caso, o sítio U-470, no alto do rio Uruguai, junto ao rio Pelotas - RS). Com isto, a autora busca demonstrar que há variações à norma tradicional, porém, variações que mantêm uma mesma matriz tecnológica já consolidada na tradição cultural Guarani. A questão das variações e da homogeneidade nos estilos cerâmicos já havia sido discutida anos antes por La Salvia & Brochado (1989), os quais destrincharam e sistematizaram as cadeias operatórias da cerâmica Guarani, indicando uma grande diversidade de tipos decorativos e formas de tratamento das superfícies cerâmicas, inclusive buscando as nomeações e classificações das vasilhas a partir da documentação etnohistórica.

Um trabalho interessante que buscou testar esta noção de prescritividade e homogeneidade cultural das populações Guarani foi desenvolvido por Batista da Silva (2001). Em seu trabalho, o autor se utilizou de uma metodologia bastante simples, mas muito eficiente para testar a hipótese de que uma matriz cultural é compartilhada pelos Guarani ao longo de uma história de longa duração. Seu trabalho consistiu em apresentar aos índios nas aldeias, pranchas de grafismos variados identificados nas cerâmicas Guarani dos sítios arqueológicos. Ao observarem as pranchas com as “decorações” pintadas das cerâmicas, os entrevistados apresentavam narrativas semelhantes para os mesmos grafismos, sugerindo que, mesmo sem terem contatos ao longo de várias gerações, as narrativas mantêm-se coesas e estruturadas ao longo da história Guarani.

Como vemos, a cerâmica tem um grande potencial de pesquisa que vai muito além da indicação de vias migratórias e expansionistas. As cerâmicas podem ser usadas para várias finalidades de pesquisa e devem ser pensadas como suportes de expressão simbólica, que indicam perspectivas culturais importantes de serem tratadas pelos arqueólogos. Uma saída metodológica para o trato da cerâmica foi apresentada por Robrahn-Gonzalez (1989), ao sugerir que devemos buscar análises de unidades inteiras. Para isto, a borda (em caso de coleções compostas apenas por fragmentos) seria o objeto principal de pesquisa por permitir a projeção do contorno do pote. A borda, representante de um pote por excelência, seria considerada uma unidade tipológica que

permite distinguir tipos específicos de vasilhas cerâmicas, podendo-se avançar na discussão funcional das mesmas. Um primeiro passo nesta proposta é distinguir nas coleções em análise aqueles fragmentos que representam as distintas secções do pote. Devemos identificar as bordas, bases, lábios, pescoços, carenas, bojos, enfim, as partes dos potes a que o fragmento fez parte, logo, após a remontagem das peças, tentar definir quantas unidades funcionais ocorrem nas coleções.

Oura questão importante é a busca pela perspectiva êmica nas análises cerâmicas. La Salvia & Brochado (1989) e Brochado (1991) avançaram bastante neste sentido. Comparando as informações etnohistóricas dos viajantes, cronistas e jesuítas que tiveram contatos com as populações Guarani, os autores buscaram identificar as funções dos potes cerâmicos, permitindo que através da morfologia das vasilhas possamos inferir sobre a função das mesmas. No mesmo sentido, além da função, os potes Guarani podem ser nomeados a partir das categorias linguísticas dos Guarani. Monticelli (1995) também deu uma grande contribuição neste sentido. Em seu trabalho de mestrado, a autora apresentou potes arqueológicos aos habitantes da aldeia Mbyá-Guarani da Pacheca, em Camaquã - RS. Ao observarem as vasilhas inteiras depositadas no acervo da PUC-RS, os Mbyá entrevistados sugeriram funções e nomeações aos potes muito semelhantes àsquelas indicadas na literatura etnohistórica consultada por Brochado. Além de avançar na busca pelas classificações êmicas, este trabalho também contribui para pensar na questão da normatividade, pois mesmo hoje, quando os Mbyá não mais produzem potes cerâmicos, a informação sobre a função e sua nomeação com base nas suas formas ainda se mantém na tradição cultural.

Após estes trabalhos, foram publicados artigos que buscam apresentar as classificações funcionais dos diferentes tipos de vasilhas, com regras de projeção de potes para permitir aos arqueólogos ter uma base na projeção das coleções arqueológicas. Brochado, Monticelli e Neumann (1990) e Brochado & Monticelli (1994), trazem uma série de regras práticas para a projeção de vasilhas cerâmicas a partir dos fragmentos de bordas, em que foram articuladas informações de coleções com vasilhas inteiras e analogia etnográfica para composição de gráficos lineares de tendências de projeção. Além desses dois textos amplamente conhecidos, destaca-se também o trabalho de Jacobus (1994), em que também foram pensadas tendências de projeções de potes, a partir das medições e comparações de diâmetros de bordas e profundidade de vasilhas inteiras, mais especificamente de urnas funerárias e demais tipos de potes que faziam parte do conjunto funerário de cada urna. Essas

vasilhas estudadas são oriundas de diversos sítios arqueológicos e compõem parte da reserva técnica do Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul (MARSUL).

3.1. Analisando as coleções em busca de padrões: sistematização dos dados

Em nosso trabalho, realizamos uma análise que buscou uma observação dos padrões gerais da tipologia cerâmica identificada nas aldeias Guaraní dos sítios Morro Bonito I, Morro Bonito II, Laranjal I, Sibelco, Riacho dos Franciscos I e Arroio Corrente V. Nossa intenção nestas análises foi identificar nas coleções as características gerais da cerâmica no território de domínio do litoral de Jaguaruna, ou seja, identificar o perfil geral das coleções, em que levamos em conta atributos como tipo de anti-plástico mais usual utilizado pelas oleiras, os tipos de tratamentos de superfície mais comuns, os padrões de queima e tipos funcionais de vasilhas.

Desta forma, objetivamos a partir da análise de cada uma destas coleções avançar sobre uma abordagem regional relativa ao modo de confecção das vasilhas Guaraní, comparando-se as normas de confecção das cerâmicas entre as aldeias estudadas em vias de compreender os seus aspectos formais, que permitem uma compreensão tecno-tipológica dos mesmos no sentido da variabilidade artefactual e estilística (Shepard 1985 [1956]; La Salvia & Brochado 1989; Orton, Tyers e Vince 1993).

Para o estudo das coleções foi criada uma ficha de análise de atributos com os seguintes procedimentos: quantificação de fragmentos quanto à secção do pote (borda, parede ou base), variáveis métricas (espessura máxima, comprimento e largura), manufatura, anti-plástico, tratamento de superfície externa e interna e tipo de queima. O uso destes atributos através de uma ficha de análise, permitiu a composição de tabelas e gráficos gerais das coleções. Afim de comparar os padrões entre as coleções foram gerados gráficos comparativos com os atributos observados nas análises, que possibilitam visualizar as características tecno-tipológicas da cerâmica dos sítios, através do qual poderemos tecer interpretações sobre os conjuntos cerâmicos em busca de padrões regionais. Serão apresentadas as conceituações dos atributos analisados nas coleções, afim de explicitar os motivos e a forma das análises. Seguimos os procedimentos já popularizados nas análises de cerâmica Guaraní e que podem ser

consultados na bibliografia que versa sobre análise cerâmica (por exemplo, Shepard 1985 [1956]; La Salvia & Brochado 1989; Orton, Tyers e Vince 1993; Jacobus 1995; Milheira 2008). Os gráficos e tabelas foram gerados com o objetivo de apresentar a sistematização dos dados sobre todos os sítios. Logo, ao invés de apresentar individualmente cada coleção, preferimos gerar os gráficos e tabelas com a análise de todas as coleções juntas.

Nas coleções cerâmicas analisadas e publicadas em estudos arqueológicos são conhecidas três maneiras básicas de confecção de vasilhas: por técnica de roletes, modelagem e moldagem. Em nosso estudo, identificamos a primeira técnica com predomínio absoluto com relação à técnica de modelagem, eventualmente identificada em algumas bases. A grande maioria das peças analisadas foram confeccionadas através da técnica de roletes, que se refere à confecção de potes através da sobreposição de roletes de argila, ligados, por sua vez, com a polpa dos dedos ou instrumentos. Nos casos de algumas bases, notamos que a mesma era constituída primeiramente com a confecção de um disco de argila (tamanho de uma moeda grande), de onde partem os roletes sobrepondo-os. A técnica de *modelagem* diz respeito ao modelamento da vasilha a partir de uma massa de argila, em que a oleira molda com as mãos o formato desejado. Além da utilização para confecção de pequenas vasilhas e da base de vasilhas utilizadas quotidianamente, é também uma técnica utilizada para elaboração de alças, apliques, e bordas. Estas são técnicas descritas amplamente nas cerâmicas Guarani em todas as áreas pesquisadas e, em nosso caso, não tivemos nenhuma variação neste sentido (ver, por exemplo, Terminologia 1976, La Salvia & Brochado 1989) (ver pranchas de projeções de formas de vasilhas e tipos decorativos dos sítios Arroio Corrente V, Morro Bonito I e Morro Bonito II, em anexos 21 a 28).

✓ **Secção dos potes**

A análise levou em consideração a secção dos potes: bordas, paredes e bases. Em todos as coleções analisadas foi observado um predomínio absoluto das paredes, em segundo lugar as bordas e ínfima ocorrência de bases. Esta diferença gritante dos índices identificados diz respeito, em primeiro plano, ao nível de preservação dos sítios, que, devido às atividades de cultivo agrícola com arado e maquinário pesado gera um alto grau de fragmentação, gerando, novamente, um índice

maior de fragmentos de paredes em detrimento das outras secções. É de se notar também que a parede de uma vasilha é a maior parte do pote, sendo natural que haja maior índice de fragmentação desta secção com relação aos outros pontos da vailha (bordas e bases).

Secção do pote	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
borda	115	47	66	405	23	7	663
parede	562	391	454	3047	220	80	4754
base	1	4	3	4	1	0	13
total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 1: Quantificação de fragmentos por secção do pote

Gáfico 1: Quantificação de fragmentos por secção do pote

✓ Espessura dos fragmentos

A espessura das peças, medida sempre no ponto mais grosso que se identifica, demonstra que nas coleções analisadas dos sítios Morro Bonito I, Morro Bonito II, Sibelco, Riacho dos Franciscos e Arroio Corrente V há um predomínio de vasilhas com espessuras de médio e pequeno porte, pois em todos os casos houve um pico nos índices de fragmentos com 0,5 a 0,75cm de espessura. Somente na coleção do sítio Laranjal I houve um predomínio de fragmentos com 0,75cm a 1cm. Porém, devemos lembrar que estes índices podem ocorrer em virtude de que as vasilhas com paredes mais finas fragmentam com mais facilidade que as mais grossas, gerando um

gráfico com picos maiores nas primeiras categorias. Devemos lembrar também que as vasilhas quando inteiras apresentam variações de espessura ao longo do pote, desde sua base (geralmente mais espessa) até a borda (mais fina), sendo outro complicador para que a relação direta entre a espessura do pote seja relativa a uma determinada dimensão do mesmo (ver esta discussão em Soares 2005).

Logo, temos que ler estes gráficos não como indicadores diretos de que as espessuras medidas representam vasilhas inteiras, ou seja, não podemos pensar numa relação direta do tipo: predomínio de paredes finas indicam vasilhas finas e predomínio de paredes grossas, indicam vasilhas grossas. Pelo contrário, os gráficos de espessura indicam uma variação, que sugere também uma variação tipológica na coleção, o que deve ser pensado junto ao estudo de projeção das vasilhas. Esta é uma variação típica de coleções provenientes de aldeias, onde todos os tipos de vasilhas de diferentes funções são identificados (La Salvia & Brochado 1989, Milheira 2008).

Espessura dos fragmentos (cm)	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
0 a 0,5	26	17	57	93	48	8	249
0,5 a 0,75	290	359	359	806	146	25	1985
0,75 a 1,0	241	62	95	1174	47	30	1649
1,0 a 1,25	67	4	10	517	2	11	611
1,25 a 1,5	40	0	2	435	1	7	485
1,5 a 1,75	9	0	0	270	0	6	285
1,75 a 2,0	3	0	0	99	0	0	102
2,0 a 2,5	2	0	0	62	0	0	64
total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 2: Quantificação de fragmentos por espessura do fragmento

Gráfico 2: Quantificação de fragmentos por espessura do fragmento

✓ Dimensão dos fragmentos

A dimensão dos fragmentos é medida a partir da relação comprimento X largura do fragmento. Como comprimento, consideramos a distância horizontal paralela ao sentido dos roletes, já, a largura é medida com a distância vertical perpendicular do sentido dos roletes. Objetivamos com esta medição avaliar o grau de fragmentação da coleção, relativa ao nível de preservação dos sítios. Neste atributo houve padronização entre as coleções também, com os gráficos indicando que há um predomínio de peças com 2,5 a 5cm e, em segundo lugar, predomínio de peças com 5 a 7,5cm. Estes índices corroboram o alto nível de fragmentação dos materiais no contexto arqueológico, causado pelas ações do arado e pelas ações culturais no contexto sistêmico.

Dimensão dos fragmentos (cm)	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
0 a 2,5	150	30	55	342	32	24	633
2,5 a 5,0	365	268	312	1916	159	47	3067
5,0 a 7,5	158	124	148	1057	51	12	1550
7,5 a 10,0	4	15	1	120	2	3	145
10,0 a 12,5	1	5	7	15	0	0	28
12,5 a 15,0	0	0	0	3	0	1	4
15,0 a 17,5	0	0	0	2	0	0	2
Mais de 17,5	0	0	0	1	0	0	1
total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 3: Quantificação de fragmentos pela dimensão da relação comprimento x largura

Gráfico 3: Quantificação de fragmentos pela dimensão da relação comprimento x largura

✓ Tipo de anti-plástico dos fragmentos

O anti-plástico é todo tipo de material não plástico aplicado à pasta cerâmica no momento da confecção. Conhecemos anti-plásticos de origem animal (fragmentos de ossos e concha triturada, por exemplo), vegetal (espículas de plantas, por exemplo, o *cauxí*) ou mineral (grãos de areia quartzosa, chamote, hematita e argila, por exemplo). Material anti-plástico pode ser encontrado no próprio banco de argila ou são elementos acrescentados pela oleira com o objetivo de reduzir a quebra da vasilha durante o processo de secagem e cocção ou, até mesmo, para dar um efeito estético à vasilha (Shepard 1985 [1956]). O termo tempero também é utilizado para denominar este tipo de material encontrado na pasta cerâmica, porém, o termo tempero só deve ser utilizado quando há certeza de que houve a aplicação pela oleira de materiais não plásticos à pasta cerâmica. Em nossas análises não conseguimos definir se os materiais anti-plásticos de areia quartzosa foram intencionalmente acrescentados à pasta cerâmica ou se ocorrem naturalmente nos bancos de argila explorados pelas oleiras. Neste caso, seguindo a orientação de (Shepard 1985 [1956])¹⁵ e utilizaremos o termo anti-plástico, de forma genérica, e não tempero.

No que se refere a este atributo analisado nas coleções, não houve variação do padrão em nenhum dos sítios. O anti-plástico mais comum identificado é o mineral (quartzo). Provavelmente houve uma escolha das oleiras em explorar bancos de argila com grande frequência de anti-plásticos, não havendo a necessidade funcional em atribuir à massa de argila outros tipos de materiais anti-plásticos, como o caco moído, argilas, vegetais e hematita.

Anti-plástico	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
mineral (quartzo)	676	428	500	3442	240	86	5372
caco moído	0	1	4	9	4	1	19
vegetal	2	12	19	0	0	0	33
argila	0	0	0	4	0	0	4
hematita	0	1	0	1	0	0	2
total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 4: Quantificação de fragmentos pelo tipo de anti-plástico

¹⁵ “In the present discussion temper will be defined as added inclusions, and nonplastic will be used in a general sense and for material of indeterminate source” (Shepard 1985 [1956], p. 25).

Gráfico 4: Quantificação de fragmentos pelo tipo de anti-plástico

✓ Superfície externa dos fragmentos

A superfície externa das vasilhas cerâmicas é um dos elementos mais estudados nas coleções cerâmicas. No âmbito da arqueologia Guarani, a superfície cerâmica é onde fica expressa a maior variabilidade estilística. Notadamente o estilo tecnológico não se prende apenas aos traços e gestos expressados na superfície cerâmica, pois o estilo, entendido como o “modo de fazer alguma coisa” (Sacket 1977), abrange todas as etapas da cadeia operatória de confecção das vasilhas e está diretamente ligado à tradição normativa e às agências individuais e coletivas. No entanto, a superfície cerâmica, é o espaço das vasilhas onde as oleiras expressam os símbolos e as mensagens de forma mais explícita e que, do ponto de vista arqueológico, permite ao pesquisador evidenciar as diferenças de padrões mais “concretamente”. As cerâmicas Guarani são bastante padronizadas, permitindo-se pensar este tipo de vestígio da cultura material como um indicador da normatividade e rigidez prescritiva (Noelli 1993), embora saibamos que as regras de confecção e expressão foram usualmente reelaboradas ao longo da história Guarani (Monticelli 2007).

Em nossa pesquisa, identificamos tratamentos de superfície que colocam as coleções num quadro bastante conhecido e publicado nas coleções cerâmicas de sítios Guarani de várias regiões do Brasil. Poucas foram as peças que demonstraram fuga da homogeneização estilística já amplamente conhecida na arqueologia Guarani. É importante lembrar também, que nossa pesquisa, neste primeiro momento, voltou-se antes de tudo à

identificação dos padrões estilísticos e tecnológicos, o que condiciona nosso olhar exatamente para a leitura da homogeneidade. Num segundo momento, análises de coleções de sítios específicos ou até mesmo de conjuntos cerâmicos de estruturas arqueológicas que compõem parcelas dos sítios poderão ser realizadas, com o intuito de identificar as particularidades estilísticas e tecnológicas. Portanto, o que queremos dizer é que há uma questão teórico-metodológica que condiciona nosso olhar sobre as coleções. Se buscarmos observar as regras gerais e o quadro homogêneo das coleções cerâmicas ou de outros tipos de artefatos é exatamente isto que observaremos, caso queiramos identificar as particularidades, também as encontraremos.

O tratamento de superfície gera o que se costuma descrever em arqueologia como “decoração”. Em nosso trabalho, optamos por não utilizar este termo, pois já há uma ampla discussão sobre a “real” intenção das oleiras em expressar as marcas na superfície cerâmica. La Salvia & Brochado (1989), Moraes (2007), Soares (2007), Milheira (2008), por exemplo, colocam que o corrugado não é necessariamente um tipo de decoração, embora possa também sê-lo. O corrugado poderia ser apenas o traço gerado pela ligação dos roletes no processo de confecção das vasilhas, que deixam normalmente as marcas da polpa dos dedos (cristas e sulcos) na superfície da cerâmica. Há casos, em que é notória a intenção em, além de obliterar os roletes, ainda dar um segundo tratamento de rebaixamento de cristas ou alisamento dos sulcos do corrugado, o que permite afirmar com maior precisão que ai sim, estaríamos frente à intenção decorativa. O alisamento, tão comumente considerado um tratamento funcional, nesta discussão, assume uma situação de decoração, pois ao alisar a superfície cerâmica a oleira intencionalmente busca apagar as marcas do corrugamento.

Sabe-se que as cerâmicas Guarani são produzidas pelas oleiras através de dois tipos de tratamentos de superfície: tratamento plástico e cromático, sendo bastante comum a sobreposição das duas formas num mesmo pote. O tratamento plástico consiste em modificar a superfície da cerâmica enquanto a argila ainda está umedecida, traçando expressões em alto ou baixo relevo, dependendo do tipo de tratamento desejado. O alisamento também se enquadra numa forma de modificação da superfície cerâmica, uma vez que sabemos que a técnica mais comum de confecção das vasilhas é o corrugamento, que permite obliterar os roletes de argila. Neste sentido, o alisamento é uma modificação da superfície do pote, em que a intenção, neste caso, é apagar parcial ou totalmente as cristas e cavidades geradas pela ligação dos roletes.

O tratamento cromático, por sua vez, consiste em tratamentos de superfície que a oleira opta por implantar materiais coloridos à vasilha, como tintas, banhos de argila e engobos, por exemplo. Muito comuns são as peças com engobo branco e pinturas vermelhas ou pretas, engobos vermelhos na superfície e faixas vermelhas que separam campos de pinturas ao longo da vasilha. Os motivos são bastante variados, desde formas geométricas até entrelaçados de linhas que sugerem entranhas do corpo humano.

No intuito de perceber os padrões estilísticos entre todas as coleções analisadas foi feito um estudo que diferencia o tratamento plástico e cromático, mas colocando as duas categorias numa mesma escala de representação, em que levamos em consideração os seguintes atributos: liso, corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado, inciso, pinçada, roletado, com engobo branco, com engobo vermelho, com engobo branco e pintura vermelha sobreposta, com pintura vermelha, com pintura preta e com engobo branco e pintura preta.

Em todos os sítios o tratamento de superfície alisado predomina, seguindo índices de peças com tratamento corrugado, ungulado, corrugado-ungulado e toda variação de tratamentos cromáticos. Apenas nos sítios Morro Bonito I e Sibelco há variação, em que o tratamento ungulado predomina em relação ao corrugado. Mas é interessante notar que há uma grande variação de tipos de tratamento de superfície, o que é bem típico de sítios que podem ser interpretados como aldeias, onde todas as atividades quotidianas ocorrem no contexto sistêmico. Esta mesma perspectiva funcional tivemos na sistematização dos formatos dos potes dos sítios Arroio Corrente V, Morro Bonito I e Morro Bonito II, os quais nos são uma amostra geral das coleções (ver anexos 21 a 28). Nas projeções de vasilhas a mesma questão ocorre, pois percebemos que vários tipos de potes que compõem o *kit doméstico* estão presentes no contexto arqueológico, sendo um fator bastante comum em contextos de aldeias.

Superfície externa	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
Lisa	335	179	270	2258	76	27	3145
Corrugada	83	124	80	696	49	38	1070
Ungulada	150	71	111	176	79	12	599
corrug-Ung.	89	44	10	119	22	9	293
Eng. Branco	3	1	15	78	3	0	100
E. bco. P. Verm.	1	11	7	33	2	0	54
Engobo vermelho	0	5	11	6	5	1	28
Roletado	1	1	0	2	0	0	4
Inciso	5	4	8	9	7	0	33

Escovado	0	2	0	46	0	0	48
Pintura vermelha	11	0	1	19	0	0	31
Pinçada	0	0	10	0	1	0	11
Engobo branco com pintura preta	0	0	0	3	0	0	3
Pintura preta	0	0	0	11	0	0	11
total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 5: Quantificação de fragmentos pela superfície externa

Gráfico 5: Quantificação de fragmentos pela superfície externa

✓ Superfície interna dos fragmentos

A superfície interna dos vasilhames segue princípios semelhantes à porção externa, mas geralmente atendendo a questões funcionais das mesmas. Buscamos, neste caso identificar os principais tipos de tratamento nas coleções estudadas. Neste caso, também não houve variação entre as coleções, sendo o predomínio de vasilhas alisadas internamente, seguido de peças com algum tipo de tratamento cromático.

Superfície interna	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
Lisa	657	404	482	3065	227	79	4914
Engobo branco	3	9	0	242	2	3	259
E. Bc. P. Verm	3	14	1	54	1	1	74
Eng. Vermelho	11	15	19	26	0	4	75
Pintura vermelha	4	0	20	57	7	0	88
Engobo branco com pintura preta	0	0	1	7	1	0	9
Pintura preta	0	0	0	5	6	0	11
Total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 6: Quantificação de fragmentos pela superfície interna

Gráfico 6: Quantificação de fragmentos pela superfície interna

✓ Tipo de queima dos fragmentos

Sobre os padrões de queima, em outro trabalho (Milheira 2008) já apresentamos uma discussão baseada na bibliografia especializada sobre o tema, sendo interessante aqui repeti-la, pois cabe perfeitamente ao estudo das coleções cerâmicas dos sítios Guarani do litoral de Jaguaruna. Na cadeia operatória de confecção das vasilhas cerâmicas, a queima é o último estágio antes da utilização das mesmas, que envolve a secagem, a queima e o acabamento de superfície pós-queima (Rye 1981). A secagem das vasilhas pode se dar ao natural, à sombra ou próxima ao forno e envolve uma série de técnicas que visam evitar rachaduras na superfície da vasilha ou defeitos decorrentes desta, como a quebra, muito comum quando a técnica de secagem é mal aplicada (Orton, Tyers e Vince 1993, Silva 2000). A queima, por sua vez é um importante estágio da produção, considerado um momento crucial no processo de manufatura que visa finalizar o processo, evitando-se também incorrer em problemas de quebra ou defeitos decorrentes de uma queima mal controlada.¹⁶

Segundo Orton, Tyers e Vince (1993: 126) seria necessário um ambiente de queima com 550-600°C de temperatura para que as transformações químicas e físicas ocorressem, permitindo a transformação da matéria-prima no material cerâmico. Estes autores classificam dois procedimentos de produção de cerâmica que se

¹⁶ “The firing stage of pottery making is the crucial one; it tests the soundness of the potter’s work, it determines the serviceability of the ware, and it affects its attractiveness” (Shepard 1985 [1956], p. 213).

diferenciam quanto ao tipo de forno: a) **Forno aberto** (*Open firing*): diz respeito aos principais tipos de fogueira reconhecidos entre ceramistas tradicionais, assim como, sugere-se que é o tipo de forno responsável pela produção da maioria das cerâmicas encontradas em contextos arqueológicos de grupos pré-históricos. Trata-se de fogueiras em que os combustíveis e as vasilhas têm contato direto. São fogueiras geralmente arranjadas em torno de um poste ou dentro de uma depressão na terra. b) **Forno fechado** (*Kiln firing*): trata-se de fornos em que a vasilha e os combustíveis são separados, em que o pote geralmente é colocado em uma câmara aquecida pelos gases e chamas da fogueira do combustível.

Em nosso trabalho, nossos conjuntos cerâmicos são compostos predominantemente por fragmentos de vasilhas oriundas de contextos arqueológicos, não sendo possível conhecer o processo de queima como um todo, nem tampouco identificar com certeza o tipo de forno usado para o fabrico das vasilhas. Apenas podemos sugerir, com base na coloração da pasta, qual seria o ambiente de queima em que as vasilhas foram manufaturadas. Sendo assim, temos que trabalhar com variáveis numéricas que dizem respeito à medição estatística de tipos de coloração. Shepard (1986 [1956]: 213-224) sugere, com base na coloração do núcleo da pasta cerâmica, dois tipos de ambientes de queima em que a cerâmica esteve exposta quando do fabrico da mesma: *esfera oxidante* – quando ocorre a queima da vasilha a uma temperatura maior que 700-750°C, o que queima as moléculas de carbono e transforma óxido de ferro em ferro, resultando em uma coloração clara e homogênea na pasta cerâmica – e , *esfera redutora* – quando ocorre a queima da vasilha a uma temperatura menor que esta indicada, prendendo as moléculas de carbono em seu interior, gerando uma coloração escura ou heterogênea, com núcleo ou alguma superfície com coloração preta ou acinzentada. Esta sugestão foi tomada como premissa básica em dezenas de trabalhos no Brasil, em que quando ocorre predomínio de pasta com coloração escura ou heterogênea sugere-se fabrico de cerâmica em forno aberto, enquanto que, sugere-se forno fechado, quando predominam pastas cerâmicas com coloração clara e homogênea (Robrahn-Gonzalez 1988, Jacques 2007).

Esta forma de identificar tipo de forno utilizado no fabrico das vasilhas cerâmicas vem sendo questionada à luz de trabalhos mais recentes, os quais, por sua vez, tem problematizado a relação coloração da pasta/ambiente e temperatura de queima. Chamamos atenção, em primeiro lugar, para o trabalho de Orton, Tyers e Vince (1993), em que comentam que as características de aparência das vasilhas dependem

de questões como a composição natural da matéria-prima, as ações na preparação e mistura da argila com ou sem adição de anti-plásticos, a atmosfera e temperatura do fogo, uso e processos pós-deposicionais naturais que agem sobre os materiais arqueológicos. Os autores chamam atenção também para o fato de que a espessura da vasilha ocasiona diferentes colorações ao longo da mesma, havendo uma tendência a que fragmentos mais grossos (bases e bordas) adquiram uma coloração escurecida no núcleo.

Em segundo lugar, o trabalho de Silva (2000) indica que a temperatura do fogo não é homogênea na fogueira em que as vasilhas são fabricadas. Uma medição do calor da fogueira, realizada pela autora, com a utilização de cones pirométricos permitiu identificar variados ambientes de calor em distintos setores da fogueira, bem como possibilitou medir variação no calor da fogueira dependendo dos combustíveis e quantidade e tamanho de potes colocados para cozinhar. Este dado sugere que a variação da temperatura do fogo, associada aos diferentes produtos químicos presentes na argila e tempero utilizados pela oleira são fatores que podem gerar coloração heterogênea na superfície da cerâmica, bem como em sua pasta, não havendo, portanto, uma relação tão simples entre coloração da pasta clara ou escura *versus* temperatura do fogo.¹⁷ Se a variação na temperatura do fogo, associada aos elementos de composição, manufatura e aspectos de uso e fatores pós-deposicionais, geram variação na coloração da pasta cerâmica de uma vasilha em sua extensão, como podemos ter certeza, através da análise de um fragmento, que este pertencia a uma vasilha confeccionada em forno aberto ou fechado, ou mais, ainda, se o ambiente de queima ultrapassaria ou não a temperatura necessária para a oxidação da mesma?

Com este questionamento fica claro que a tarefa de determinar o tipo de forno e ambiente para confecção de cerâmicas arqueológicas, a partir da coloração do núcleo da pasta cerâmica é uma tarefa que carece de um esquema metodológico mais seguro, pois há uma série de variantes que devem ser levadas em conta e que, em nossa visão, dependem de trabalhos de experimentação arqueológica e arqueometria associados a análises mais detalhadas das características formais dos fragmentos e vasilhas. Apesar disso, há uma tendência em se considerar que quanto maior o controle do ambiente de queima maior as chances de que a peça seja fabricada sem problemas

¹⁷ É necessário ressaltar também que geralmente as vasilhas inteiras ou semi-inteiras apresentam variação quanto à coloração da pasta em si mesma, ou seja, com um corte transversal, pode se ver variações na coloração desde a base até a borda, sugerindo que o ambiente de queima seja heterogêneo.

físicos e tenha, com isso, um núcleo de coloração homogênea. Por outro lado, fornos abertos, tendem a heterogeneizar a parede das vasilhas, havendo variação ao longo da mesma. Para classificação da variação da coloração da pasta cerâmica seguimos o esquema de cortes transversais proposto por Orton, Tyers e Vince (1993: 134) e adaptado por Robrahn-Gonzalez (1988), Araujo (2001) e Jacques (2007), entretanto com a diferença que os autores tratam essas variações como indicadores de ambientes reduzido ou oxidante e tratamos aqui apenas como variação da coloração do núcleo da pasta, sem necessariamente indicar o ambiente de queima. Para facilitar a comparação para trabalhos futuros apresentamos a descrição do tipo de queima e a terminologia tradicional a que se refere a bibliografia especializada.

Pasta clara: coloração homogênea em tons de vermelho, amarelo e marrom, que indicam transformação de ferro em óxido de ferro. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante. **Pasta escura:** coloração homogênea em tons de cinza e preto que indica a apreensão de moléculas de carbono, oriundas da queima de matéria orgânica no interior da pasta cerâmica. A bibliografia sugere como pasta do tipo oxidante. **Pasta clara interna/escura externa:** coloração heterogênea em tons sobrepostos dos tipos acima. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante interna. **Pasta clara externa/escura interna:** coloração heterogênea em tons sobrepostos dos tipos acima. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante externa. **Pasta clara interna/clara externa/escura nuclear (pasta sanduíche):** coloração heterogênea em tons sobrepostos dos tipos acima. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante externa e interna, com núcleo reduzido bem demarcado.

No caso da queima das vasilhas não ocorre uma padronização em todos os sítios. Vemos que nos sítios Morro Bonito I e Laranjal I, por exemplo, predomina queima do tipo uniforme clara, já nos sítios Sibelco, Morro Bonito II, Riacho dos Franciscos I e Arroio Corrente V, a predominância se dá na queima do tipo núcleo escuro. Antes de ser uma escolha das oleiras ao tipo de forno que permita este ou aquele tipo de núcleo, considerando a discussão apresentada acima, é possível compreender que a variação do tipo de núcleo se dê por uma questão de dificuldade em dominar a tecnologia do fogo, gerando então diferentes tipos de queima no núcleo das vasilhas.

Queima	MB I	MB II	Sibelco	Laranjal I	Riacho Franc I	Arroio Cor. V	total
Uniforme clara	289	56	119	1321	39	18	1842
Uniforme escura	135	44	109	440	56	20	804
Núcleo escuro	35	239	216	570	62	30	1152
Núcleo escuro com lâminas int. e ext. finas	98	0	12	548	8	1	667
Escura externa, clara interna	2	23	67	22	79	0	193
Escura interna, clara externa	119	80	0	555	0	18	772
total	678	442	523	3456	244	87	5430

Tabela 7: Quantificação de fragmentos pelo tipo de queima

Gráfico 7: Quantificação de fragmentos pelo tipo de queima

As análises realizadas demonstraram um grande índice de padronização das técnicas aplicadas à confecção das vasilhas cerâmicas, não havendo fuga aos padrões macro-regionais desde o Rio Grande do Sul até São Paulo. São sítios Guarani que demonstraram, a priori, coleções variadas em funcionalidade dos potes, tratamentos de superfície externa e externa, entre os outros atributos analisados, mas demonstrando serem bem típicas da cultura Guarani, estando dentro dos padrões “esperados” para esta cultura.

4. Propondo uma história regional Guarani. Da ocupação à desocupação do litoral de Jaguaruna

Pensar a história indígena Guarani na região litoral de Jaguaruna é refletir sobre uma história de longa duração (Sahlins 1990 [1985], Noelli 1993, Neves 1998, Heckenberger 2001) que abrange uma faixa temporal iniciada em torno do século XIII até a atualidade, pois as populações Guarani habitam, não mais a região da pesquisa em si, mas aldeias em regiões próximas e ainda no ambiente litorâneo do sul de Santa Catarina. Podemos colocar como um momento de mudança brusca no processo de ocupação regional, a chegada dos conquistadores europeus, a partir de 1530, quando então se inicia um processo de dizimação e extermínio das populações indígenas em várias esferas sociais e através de vários meios.

Buscaremos articular as informações arqueológicas geradas pela pesquisa em campo, laboratório, leitura da bibliografia especializada, conversas com moradores locais, discussões entre colegas arqueólogos (altamente produtivas), enfim, articular os dados arqueológicos e as discussões em vias de compor uma narrativa histórica sobre a ocupação Guarani na região. Tratamos aqui como uma narrativa histórica e cultural em virtude de que não buscamos explicar sobre “A” história Guarani, mas sobre “UMA” história possível, baseada em dados arqueológicos que nos permitem elucidar algumas questões que devem ser testadas e re-testadas por outros pesquisadores (Trigger 1973, 2004 [1989]; Burke 2005).

Objetivamos compor um modelo de ocupação regional. Por pressuposto, modelo interpretativo em arqueologia é uma denominação inicialmente utilizada por pesquisadores britânicos (Piggot 1961 *apud* Trigger 1973), remetendo-se aos vários quadros conceituais para interpretar os dados arqueológicos. Em arqueologia, assim como nas ciências humanas em geral, “as explicações são idealmente feitas à luz da mais completa evidência e dos melhores quadros teóricos à disposição. A exatidão de tais explicações só pode ser testada pela sua capacidade de resistência à acumulação de novas provas e pelo aperfeiçoamento de teorias mais sofisticadas a respeito da natureza da cultura. A escavação de novos sítios pode alterar completamente as interpretações baseadas em dados mais limitados; as interpretações, no entanto, também podem ser revistas, por causa dos progressos teóricos em campos inter-relacionados (...)” (Trigger 1973, p. 6).

Nossa intenção é dar uma contribuição a esta possível história Guarani,

uma vez que as pesquisas sobre este grupo indígena foram relegadas a um segundo plano em virtude da preocupação mais contundente voltada para os monumentais sambaquis. Podemos dizer que o primeiro arqueólogo que percebeu a importância deste grupo indígena, buscando o mapeamento e sistematização dos seus dados foi o Pe. Rohr, que através de algumas publicações clamou para que os arqueólogos abordassem esses sítios arqueológicos em vias de estudar os Guarani. Porém, poucos esforços foram despendidos neste sentido, mudando este panorama somente nos anos 2000 em diante, quando pesquisas de arqueologia de contrato e algumas pesquisas acadêmicas voltaram seu olhar para os sítios ceramistas dos grupos Guarani (Lavina & Caldarelli 1999, Lavina 2000, Lino 2007, Silva et al 2008, Novasco & Farias 2009, Alves 2010).

Nossa intenção é abordar a história-cultural Guarani avançando além das limitações das pesquisas anteriores aos anos 2000 que versam sobre este grupo, as quais, embora tenham dado uma grande contribuição em termos de identificação e mapeamento de sítios arqueológicos, não conseguiram atingir uma abordagem explanativa, limitando o nosso conhecimento sobre essas populações neste período da história antiga do Brasil. Noelli (1999-2000) é taxativo ao avaliar a abordagem pronapiana e seu panorama explicativo sobre as ocupações indígenas do sul do Brasil. Para este autor, a maioria dos dados arqueológicos produzidos pelos pronapianos ou mesmo por aqueles que não fizeram parte do PRONAPA¹⁸, mas que desenvolveram pesquisas sob o enfoque deste histórico-culturalismo à brasileira, serviram apenas para concluir que: 1) houve ocupação humana; 2) que ela foi mapeada geograficamente e cronologicamente; 3) que há uma distinção formal e estilística entre os principais conjuntos de registros arqueológicos; 4) que houve diversos processos de ocupação do espaço ao longo do tempo por populações distintas; 5) que há padrões de adaptação ecológica; 6) que há continuidade e coincidência entre grupos linguísticos e cultura material. Claramente o autor está avaliando as pesquisas arqueológicas no sul do Brasil, pensando sobre todas as tradições arqueológicas geradas pelas pesquisas, porém, se observarmos o quadro das pesquisas na região sul do Estado de Santa Catarina, mais especificamente sobre as populações Guarani, veremos que alguns itens destacados pelo autor nem mesmo foram elucidados nas pesquisas, estando ainda à espera.

Temas como adaptação ecológica, variabilidade estilística e tecnológica,

¹⁸ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA. Desenvolvido entre os anos de 1965-70 sob coordenação dos arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans. Ver discussão de um ponto de vista político, acadêmico e ideológico deste Programa em Dias 1995, 2003; Noelli 1993; Soares 1996; Funari 1998; Noelli & Ferreira 2007.

organização espacial, relações sociais, fenômenos de fronteira e dominação de territórios foram negligenciados à luz da teoria pronapiana eminentemente empirista, porém, são algumas das questões que buscamos abordar em nossa pesquisa.

Com base neste quadro é que iniciamos nossa pesquisa. Este panorama teórico crítico aqui apresentado não deve ser entendido como uma leitura do tipo “terra arrasada”. Pelo contrário, é necessária uma crítica construtiva, pois herdamos uma série de dados arqueológicos, provenientes de pesquisas que, com certeza, foi o melhor que se pôde fazer naquele determinado período em que a arqueologia profissional ou científica se iniciava no Brasil (Prous & Piazza 1976, Prous 1992). Cabe a nós, no momento atual, abordar outras temáticas que dêem conta de explicar os processos históricos e culturais das populações indígenas sob vieses teóricos mais aprimorados, sempre lembrando que a pesquisa científica é resultado de um crescente, dependente de investimentos intelectuais e financeiros. Apenas 40 anos após as pesquisas do PRONAPA estamos avançando, em algumas regiões do Brasil, além da perspectiva prospectiva ou, como colocam Willey & Sabloff (1980), indo além do período “histórico-classificatório”.

Neste caso, buscamos atender as orientações propostas por Lavina (2000, p. 161), que diz que entre as questões que necessitam ser aprofundadas em futuros projetos pode se citar as que se referem aos “possíveis contatos ocorridos com grupos não-Tupiguarani, o estabelecimento de uma cronologia mais ampla para a Tradição no litoral do extremo sul do Estado, de maneira a permitir uma visão tanto sincrônica como diacrônica do processo de ocupação deste território e esclarecer as mudanças culturais que ocorreram nestes grupos a partir do contato com a sociedade européia, que ocorreu desde o século XV”.

Em nossa pesquisa buscamos abordar a história de longa duração Guarani numa perspectiva regional, articulando as informações geradas a partir das escavações arqueológicas realizadas nestes anos de trabalho com os dados de pesquisas arqueológicas anteriores e informações etnohistóricas e etnográficas, a fim de dar corpo à estática do registro arqueológico, ou, como diria Flannery (1973, p. 104) “Colocar um pouco de carne no esqueleto arqueológico”. Será traçado um panorama histórico em vias de entender o processo de ocupação Guarani na região do litoral de Jaguaruna, desde o início do processo de expansão das aldeias que foram constituídas em meio a esse ambiente litorâneo até o desencadeamento de eventos processuais que desequilibraram o sistema cultural Guarani, com a chegada das populações européias.

4.1. Chegando na praia e dominando o espaço

O cenário é a região de lagoas interligadas que se situam em meio a vários cordões de dunas arenosas. O mar à frente, em direção ao sol nascente. O vento forte, geralmente vindo de nordeste traz a possibilidade de boas safras de camarão que desovam nas lagoas de águas quentes, as mesmas lagoas onde cardumes de peixes parecem não ter fim. Enxovas, bagres, miraguias, corvinas, robalos, betaras, as tainhas pulam produzindo seus sons característicos ao mergulharem, chamando a atenção e trazendo a certeza da boa pesca.

No meio do mato, as árvores e plantas nativas garantem que as fogueiras poderão ser acesas todo dia, como manda a tradição. As casas poderão ser construídas, pois há palha e troncos suficientes para esta finalidade. Não falta barro para as panelas e para construir as casas, pois em vários pontos perto das dunas, dos rios e da praia tem barreiros bons, que as melhores oleiras poderão dizer. Tem bastante concha também! Muitas conchas de vários tipos, que servirão, com certeza, para a confecção de adornos, lindos colares, brincos e até mesmo para construção dos pisos das casas e por que não comer umas ostras e uns berbigões.

Sabe-se que povos antigos habitaram antes esta planície toda, construíam suas casas em volta de uns grandes morros que fazem de conchas, onde enterram seus mortos. Mas hoje em dia não mais habitam aqui, sumiram, escafederam-se, não se sabe para onde foram ou o que lhes aconteceu. De certo que deixaram seus morros de conchas e seus parentes mortos para trás, abandonaram o local sem deixar sinais de sua ida. Já ouvi histórias sobre estes construtores de conchas, os antigos falam deles, dizendo que são os *tampa ki*, talvez seja disto que eles falavam.

Eventualmente vimos que alguns índios descem a serra, provindos da encosta para sepultar seus parentes mortos também dentro destes morros de conchas, até nos disseram que alguns morros eles mesmos fizeram, não sabemos se isto está certo, mas é o que dizem. Vimos que rezam e queimam seus parentes, mas antes quebram os ossos, não sabemos o que isso quer dizer, mas com certeza rezam, eles crêem em algum Deus, mas não conhecemos qual. Eles têm panelas de barro também, mas diferentes das nossas. Passados alguns dias voltaram para as suas aldeias nas terras altas e desapareceram.

O fato é que parece que esta terra toda, essas dunas, essas lagoas e o mar

não é lugar de quase ninguém. Creio que não vai ser muito difícil de dominarmos estas terras e criarmos nossos filhos em novas aldeias. Vamos expandir nossas terras, vamos aumentar nosso *teko'á*, lá, o que não falta é coisa pra comer, terra pra plantar nossa mandioca, barro pra fazer panela e madeira pra fazer o fogo e as casas. Tem tudo que precisamos, vambora!.

Esta é uma breve história romanceada do que pensamos que poderia ter acontecido na ocupação da região de Jaguaruna e Laguna. Os dados arqueológicos gerados pelo Projeto Sambaquis e Paisagem apontam para um momento de ocupação dos grupos sambaquieiros que se estende de 7500 a 1420 AP (DeBlasis et al 2007, Assunção 2010). De certo que o final da ocupação sambaquieira é muito pouco conhecido, pois é uma das lacunas nos sambaquis no Brasil todo, não somente aqui no litoral sul de Santa Catarina. No Rio de Janeiro, por exemplo, segundo Gaspar et al (2008), criou-se a hipótese de que a sociedade sambaquieira daquela região tenha sido colapsada pela expansão das populações ceramistas que se utilizaram do embate corporal para dominar os territórios e resolver seus conflitos com outros grupos. Trata-se da expansão dos grupos indígenas Tupinambá, que vieram ocupar região dos Lagos-RJ, a partir de 2600 ± 160 AP e, posteriormente, dos grupos Jê, conhecidos regionalmente como Goitacá, que ocuparam a costa em torno de 1065 ± 90 AP. Aliás, esta hipótese de que grupos ceramistas teriam expandido seus territórios aniquilando as sociedades sambaquieiras já é bastante corrente entre os arqueólogos, mas pouco foi testada cientificamente (Prous 1992, Gaspar 2000).

Porém, no litoral sul de Santa Catarina, mais especificamente na região de Jaguaruna e Laguna, esse período final de ocupação dos sambaquis foi pouco explorado cientificamente, mas, sabemos que em torno de 1400 AP. não mais se construiu os montes de conchas, sem sabermos o porquê, para onde foram os grupos, se é que foram para algum lugar. Enfim, muito pouco se sabe sobre este período final das sociedades sambaquieiras (ver quadro de datações dos sítios arqueológicos sambaquieiros e concheiros Jê da região da Paleolaguna de Santa Marta em anexo 05).

No que se refere à ocupação dos grupos Jê, as informações indicam que os mesmos preferiram habitar a região da serra, onde são conhecidas suas aldeias, algumas inclusive relacionadas aos famosos buracos de bugre ou casas subterrâneas. Várias informações históricas dão conta de demonstrar que eles habitaram as matas serranas e parecem não ter preferido habitar as planícies litorâneas. Porém, alguns indícios sugerem que ao menos utilizam os sambaquis para sepultar seus mortos ou, por que não,

até construíram alguns concheiros para esta finalidade. Esta é uma discussão que diz respeito ao sítio Galheta 4 (com datação de 930 e 760 AP, *conf.* Assunção 2010) entre outros concheiros litorâneos, o qual se situa num cristalino proeminente na paisagem, que parece adentrar ao mar, sugerindo ser uma esplêndida plataforma ritualística para as atividades religiosas. Não conhecemos, até o momento, nenhum sítio Jê no litoral que possa ser classificado como uma aldeia com adensamento populacional, esta é uma informação que reforça que estes grupos apenas utilizaram a região de praias eventualmente para suas atividades ritualísticas, retornando às terras altas da serra catarinense e encosta para suas aldeias.

Os grupos Guarani, por sua vez, parecem ter ocupado massivamente a região, expandindo-se rapidamente entre as lagoas, dunas e matas num período de apenas 150 anos aproximadamente. Esta é uma hipótese contextual que estamos buscando, em que as datações radiocarbônicas têm indicado que o início da ocupação teria se dado em torno de 1360-1470 AD (século XIV ao século XV. Datação de conchas do sítio Olho D'água I), estendendo-se ao período colonial, em torno de 1449-1614 AD (Século XV ao século XVII. Datação do sítio Morro Bonito II).

Estamos desconsiderando neste momento as datações apresentadas em Lavina (2000) e Lino (2007), cujos sítios Guarani estudados e datados apontam para uma ocupação que se estende de 720 ± 150 (Sítio Aldeia do Cemitério Lagoa dos Esteves) até 610 ± 60 (sítio Aldeia da Lagoa Mãe Luzia). O caso é que as datações foram realizadas com o método de Termoluminescência e o próprio autor das mesmas, o arqueólogo Rodrigo Lavina, em comunicação pessoal num momento de debate sobre estas datações no V Encontro da SAB-SUL em Tubarão foi taxativo ao afirmar que não confia nas datações realizadas, pois elas apontam um horizonte cronológico muito antigo para a ocupação Guarani na região¹⁹. Ainda ponderou o arqueólogo, poderíamos até pensar que as datas mais recentes estariam dentro de um horizonte cronológico aceitável, porém, se temos datas que posam estar equivocadas, por serem muito antigas e fora deste horizonte cronológico para a região, o que garante que as datas mais recentes estão corretas, se elas foram coletadas da mesma forma e processadas com o mesmo método? Considerando esta informação coerente, pois é uma contestação do próprio autor das datas, preferimos desconsiderar estes valores para pensar o processo

¹⁹ No momento da discussão colocamos em questão também as datações apresentadas no relatório de pesquisa desenvolvida na ZPE em Imbituba, SC, as quais apontam um horizonte cronológico que pode chegar a 1200 AP para a ocupação Guarani no litoral sul de Santa Catarina.

de ocupação Guarani na região do litoral sul do Estado de Santa Catarina. Fica então o desafio para que pesquisas futuras busquem datações dos mesmos sítios através de métodos mais precisos e confiáveis, como o método radiocarbônico, para então colocar à prova as datações feitas em TL neste contexto específico²⁰.

Portanto, neste período de 150 anos antes da chegada dos europeus, que estamos tratando no litoral de Jaguaruna, houve um massivo processo de ocupação dos grupos Guarani nos diferentes estratos ambientais. Este processo poderia ter se dado, com algumas ressalvas que apontaremos mais adiante, através de um modelo de expansão territorial que Brochado (1984) chamou de “*enxameamento*”. Este modelo propõe que os grupos Guarani expandem seu território dividindo as aldeias em células, que se sub-dividem novamente e assim por diante, de forma a ocupar um espaço territorial a partir de um adensamento populacional. Esta forma de expansão ocorre de maneira estrategicamente coordenada por lideranças que assumem esta posição em virtude de sua capacidade oral, sendo vários os motivos culturais e naturais que condicionam e exigem a expansão territorial: doenças, economia de plantio, *ethos* guerreiro, fugas, presságios, busca da terra sem males, etc..

No modelo que propomos, sugerimos que houve uma especificidade no que se refere à ocupação do território do litoral de Jaguaruna. Se pensarmos que este espaço litorâneo estava praticamente desocupado quando da chegada dos grupos Guarani na região, visto que os grupos sambaquieiros já não mais habitavam a região e alguns indícios sugerem que os grupos Jê apenas desciam ao litoral para eventuais rituais funerários, veremos que as dificuldades impostas conhecidas em outras regiões do Brasil não ocorreram aqui, garantindo que a velocidade de expansão e ocupação tenha se dado em poucas gerações. Isto explicaria, em parte, porque temos um adensamento de sítios arqueológicos Guarani em um território tão amplo em tão pouco tempo, num processo que não parece ter ultrapassado a faixa temporal de 150 anos para se desenvolver, até a chegada dos europeus.

Ainda desconhecemos qualquer tipo de vestígio arqueológico que indique o embate corporal entre os grupos Jê e Guarani, como foi identificado na região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Mesmo assim, se houvesse empecilhos em termos de

²⁰Esta discussão sobre o método de TL *versus* o método radiocarbônico já vem sendo amplamente observada pelos arqueólogos no Brasil. No Congresso da SAB em Mato Grosso do Sul, foi realizada uma mesa para discutir a aplicação da TL, métodos de coleta e comparação com o método radiocarbônico, gerando a publicação de Watanabe et al (2005-2006). Porém, ainda não parece que tenha havido aceitação completa por parte dos arqueólogos com relação aos argumentos dos responsáveis pelo desenvolvimento de datações deste tipo no Brasil. Já, o método radiocarbônico é mais aceito.

ocupações de outras culturas indígenas na região, que pudessem ter causado algum tipo de limitação à dominação territorial por parte dos Guarani, teria sido este um problema resolvido com base em sua capacidade belicosa. Vários relatos de viajantes e cronistas (por exemplo, Staden 2007 [1557] e Cabeza de Vaca 1999), sugerem que a belicosidade era uma constante entre as populações Tupi-Guarani. Numa perspectiva sociológica e filosófica muito refinada, Florestan Fernandes (2006 [1952]) considera que a guerra tem um papel simbólico fundamental para a estruturação do *ethos* guerreiro que configura as populações Tupi em geral, sendo um dos elementos que fundamenta o modo de ser Tupi. Na sua visão, a guerra ocorria numa perspectiva simbólica por intermédio de uma sucessão de situações que tomava a forma de uma cadeia circular, que envolve a “descoberta da necessidade de relação sacrificial por parte do ‘espírito’ de um parente morto, de um antepassado memorável ou de um ancestral mítico; reunião do conselho dos chefes; audição do xamã; deliberação da guerra; ritos de preparação material, psíquica, moral e mágico religiosa da guerra; realização da incursão ou da excursão guerreira; choque armado; se o desfecho do combate fosse favorável, captura de prisioneiros ou apropriação do corpo das vítimas; realização das marchas de retorno, observância dos ritos de tratamento do ‘estranho’: conversão do prisioneiro de guerra em vítima e a sua integração à comunidade como escravo; ritos de preparação do sacrifício; prática do sacrifício sangrento, observância dos ritos de purificação, de renomação e de ingestão cerimonial da carne da vítima, com a apropriação correspondente dos restos mortuários” (Fernandes, 2006 [1952], p. 410). O “sacrifício” e a “vingança” constituiriam os dois pilares sociológicos para o empreendimento desta cadeia de situações, que se manifesta no meio tangível e físico através da luta corporal e armada.

Fausto (2001) também observa que a guerra permanente entre duas parcelas étnicas aparentadas, os Parakanã Oriental e Ocidental, é o que mantém a coesão cultural, mesmo que os interesses entre ambas as parcialidades étnicas sejam opostos e as práticas de violência sejam vetorizadas de maneira unilateral predominantemente. Ao se manterem eternamente inimigos e fielmente inimigos, as duas parcialidades mantêm-se coesas socialmente, traçando conjuntamente seu processo histórico com o passar dos séculos. Neste sentido, como diria Florestan Fernandes, a guerra adquire um status fundamental que permeia as relações de parentesco e permite a coesão social e a estrutura cultural interna.

Com esta discussão, queremos chamar atenção para o fato de que o *ethos*

guerreiro das sociedades Tupi-Guarani é um elemento que não apenas permite uma boa performance em situações de guerra, mas antes disso, os Guarani, tendem a buscar situações de guerra, por ser este um fator social de orgulho, crescimento individual e coletivo, coesão social, manutenção de prestígio social etc.. Logo, podemos imaginar que populações menos numerosas e talvez com um potencial distinto na guerra (talvez um potencial inferior) pudessem ocupar a região de Jaguaruna, porém, seria uma situação em que os Guarani talvez soubessem lidar, ou através da guerra e extermínio e aprisionamento dos grupos inimigos, ou mesmo, através de relações de parentesco e alianças que tendem a *guaranizar* o “outro” assimilando-os à sua cultura²¹.

Se compararmos a dinâmica de ocupação do litoral de Jaguaruna com outras áreas do Brasil, onde sabidamente outras culturas já estavam estruturadas, veremos que o processo, nestas outras áreas do Brasil foi mais lento, gerando um adensamento de sítios de maneira distinta na paisagem. Na região da porção sudoeste da Laguna dos Patos, foi possível perceber que a ocupação Guarani no litoral desenvolveu-se a partir de um processo de expansão territorial, cujo centro dos aldeamentos seria a região da Serra do Sudeste, com um horizonte cronológico em torno de 510±70 A.P. (Sítio PSGPA-04-Ribes). Neste período estariam descendo a serra e expandindo seus territórios em busca de novos campos agriculturáveis e talvez em busca de recursos naturais distintos, ligados ao ambiente lacustre, ou mesmo por motivos simbólicos e culturais que não se conseguiu ainda averiguar. Desta forma, os grupos Guarani passaram a ocupar a costa da Laguna dos Patos em torno de 530±40 A.P. (Sítio PS-03-Totó), (Milheira 2008). Porém, como já era um ambiente amplamente ocupado pelos grupos construtores de cerritos, desde pelo menos aproximadamente 2400 A.P (Schmitz 1976), o processo de ocupação teve uma dinâmica diferenciada por uma questão de disputa de espaços. Rogge (2004) propõe, com base na informação de que cerâmicas com decoração tipicamente Guarani são encontradas no topo dos cerritos, que houve um processo de “interação social” não necessariamente belicoso, gerando uma situação de fronteiras negociadas politicamente. O fato é que, pela análise dos mapas, nota-se que o adensamento dos sítios arqueológicos Guarani na margem da Laguna dos Patos sugere que um processo de expansão territorial ocorria lentamente, quando então chegam as populações européias rompendo o processo ameríndio corrente (ver mapa da região da Laguna dos Patos e serra do Sudeste com localização dos sítios Guarani em anexo 29).

²¹ Sobre a questão da “guaranização” através do fenômeno social conhecido como *cuñadazgo* ver Noelli (1993) e Soares (1997).

Outro trabalho interessante que também nos permite discutir esta questão da dinâmica de ocupação territorial pelos grupos Tupi-Guarani é a pesquisa publicada por Gaspar et al. (2007). Com a distribuição dos sítios arqueológicos na região dos Lagos-RJ e com base nas datações que indicam que as três culturas (Sambaquis, Goitacá e Tupinambá) foram, em um determinado momento, contemporâneas²², as autoras buscaram na guerra e no embate corporal a explicação para o processo de disputas observado empiricamente. Um fenômeno materializado que sugere que estas disputas foram frequentes, sendo um dos motivos de aniquilação da sociedade sambaquieira, é o grande número de enterramentos funerários com padrões específicos de calcinamento e fragmentação dos ossos sepultados, sugerindo situações de violência de uma cultura com relação à outra. O resultado em termos de distribuição espacial dos sítios arqueológicos pode ser percebido no mapa das autoras (adaptado aqui no anexo 30), que indica uma grande disputa pelo espaço, pois nota-se que as três culturas limitaram circunscritamente seus assentamentos adaptando-se à situação de fronteiras, cada qual em seu ambiente.

A ocupação dos grupos Guarani não se limitou à região de Jaguaruna, pois são conhecidos sítios arqueológicos desta cultura ao longo de toda faixa litorânea do sul do Estado de Santa Catarina. Ao observarmos o mapa gerado pela pesquisa realizada por Lavina (2000) e sistematizado no trabalho de Lino (2007), comparando-o com o mapa de adensamento de sítios gerado por nossa pesquisa, fica evidente que a ocupação Guarani desenvolvida no vale do rio Araranguá teve relação direta com a ocupação no litoral de Jaguaruna. A distância do adensamento das aldeias de ambas as regiões não ultrapassa um raio de 50km, o que se enquadraria perfeitamente na hipótese de que o território de domínio (*teko'á*) das culturas Guarani pode alcançar um raio de 50km, hipótese esta testada (Noelli 1993, Milheira 2008) e que parece ter bastante coerência em termos empíricos. Logo, seria plausível pensar que a região que abrange os vales do rio Araranguá, vale do rio Urussanga e rio Jaguaruna tenha sido dominada por um mesmo sistema sociocultural Guarani, envolvendo, além dos rios e seus afluentes, uma série de lagoas, lagunas, dunas, campos, banhados e uma grande parcela da orla marítima do sul do Estado.

²² A ocupação sambaquieira na região teria se dado entre 5700±70 AP (sítio Itaúnas) e 710±60 AP (sítio Malhada). A ocupação Tupinambá teria ocorrido entre 2600±160 AP (sítio Morro Grande) com datações que também avançam ao período colonial em torno de 185±120 AP (sítio Três Vendas). Já, a ocupação Goitacá teria uma faixa temporal entre 1065±90 AP (sítio Grande do Una) e 520±70AP (sítio Sapeatiba). Quadro de datações completo ver Gaspar et al. (2007, p. 172-173).

Imagem de satélite com a localização dos sítios arqueológicos identificados em nossa pesquisa (círculos em vermelho) e dos sítios identificados e publicados na pesquisa de Lino (2007) (quadrados verdes).

Consideramos que o momento inicial da chegada dos grupos Guarani na região não tenha se dado por um processo de adensamento populacional, mas sim, por uma intenção de ocupação daquele território coordenada estrategicamente pelas lideranças. Ou seja, a chegada massiva e “repentina” dos Guarani não foi resultado de um adensamento populacional gradual e lento que caracteriza o “*enxameamento*”, mas sim, um processo de ocupação rápido coordenado a partir de alguma região interiorana ou mesmo de outras localidades do litoral. Tratar-se-ia, sob este ponto de vista, de uma leva expansionista provida de algum local já ocupado densamente, como, por exemplo, a região interiorana do Estado de Santa Catarina, ou mesmo, o litoral norte do mesmo Estado. Este processo de ocupação territorial estaria vinculado então ao costume Guarani de ocupar novas áreas para o desenvolvimento da vida tradicional, o que envolve novas áreas de plantio, controle de novos recursos e etc..

Ai sim, após o estabelecimento de várias aldeias ou células do sistema de assentamento, o processo de adensamento populacional tradicional teria iniciado, garantindo a territorialização do espaço, em vias de ocupar as áreas ainda em descoberto. Novas aldeias, novas roças, novos locais de acampamento, novos ambientes vão sendo amplamente dominados e prescritivamente associados e adaptados ao

território de domínio, ampliando cada vez mais seu escopo de dominação e amplitude cultural.

Pensar numa extensa área de dominação territorial por parte dos Guarani, que abrangeu os três vales citados e o ambiente litorâneo em geral, não significa que tenha havido uma homogeneidade étnica. É bem provável que fenômenos de disputa entre as aldeias tenham ocorrido permanentemente dentro do território de domínio. Disputas por poder, prestígio social, prestígio familiar, vinganças e guerras; disputas que, ao mesmo tempo em que tencionam as relações sociais entre algumas aldeias e até mesmo parcialidades étnicas, permitem a coesão social visto que as parcialidades étnicas disputam espaço simbólico de poder entre si, mas mantendo sempre a rivalidade como elemento social constante e sempre em conjunto. Ao exemplo dos Parakanã (Fausto 2001), traçando a sua história cultural em conjunto, mas mantendo a rivalidade como uma conduta permanente.

Neste sentido, a disputa pode ser pensada como um elemento de agregação social, mas que condiciona e vetoriza a diferenciação étnica. Tomamos como exemplo o caso etnográfico das populações xinguanas (Heckenberger & Franchetto 2001), onde várias parcialidades indígenas (Tupi-Guarani e outras parcialidades étnicas) diferenciadas convivem comunitariamente, mas em permanente disputa pelo poder político e prestígio social. Esta tensão social permanente é um dos fatores que gera a diferenciação étnica, é a relação de tensão entre o “eu” e o “outro” que estrutura uma visão de si mesmo.

Outro exemplo que demonstra claramente a rivalidade como um elemento que faz parte do *modo de ser* dos grupos Tupi-Guarani foi apontado por Vidal (1983). Em seu trabalho de pesquisa etnográfica entre os grupos Parakanã, da região do médio Tocantins, Pará, a autora ficou bastante impressionada com o caráter individualista das famílias e, mais especificamente dos homens chefes das famílias, visto que todos disputavam a atenção da antropóloga no intuito de poder contar as suas histórias, com sua visão, sem que houvesse compartilhamento coletivo nas narrativas²³. “A família é a unidade de produção e consumo e, ainda mais, é essencialmente uma unidade de

²³ Neste trabalho, a intenção da autora foi relatar a sua experiência etnográfica comparando a sua abordagem entre os Kaiapó-Xikrin (Jê), com esta sua nova oportunidade em etnografar a vida dos Parakanã (Tupi). Ao mesmo tempo em que a autora buscou refletir sobre a sua performance etnográfica, visto que ela estava muito acostumada em pesquisar grupos Jê, a autora conseguiu traçar um retrato estrutural, colocando de um lado os Jê (falantes e comunicativos, comunitários, compartilhadores das narrativas, coesos e receptivos) e, de outro, os grupos Parakanã (introvertidos, individualistas, rivais e pouco receptivos).

vivência cotidiana, separada das outras unidades familiares da aldeia (...). A família Tupi é tranquila e reservada. Quando uma noite decidi gravar alguns cantos, a pedido dos próprios índios, tive que me deslocar de casa em casa, para atender um por um a todos aqueles que se recusariam a reunirem-se num mesmo espaço para uma ocasião semelhante. O espírito competitivo, porém, era marcante, cada indivíduo cantando sozinho e para ser ouvido por todos” (Vidal 1983, p. 95).

Podemos pensar sim, por outro lado, que houve uma ampla dispersão da cultura Guarani no ambiente litorâneo, ou, uma expansão do modo de vida Guarani. Porém, neste território de domínio, muitos fenômenos de disputa entre diferentes aldeias devem ter ocorrido, os quais não conseguimos ainda captar arqueologicamente. Teriam habitado estrategicamente o litoral, onde, como sugerem as pesquisas arqueológicas, não seria um ambiente preferencialmente ocupado pelos grupos Guarani. Estes buscariam, antes de dominar as terras baixas e arenosas do litoral, ocupar preferencialmente ambientes de mata densa, com cobertura vegetal de matas Deciduais ou Semi-Deciduais (Rogge 2004), a fim de desenvolver seu modo de vida tradicional. Buscariam, antes de ocupar as terras pouco produtivas do litoral, habitar os vales férteis dos grandes rios do interior, onde a produtividade agrícola julga-se ser mais contundente.

No entanto, os dados etnohistóricos permitem vislumbrar que as regiões interioranas já estavam densamente ocupadas pelas populações Guarani, assim como por outros grupos indígenas não Guarani. A viagem de Cabeza de vaca ao interior do Estado de Santa Catarina e Paraná, embora não nos permita precisar em números absolutos a demografia das populações Guarani ou mesmo de outras culturas, ao menos permite vislumbrar que não há vazios demográficos no interior, pois todo caminho percorrido pela armada espanhola esteve repleto de aldeias nas margens dos rios. Seria este adensamento demográfico e a necessidade econômica e simbólica de ocupação de novas terras que permite explicar, em nosso ponto de vista, o processo de expansão das aldeias Guarani em direção ao litoral, corroborando o modelo de expansão proposto inicialmente por Brochado (1984) e refletido também por Noelli (1993).

No que se refere à adaptação ao ambiente litorâneo, em que algumas limitações à produção agrícola poderiam ocorrer, lembramos que na história da cultura Guarani tem vários exemplos da capacidade adaptativa desta cultura a diferentes meios, assim como a distintos fenômenos de fronteiras sociais. Vários foram os meios de adaptação dos grupos Guarani aos distintos ambientes, que envolve a sua capacidade de

manejo florestal em virtude do seu vasto conhecimento ecológico. A sua grande capacidade de se adaptar a diferentes situações parece ser uma norma entre os Guarani, os quais foram pensados como “radicalmente prescritivos” Noelli (1993, 1999/2000). Este conceito, embora utilizado para pensar a capacidade da cultura Guarani em gerenciar as novidades decorrentes dos contatos culturais, pode ser perfeitamente adaptado também para pensar a capacidade adaptativa relativa ao conhecimento ecológico gerado para o manejo de novos ambientes. Queremos dizer com isto, que os Guarani, poderiam ter se adaptado ao ambiente litorâneo, gerando um cabedal de informações e conhecimentos ecológicos que lhes permitiu realizar seu tradicional manejo florestal. Não podemos esquecer também, que os contatos com os parentes do interior deveriam ser constantes, gerando trocas de materiais alimentícios e tecnológicos permanentemente, como sugerido em trabalhos anteriores (Lavina 2000, Milheira 2008).

4.2. Pensando o modo de organização do território Guarani

No que se refere ao modo de organização territorial Guarani que buscamos pensar para a região de pesquisa, temos que partir das informações conhecidas através da literatura arqueológica, etnohistórica e etnográfica. Estas informações são resultantes de estudos que se debruçaram nas leituras daquelas fontes, sendo compilações que atingem um alto nível de generalização e devem ser usadas cautelosamente pelo pesquisador, como bem lembra Soares (2001/2002). No entanto, antes de deixar de lado a generalização teórica baseada nas diferentes fontes, gerando o que o autor supra-citado chamou de denominador Guarani ou um “*Frankenstein* teórico”, consideramos válido que este modelo amplo que versa sobre o *modo de ser* Guarani seja testado à luz de dados arqueológicos empíricos. Claramente existem as particularidades regionais e locais, que dizem respeito à alimentação, formas de produção alimentar, estratégias de ocupação do espaço e manutenção do território, enfim, todas as categorias culturais Guarani. Porém, é a partir da generalização que podemos buscar retratar as particularidades regionais e avançar nas discussões culturais Guarani em arqueologia, ou seja, é a partir de modelos amplos que poderemos compreender as mudanças, continuidades e descontinuidades do *modo de ser* Guarani e de como esta cultura se

relaciona com o meio.

Identificamos na literatura sobre os grupos Tupi-Guarani várias informações sobre a organização territorial e os espaços de ocupação, que nos dão uma boa visão geral. A organização territorial Guarani, segundo Noelli (1993), Assis (1996) e Soares (1997) se dá através da articulação entre diferentes dimensões espaciais:

1) A casa (*oka*), onde reside a família nuclear e a família extensa ou *teýy*. É na casa que se organizam as relações de parentesco mais próximas, onde dormem, quando adoentados são cuidados pelos parentes, onde guardam seus pertences e seus alimentos. É na casa que cada família nuclear mantém sua fogueira e ao redor do fogo se aquecem contra o frio e aquecem a conversa com os fatos do dia. Garlet (1997) e Assis (1996) sugerem que a casa seja um espaço de convívio particularizado e que as ações quotidianas mais frequentes sejam praticadas no ambiente externo à casa. É fora da casa, no ambiente da aldeia que se dá o preparo de comidas, o conversar em grupos, fabricação de instrumentos, dormir à rede e à sombra, jogar, beber, etc.. De forma semelhante, Moi (2007), com um trabalho no campo etnográfico entre os grupos Xerente, também sugere que a casa seja um espaço particular e que o cotidiano indígena é mais voltado ao espaço da aldeia em si.

Sobre as habitações temos alguns relatos que nos permitem avançar na discussão sobre as suas formas e demografia para a região de nosso estudo. No diário de Cabeza de Vaca (1999) não consta informações sobre o tamanho e formato das casas ou mesmo sobre o número de pessoas que nela habitavam, porém, sugere que as mesmas não se situavam muito distante umas das outras. Esta informação deve ser pensada de duas formas, como Cabeza de Vaca viajou até Assunção, no atual Paraguai, através dos grandes rios do interior de Santa Catarina e Paraná, nota-se que não havia vazios demográficos no interior, corroborando a idéia de que talvez, a ocupação do litoral se deva a este grande adensamento populacional do interior. Outra questão que surge é que a pouca distância entre as casas sugere que as aldeias sejam realmente próximas, exatamente como vemos no registro arqueológico da região sul do Estado de Santa Catarina, em que os sítios parecem distar padronizadamente entre 500 e 700m uns dos outros.

O Padre Jerônimo Rodrigues que visitou o litoral catarinense a partir de 1605 nos conta que na região de Laguna, existiam cerca de quatro ou cinco aldeias, próximas entre si três dias de viagem. Estas aldeias visitadas pelos padres distavam entre si cerca de uma a uma légua e meia entre si, compostas de uma a cinco casas, nas

quais viviam famílias extensas. Referindo-se a uma destas aldeias da Laguna, o religioso narra que “assim são cá todas as aldeias, de maneira que a uma casa chamam de aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de três moradores, ou para melhor dizer, três casais com três ou quatro filhos” Leite (1940: 216-217). Outra aldeia próxima teria 2 casas com 9 ou 10 moradores.

Segundo Lavina (2000, p. 41), “A melhor descrição que temos sobre uma casa Guarani está no “Informe de um Jesuíta Anônimo”, escrito pelo Padre Marçal de Lorenzana em 1620; apesar de existirem dúvidas sobre o tipo de casa descrita, se a do Guarani “legítimo” ou o Guarani já com influências européias, ela é importante por mostrar como eram dispostos estruturalmente os materiais nominados por Montoya. Diz Lorenzana que *“habitam (os Guarani) en casas bien hechas armadas en cima de buenos horcones cubiertas de paja, algunas tienen ocho o diez horcones y otras más o menos conforme el cacique tiene los bassallos porque todos suelen vivir en una casa. No tiene división ninguna toda la casa, esta asenta de manera que desde el principio se vee al fim: De horcon a horcon es un rancho y en cada un habitan dos famílias una a una banda y otra a otra. y el fuego de entrambos esta en el medio. Duermen en unas redes que los espanholes chaman hamacas las quales atan en unos palos que quando hacen las casas dejan a proposito, y estan tan juntas y entretejidas las hamacas de noche que en ninguna se puede andar por la casa. Tienen por los lados tapia francesa y cada aposento tiene dos puertas una de cada lado pero no tienen bentanas. No tienen puerta (...)”*.

Noelli (1993) e Assis (1996) também versam sobre as casas, sugerindo uma série de métodos de construção, materiais e formas do registro arqueológico após o colapso das casas. A presença de determinados vestígios como a mancha de terra preta nos sítios arqueológicos é uma assinatura arqueológica que indica a presença de uma vivenda Guarani (Pallestrini 1978, Noelli 1993, Assis 1996, Carle 2002, Soares 2005). Esse conceito de mancha preta como unidade habitacional pode ser elucidado nas pesquisas no interior de São Paulo, na região do Projeto Paranapanema. Sobre a evidenciação das áreas habitacionais do sítio Prassévichus em Itaberá-SP, Pallestrini & Morais (1984, p. 160), comentam que “(...) as manchas de terra preta correspondem ao que restou de antigas casas: com o abandono e subsequente queda de madeirame de sustentação e da cobertura vegetal, ficou no solo uma mancha enegrecida, rica em carbono residual e outros elementos resultantes das atividades humanas”. Conforme o esclarecimento de Noelli (1993), essas manchas são contextos bem definidos e, além de

serem unidades habitacionais, podem ser unidades funcionais da aldeia, como estruturas anexas para processar alimentos, lazer, depositar e manufaturar objetos.

As manchas com seu formato circular ou elíptico seriam então o resultado do colapso das casas. Porém, mesmo sabendo dessa possibilidade, devemos estar atentos para o fato de que manchas de terra preta, por vezes, não adquirem estes formatos pressupostos. Em nosso trabalho, realizamos a escavação de duas manchas de terra preta que chamam atenção para esta questão. A mancha “C” do sítio Morro Bonito I tem um formato que lembra uma “sola de sapato”; já a mancha “A” do sítio Sibelco tem um formato estilizado também de uma “sola de bota”. Estes formatos de mancha indicam que as casas tinham o formato do registro no solo? Claramente que não, trata-se de manchas no solo com formatos que são resultado tanto do colapso das casas como dos processos pós-deposicionais de formação do registro arqueológico. O sítio Morro Bonito I, na área onde escavamos a mancha “C” teve uma edificação com a função de fruteira, ao lado de um jardim e da casa da proprietária. Além disso, passava o antigo traçado da estrada do Camacho sobre a mancha preta da aldeia Guarani, isto gerou um remodelamento da mancha de terra preta. Processo semelhante ocorreu também no sítio Sibelco, pois a área da mancha de terra preta “A” era comumente utilizada para o depósito de caminhões pesados, reconfigurando a mancha de terra no solo.

O pressuposto de que as manchas têm formatos circulares ou elípticos já havia sido discutido por Noelli (1993) ao considerar que as casas ao colapsarem tendem a se desestruturar de duas maneiras gerais: A) cair no sentido vertical (caindo o telhado sobre o piso) gerando um registro circular, ou B) cair para um dos lados, num movimento horizontal, em que o telhado cairia ao lado das estruturas arquitetônicas de sustentação, gerando um registro elíptico.

Com esta discussão e com base nos dados etnohistóricos e etnográficos, Noelli (1993) supõe que casas com formato elíptico não existiram na cultura Guarani, apenas casas circulares, logo, o registro elíptico seria o resultado da forma de queda do madeirame superior e do próprio telhado. Esta hipótese estaria perfeitamente adequada para a nossa região de pesquisa, onde os ventos fortes de nordeste tendem a derrubar os telhados das casas horizontalmente, gerando um registro não circular. Com base nesta questão, o método de trabalho desenvolvido por nós em campo foi também organizado para averiguarmos o formato de algumas manchas de terra preta das casas e estruturas arquitetônicas. Ao identificarmos as manchas, utilizamo-nos de poços testes desde fora da mancha até alcançar a mesma, isto em vários pontos ao redor da mancha, garantindo

que poderíamos verificar seu “real formato atual”. Este método permitiu avaliar que formatos circulares de fato só ocorrem quando não se tem a preocupação em averiguar a real forma das manchas, pois, na medida em que nos utilizarmos de um método de medição das manchas, além do padrão comumente apresentado nas publicações que consiste em traçar dois eixos cruzados de sondagens ou trincheiras, veremos que as manchas vão apresentar inúmeros formatos, causados pelos processos pós-deposicionais. Ou seja, enquanto não buscarmos métodos de medição real dos formatos das manchas, trabalharemos sempre com idealizações morfológicas das casas Guarani.

Formatos das manchas de terra preta dos sítios Morro Bonito I e Sibelco (sem escala). Nota-se as formas que lembram “sola de sapato” que não se adéquam às formas esperadas no registro arqueológico de acordo com a literatura arqueológica especializada. Estão representadas também as sondagens feitas para delimitação do formato das manchas (círculos) e as trincheiras escavadas.

2) O **amundá** é o espaço da aldeia, onde outras facetas da vida aldeã se desenvolvem. Na aldeia ocorrem os fenômenos de aprendizado das crianças, cujo processo é coletivo e oralizado (Melià 1979). É o espaço das relações entre as famílias, da produção dos alimentos e de sua distribuição. Da produção das panelas de barro, onde as oleiras se juntam para conversar, cantar, rezar e confeccionar. É o espaço da vivência dos homens nos jogos, nas parlamentações. É também onde eventualmente enterram-se os mortos, onde se vinga a morte dos parentes através dos rituais de antropofagia. Enfim, é o espaço da vida coletiva que articula várias gerações, vários parentes e não parentes e que permite o desenvolvimento da vida quotidiana de maneira plena.

As aldeias pouco são discutidas na literatura arqueológica. Em primeiro

lugar pela grande dificuldade metodológica em mapear as aldeias e toda sua dimensão. Na maioria das vezes, a aldeia é estudada a partir da perspectiva de intervenção em uma habitação (uma mancha de terra preta), logo, do micro-espço da casa, aborda-se o macro-espço da aldeia. Em segundo lugar, há o entendimento de que muitas das aldeias Guaraní são formadas apenas por uma ou duas casas, com poucos moradores. Este é o retrato de alguns cronistas e jesuítas, os quais muitas vezes relatam a vida das comunidades Guaraní em aldeias já amplamente destroçadas pelo processo de conquista européia. Aldeias que não ultrapassam a quantidade 15 ou 20 pessoas, morando em casas pequenas e bastante pobres em termos de cultura material. No entanto, esta é uma visão limitada das aldeias Guaraní que foi amplamente extrapolada para as interpretações arqueológicas. Sabe-se de aldeias com centenas de indivíduos e áreas com muitas aldeias densamente ocupadas, que permitem abordar a temática de maneira bem distinta (ver exemplos em Staden 2007 [1557], Cabeza de Vaca (1999), Rodrigues 1605-1607).

As aldeias Guaraní, no campo etnográfico, segundo Schaden (1974), longe de constituírem conglomerados compactos de habitações, consistem em casas isoladas, mais ou menos distantes umas das outras, espalhando-se pelas clareiras abertas na floresta. Em geral, não é possível determinar um “centro” da aldeia, a não ser que considere como tal a habitação de *ñanderú*, chefe religioso, ou o *oyguatsú*, casa de festas religiosas. De fato, a construção em que se realizam as cerimônias é ponto de convergência das atividades sociais e religiosas do grupo, de modo que as aldeias maiores, em que haja dois ou mais chefes religiosos, tendem a decompor-se em outros tantos núcleos bastante independentes, cada qual com vida própria. Na maioria dos casos, essas unidades sociais constituem parentelas sob a direção de um chefe da família-grande.

As aldeias estudadas em nossa pesquisa situam-se predominantemente em terrenos já formados ainda em períodos pleistocênicos. Trata-se de paleo-dunas, entrecortadas pelos afluentes dos rios Jaguaruna e Urussanga. Situam-se também muito próximos das lagoas e lagunas interligadas que compõem a paisagem, a distâncias de poucos quilômetros da orla marítima. Os terrenos de dunas estrategicamente ocupados para a implantação das aldeias permitem a produção de alguns cultivos, como a mandioca e milho, fato este atestado mesmo hoje em dia pela presença de roças das famílias da região. As aldeias distam em torno de 500 a 700m umas das outras formando um grande adensamento distribuído na paisagem, que representa o padrão de

distribuição, padrão este que faz parte do modo de organização tradicional Guarani e que vem sendo replicado a milhares de anos por esta cultura.

As aldeias Guarani sugerem três discussões interessantes

1) Embora não tenhamos estudado todas as aldeias e acampamentos da área de pesquisa, visto que foram mapeados 41 sítios até o momento e que, naquelas aldeias estudadas (Morro Bonito I, Morro Bonito II, Morro Bonito III, Laranjal I, Riacho dos Franciscos I, Sibelco, Arroio Corrente V e Olho D'água I), não tenhamos destrinchado pormenorizadamente cada uma das casas e estruturas que compõe o espaço das aldeias, ainda assim, buscamos uma caracterização geral da composição das mesmas que nos permite abordar o seu formato básico. Fica bem claro, a partir dos croquis gerados, que as aldeias Guarani em Jaguaruna não têm um formato circular com uma praça central, como sugerem as xilogravuras das aldeias Tupinambá, publicadas por Hans Staden 2007 [1557].

As aldeias por nós estudadas sugerem uma composição com casas alinhadas, em alguns casos, bem conforme os aldeamentos atuais de reservas indígenas Mbyá Guarani do Estado do Rio Grande do Sul (Garlet 1997), dos Nandeva-Guarani, do Mato Grosso do Sul (Landa 2005), corroborando o modelo de aldeias indicado por Schaden (1974). Estas aldeias hoje construídas em alvenaria adequando-se às tecnologias modernas de construção, ainda preservam algumas das características espaciais tradicionais da cultura Guarani.

Esta forma alinhada de distribuir as casas numa dada aldeia sugere uma interpretação que reforça mais uma vez o individualismo entre os sujeitos da aldeia, famílias ou parcialidades Tupi-Guarani, como apontando por Vidal (1983). Este caráter individualista, que se expressa em alguns momentos entre os Guarani, também foi bem descrito e observado por Schaden (1974). Em seu trabalho intitulado Aspectos fundamentais da cultura Guarani, o autor sistematizou as suas experiências entre as distintas comunidades aldeãs da cultura Guarani distribuídas nas regiões e centro-oeste do Brasil. Percebeu Egon Schaden que a solidariedade Guarani está condicionada pela relação de reciprocidade obrigatória, seja esta reciprocidade materializada em forma de pagamento em dinheiro ou mesmo na retribuição de um favor mais adiante. A questão é que, a solidariedade entre as pessoas não seria um fenômeno social desprovido de interesse particular, pois ao auxiliar na abertura de uma roça, na construção de uma casa ou outro tipo de situação, o que está por trás é um interesse individual em, futuramente, ser retribuído em uma situação de necessidade. No nosso ponto de vista, a distribuição

das casas Guarani alinhadas no terreno da aldeia manifesta materialmente este caráter individualista do *modo de ser* Guarani, que se diferencia muito do modo de convívio entre os grupos Jê, estudados por Vidal (1983), cujo programa quotidiano das pessoas é ao fim de tarde juntarem-se em torno de uma fogueira central para conversar e trocar idéias, morando em aldeias circulares que instigam o convívio coletivista²⁴.

Xilogravuras de Hans Staden 2007 [1557] que sugerem formatos circulares das aldeias Tupinambá. Nota-se que as mesmas também teriam casas alongadas com mais de uma porta de entrada e um sistema de paliçadas para defesa.

2) Outra questão importante diz respeito ao fato que as estruturas de terra preta identificadas ao longo das aldeias não representam apenas fundos de cabanas, como sugere Pallestrini (1979). A partir dos trabalhos desta autora ficou sacramentado em arqueologia que, quando um pesquisador encontra uma estrutura de terra preta no solo arqueológico está diante de uma estrutura de habitação. Não é esta uma discussão original nossa, mas que já foi apresentada em Noelli (1993). Este autor propôs que as estruturas de terra preta dos sítios Guarani podem representar vários tipos de estruturas anexas das aldeias e não apenas habitações. Podem se tratar de galpões para o armazenamento de alimentos, a pequena cabana onde se guarda a *imbirapema*, galpões para o armazenamento de ferramentas, de animais domésticos, etc.. Enfim, além de uma casa, várias estruturas funcionais são conhecidas pela documentação etnohistórica que versa sobre as populações Guarani, sugerindo uma diversidade funcional não captada

²⁴ É importante ressaltar que não estamos desconsiderando a coletividade no *modo de ser* Guarani, pois, obviamente, a coletividade ocorre normalmente no meio social de qualquer cultura. Queremos chamar atenção ao fato de que, em determinadas situações, a individualidade Guarani se expressa sobrepondo-se à coletividade e uma dessas situações em que a individualidade se expressa é a disposição das casas alinhadas na aldeia. É um modo de organização das aldeias diferente daquele observado entre as aldeias Jê, em que a disposição das casas no espaço circular instiga a vida coletiva mais incisivamente.

em termos arqueológicos ainda.

Porém, buscamos com a caracterização das aldeias estudadas em nossa pesquisa identificar as manchas de terra preta que pudessem ter funcionalidade distinta de habitações. Nas aldeias do sítio Sibelco, Laranjal I e Morro Bonito I, além das habitações inegáveis, pequenas machas também sugerem função distinta para as estruturas arquitetônicas. Neste primeiro momento da pesquisa, nos baseamos apenas nas dimensões das manchas de terra preta e na frequência de material encontrada para abordar esta questão, mas fica a necessidade para análises mais apuradas que possam refinar estas interpretações.

Na aldeia do sítio Sibelco, por exemplo, duas manchas “A” e “D” sugerem se tratar de residências, com muita quantidade de materiais cerâmicos com vários tipos de decorações e funções de potes, porém, as manchas “B”, “C” e “E”, com menores dimensões e menos quantidade de materiais apenas sugerem se tratar de estruturas anexas às casas, que também compõem o espaço da aldeia, mas com funções distintas. O mesmo ocorre na aldeia do sítio Laranjal I, em que a mancha de terra “A” não deixa dúvidas de sua função como habitação, mas, com estruturas anexas referentes a outras manchas em torno da casa e que também constituem o espaço funcional da aldeia. O sítio Morro Bonito I não foge à regra. Chama atenção a relação entre as manchas “A” (uma habitação) e “B” (estrutura anexa), muito próximas, mas muito diferenciadas em termos de quantidade de materiais, pois a casa tem mais de quatro vezes a frequência de materiais, mantendo também uma dimensão o dobro maior que a estrutura anexa. Outro exemplo é a mancha de terra preta escavada no sítio Arroio Corrente V, cuja dimensão não ultrapassa os 5m de diâmetro com uma quantidade muito baixa de materiais cerâmicos. Neste caso, fica difícil mesmo imaginar que uma casa poderia ter uma dimensão tão limitada.

3) Por fim, uma última discussão interessante levantada aqui diz respeito ao período de ocupação das aldeias. Podemos afirmar que as aldeias foram ocupadas permanentemente até seu abandono final? Ou, será que as aldeias eram abandonadas e reocupadas anos mais tarde?

A reocupação de um mesmo sítio, quando se trata de aldeias Guarani é um problema de pesquisa interessante. Sabe-se de exemplos arqueológicos e etnográficos que indicam que as habitações são utilizadas por um determinado período, abandonadas e posteriormente reocupadas, sendo reconstruído o espaço habitacional.

Fausto (2001) propôs este mesmo modelo de ocupação das aldeias

Parakanã Orientais, em que, por deslocamentos de média distância, os grupos abandonam suas aldeias em média num período de 3 anos, procurando novas moradias próximas dos grandes rios. Eventualmente reocupam as mesmas localidades anos depois, o que também foi sugerido por Posey (1986). Este autor, por sua vez, vê na relação etnobotânica a necessidade em reocupar as mesmas aldeias, onde o solo e as condições de cobertura vegetal conhecidos pelos indígenas seriam um atrativo de retorno aos mesmos espaços. Noelli (1993), através da sistematização da literatura arqueológica e etnohistórica, corrobora esta idéia, sugerindo que as aldeias eram ocupadas ao longo de 3 a 5 anos em média e depois abandonadas, podendo também ser reocupados anos mais tarde.

Porém, no que se refere às aldeias estudadas em Jaguaruna, raros são os indícios no registro arqueológico que permitam afirmar que houve em algum momento abandono e reocupação das aldeias. Nas escavações das habitações e das estruturas anexas, a leitura das camadas estratigráficas demonstra uma camada de terra preta homogênea que sugere, à primeira vista, uma ocupação permanente num período longo de ocupação. Análises de micro-estratigrafia deverão ser feitas futuramente para averiguar a possibilidade de momentos de abandono que não podemos perceber a olho nu apenas através de uma leitura tradicional da estratigrafia. As datações radiocarbônicas dificilmente poderão auxiliar nesta discussão. Se existe um padrão apontado pela etnografia e pelos dados etnohistóricos, de que as aldeias seriam abandonadas em média após 3 a 5 anos de ocupação, sendo reocupadas anos mais tarde, seria improvável que conseguíssemos refinar esta questão arqueologicamente através das datações apenas. Isto devido ao fato de que as datações radiocarbônicas têm uma margem de erro que pode chegar a um período de 100 anos, em algumas situações. Em nossas datações, a margem de erro se dá em torno de 40 a 60 anos para mais e para menos, o que seria um tempo muito amplo para o refinamento cronológico voltado a esta discussão da relação ocupação/reocupação das aldeias.

Neste sentido, a única forma encontrada em nossa pesquisa para avançar nesta discussão é a leitura empírica do registro arqueológico. O estudo da mancha de terra preta B, do sítio Olho D'água I teve um interesse ímpar para a pesquisa pelo fato de que foram identificadas duas camadas de terra preta típicas de piso de habitação, intercaladas por uma camada de sedimento amarelado. Esta sobreposição de camadas sugere se tratar de uma reocupação do mesmo espaço, intercalado por uma sedimentação do rio Urussanga, o que deve ter se dado por algum momento de cheia do

rio registrada no perfil estratigráfico. O fato é que, nos sítios estudados em nossa área de pesquisa este comportamento de abandono e reocupação não havia sido percebido, pois, em todos os casos, o pacote de terra preta referente às estruturas de habitação ou estruturas anexas sempre é homogêneo, sugerindo uma ocupação intensa ao longo de muitos anos, até seu abandono definitivo. No entanto, a sobreposição de manchas detectada no sítio Olho D'água I, sugere empiricamente que esta reocupação teria realmente ocorrido, tendo sido registrada no contexto arqueológico.

Enfim, com base nas leituras estratigráficas, sugerimos a hipótese de que as aldeias estudadas, em sua maioria, tenham sido ocupadas permanentemente ao longo de várias gerações. Na medida em que o conhecimento sobre as condições de plantio, que envolvem o conhecimento botânico e das características do solo foram sendo acumulados pelo Guarani, não vemos motivo para que as populações abandonassem suas aldeias para ocuparem outros espaços. Devemos pensar sim, que o abandono das aldeias ocorre eventualmente, mas não necessariamente se dá por completo, numa situação cultural tradicional. Pensando na perspectiva de Posey (1986), não existe um abandono completo das aldeias, pois as mesmas são permanentemente revisitadas em virtude de que os cultivos agrícolas continuam crescendo naturalmente por anos, mesmo sem nenhum tratamento de controle. É o caso do milho, da mandioca e de outros cultivos, que durante 3 ou 5 anos continuam nascendo nas roças, em meio à vegetação rasteira. O mesmo se dá com as ervas medicinais em torno das habitações e com as árvores frutíferas. Esta condição de um espaço em que as plantas comestíveis crescem torna a antiga aldeia um local atrativo para várias espécies de aves e mamíferos, que agregam as aldeias ao seu nicho alimentar, logo, sendo também um local propício para caça. Neste caso, podem as atividades quotidianas não serem mais praticadas nas antigas aldeias, mas estas continuam sendo frequentemente visitadas por serem locais de atração para coleta, para caça e pesca, no intuito de abastecer as aldeias ocupadas no momento.

O *Teko'á* “é o território correspondente a uma aldeia, com sua área de caça, pesca, cultivo, coleta e fontes de matérias-primas, delimitadas por acidentes geográficos e explorado predominantemente pelo grupo ali instalado. Em condições normais, o que ocorria era a mudança das casas entre as áreas manejadas dentro do *tekohá*. A formação de um novo *tekohá* dependia do desdobramento de uma aldeia e não do abandono integral da aldeia” (Noelli 1996, p. 35). Em outro trabalho, Noelli (1993) utiliza uma comparação com nossas atuais fazendas e que permite facilitar o

entendimento do conceito de *teko'á*, comentando que este corresponde a uma fazenda e o *amundá* à sede da fazenda.

No que se refere as suas dimensões, Noelli (1993, 1997) considera que o território de domínio pode chegar a 50km de raio a partir do *amundá*. Já Meliá (1987 *apud* Noelli 1993), propõe que este espaço é constituído pela mata em volta das aldeias, consistindo em um espaço de 5km de raio a partir do centro da aldeia. Em um trabalho anterior, conseguimos discutir as dimensões do *teko'á*, propondo que a hipótese de 50km é viável (Milheira 2008a, 2008b).

Na medida em que o território de domínio de uma aldeia comporta um raio de até 50km, este espaço e os recursos deste território deveriam ser compartilhados entre várias aldeias próximas, seja de forma conflitiva ou amistosa. Neste caso, o território de domínio de uma aldeia seria o mesmo território de dezenas de aldeias, o que nos leva a pensar que o *teko'á* possa ser compreendido como o território de domínio de um conjunto de aldeias e acampamentos que forma o espaço onde ocorre a captação de recursos de diferentes aldeias. Espaço este que deve ser assegurado permanentemente e que é definido tanto pelos seus aspectos simbólicos, como pelas relações de prestígio social e relações de parentesco/belicosidade entre as aldeias. O *teko'á* se constitui então como o conjunto de aldeias e acampamentos que formam um território de domínio e influência, limitado por acidentes geográficos como rios, morros, arroios etc.. Esses limites, além de serem definidos pelos aspectos simbólico-religiosos são também estabelecidos através das alianças políticas que determinam graus de prestígio e status social nas relações entre aldeias (Noelli 1993; Soares 1997, Milheira 2008a, 2008b).

O território de domínio em nossa área de pesquisa seria a área de captação de recursos dos grupos Guarani, que envolve toda dimensão litorânea de Jaguaruna.. Abrange além do litoral de Jaguaruna, os vales do rio Urussanga e Jaguaruna, podendo-se estender aos vales dos rios Tubarão e Araranguá. Este território seria compartilhado por dezenas de aldeias que distam em média de 500 a 700m umas das outras. Nas proximidades das aldeias encontra-se os acampamentos entre as dunas, onde ocorriam as funções específicas de caça, pesca e coleta para o abastecimento das aldeias.

O *guará* seria a maior amplitude do território Guarani, ultrapassando a escala do *teko'á*. Aliás, conforme Soares (1997) o *guará* pode ser entendido como o conjunto de *teko'á* de regiões distintas, mas interligadas, remontando a um território amplo, como uma espécie de nação Guarani (Noelli 1993; Soares 1997). Novamente,

em trabalho anterior (Milheira 2008a), desenvolvemos um exercício de correlacionar as fontes de matéria-prima de materiais líticos e as distâncias destas fontes com relação ao centro do assentamento litorâneo no sudoeste da Laguna do Patos, RS. Plotando os sítios arqueológicos em uma base cartográfica de geologia do Rio Grande do Sul foi possível perceber que as matérias-prima líticas encontradas nos sítios do litoral (calcedônia, arenito friável, arenito silicificado, quartzo e granito), distam de 200km a 30km do assentamento. Neste caso, sugerimos que estas distâncias exigiram a organização de um sistema de organização social dos grupos Guarani em vias de abastecer as aldeias com estas matérias-prima, sobretudo aquelas mais distantes e de difícil acesso. Logo, podemos pensar que o raio do território de domínio, o *teko'á* foi ultrapassado em torno de quatro vezes, sendo este, talvez, um indicador de que as ações sociais tenham atingido a esfera do *guará*.

Além dos macro-espacos que constituem o território Guarani, são conhecidas áreas de funcionalidade específica, voltadas para a exploração de recursos, referenciadas pela literatura arqueológica como micro-ambientes ou ecozonas. Aí se desenvolvia a captação dos recursos ambientais e a produção de bens materiais. Nesses assentamentos voltados à caça, pesca, roça e coleta, denominados de acampamentos (Novaes 1983; Noelli 1993; Assis 1996, Milheira 2008a, 2008b), os grupos indígenas construíam abrigos utilizados pelo tempo necessário à execução de cada atividade. Denominados pelos Guarani como *tapyi* (Novaes 1983; Assis 1996), estes acampamentos se localizavam geralmente às margens dos grandes corpos de água (mar, rios, córregos e lagoas), elementos da maior importância para a economia Guarani. Ao longo de períodos curtos, grupos de pessoas deslocavam-se de suas residências e acampavam às margens dessas áreas de assentamento para exploração desses recursos. Nos acampamentos construíam estruturas necessárias ao convívio cotidiano e utilizavam instrumentos para o abate, manipulação, armazenamento e transporte dos alimentos. Os *tapyi* eram bastante simples do ponto de vista arquitetônico e geralmente tinham estruturas auxiliares para o controle dos recursos na paisagem, para coleta de moluscos e manipulação de alimentos. Suas estruturas composicionais simples deixavam poucos vestígios, o que se dava também porque o objetivo estratégico de ocupação do acampamento era o de abastecer a aldeia principal, gerando poucos vestígios materiais no solo.

Os Tupi-Guarani atuais, por exemplo, possuem acampamentos junto às roças distantes e acampamentos de caça, de caráter mais permanente. Esses locais

garantiam água permanente e os bancos de moluscos forneciam alimento básico, sem falar na fauna marítima e terrestre (Novaes 1983, Noelli 1993, Assis 1996, Fausto 2001). Pelas informações legadas pelos cronistas dos séculos XVI e XVII (por exemplo, Staden 2007 [1557]) sabemos que os mariscos faziam parte da dieta alimentar dos Tupi-Guarani. Os "locais de pousada" deveriam existir em abundância; são locais de permanência fortuita ou de ocupação efêmera (horas ou dias) e distinguem-se dos outros acampamentos, onde a permanência era mais prolongada, pela quase que completa ausência de artefatos (Beltrão e Faria 1970/1971).

Rohr (1984, p. 84), no texto intitulado *Sítios Arqueológicos de Santa Catarina*, relaciona 20 acampamentos e paradeiros Guarani só no município de Jaguaruna. A partir de nosso trabalho, estamos percebendo que alguns dos sítios arqueológicos que o pesquisador classificou como acampamentos, em verdade, podem ser classificados como aldeias, mas ainda assim, muitos acampamentos ocorrem nas áreas de dunas, sobretudo. Contudo, a passagem citada abaixo demonstra que o pesquisador realmente teve contato com estes sítios acampamento tão comuns na composição do território Guarani. A questão é que Rohr tratou acampamento como aldeia e paradeiro como acampamento, mas este é apenas um problema de nomenclatura, que em nada diminui a riqueza de seu trabalho e suas descrições:

"quando essas evidências arqueológicas são muito superficiais e ralas, admitimos que se trate de um paradeiro, onde um grupo indígena estacionou, apenas passageiramente"; "sendo as evidências arqueológicas muito abundantes, a camada de carvão mais espessa e o material arqueológico mais numeroso, admitimos que se trate de um acampamento, onde um grupo primitivo acampou durante largo espaço de tempo; por exemplo, nas desembocaduras dos rios ou córregos" Rohr (1984, p. 84).

Como acampamentos, temos vestígios fugazes na paisagem. Os sítios Laranjal V e Laranjal VI são exemplos de acampamentos em meio às dunas litorâneas que poderiam ser utilizados como locais para coleta, caça e pesca de recursos marinhos para o abastecimento das aldeias centrais. No caso dos dois sítios Laranjal V e VI, parecem estar associados ao sítio Laranjal IV, tratado como uma aldeia pela sua composição mais intensa de materiais identificados. Estes sítios acampamento, em meio às dunas, além de muito fugazes na paisagem, têm seus vestígios frequentemente cobertos pela areia. Sítios deste tipo também foram identificados por Schmitz & Eble

(1972) nos campos de dunas do município de Laguna, SC, sobre os quais os autores também comentam sobre sua fragilidade, fugacidade e simplicidade em termos de composição do registro arqueológico.

(1) Sondagens realizadas no sítio Laranjal V e (2) cerâmica corrugada identificada na superfície do sítio.

Semelhante a estes sítios foi identificado outro acampamento também na região de dunas da orla marítima. Neste sítio, apenas algumas peças cerâmicas com decoração típica Guarani foram identificados. O mesmo se situa a 650m na direção leste da lagoa do Arroio Corrente e a 900m de distância da orla marítima, sendo também composto por uma concentração pequena de materiais cerâmicos dispersos na superfície das dunas, as quais recobrem diariamente o contexto. Este embasamento arenoso móvel, com uma dinâmica diária, tende a transportar lateralmente os materiais do contexto arqueológico. Dois motivos são observados para a ausência de estratigrafia. Em primeiro lugar, a própria ocupação fugaz não contribui para a formação de estratos bem delimitados; em segundo lugar, a dinâmica das dunas é também responsável para este fator, pois o solo é diariamente movimentado.

Vista geral das dunas onde se localiza o sítio acampamento Arroio Corrente VI

Materiais dispersos na superfície da duna sem a formação de concentrações ou estratigrafia

Outro sítio que exemplifica a ocorrência de acampamentos na região de estudo é o sítio Laranjal II, o qual se localiza numa região formada por uma linha de paleo-dunas de areia, que são os vestígios físicos dos processos de transgressão e regressão do nível do mar. Do ponto de vista ambiental, o sítio se localiza numa zona privilegiada, onde além de um controle bastante amplo da paisagem, existe um potencial significativo para captação de recursos, pois a 700 metros para o sul se encontra a Lagoa da Encantada; a 1300 metros para o norte se localiza a Lagoa da Garopaba e a pouco mais de 2km para o leste se localiza o mar. A localização do sítio Laranjal II em um ponto da paisagem onde se pode ter acesso a todos esses recursos hídricos permite compreendê-lo como um espaço estrategicamente ocupado pelas populações Guarani para otimização de captação de recursos, dos quais podemos citar diversos tipos de aves, peixes, répteis e anfíbios, bem como diversas espécies de conchas que se encontra nessa zona ecótona. Além disso, nos arredores do sítio existem planícies de inundação e

cordões de dunas, nas quais a vegetação nativa ainda se faz presente, mesmo que em proporção muito reduzida (ver croqui de implantação do sítio Laranjal II em anexo 20).

(1) Área de extração de material mineral onde se localiza o sítio em sua maior parte.

Para realizar a delimitação espacial do sítio foi criada uma malha de sondagens arqueológicas que foram escavadas com cavadeira manual a uma profundidade mínima de 1,10m. A malha de sondagens teve uma orientação norte-sul e leste-oeste, a partir da margem da estrada. As sondagens, por sua vez, foram escavadas num espaçamento eqüidistante de 10m. Dessa forma, foram escavadas 197 sondagens que cobrem a periferia da área de exploração de areia, assim como parte do topo da duna e o terreno adaptado à criação de gado. Além disso, foram identificados fragmentos de cerâmica na superfície do terreno onde ocorre a exploração de areia, demonstrando que o solo onde se localiza o sítio arqueológico vem sendo revirado permanentemente. Todas as sondagens foram escavadas de modo padrão e sua maioria apresentou a mesma composição sedimentar. O sedimento, sempre peneirado em malha de 5mm, foi descrito como de coloração bege acinzentado, de granulometria média e com presença de raízes da superfície até a profundidade de 20m, quando aumenta a umidade do solo. Materiais arqueológicos foram identificados apenas em 3 PT's na planície norte das dunas. Pela fugacidade do registro arqueológico identificado neste sítio, nos parece seguro afirmar que o mesmo pode ser interpretado como um acampamento ligado à exploração da lagoa da Garopaba, articulado, talvez, à aldeia do Laranjal I.

Este tipo de sítio arqueológico que compõe o sistema de assentamento Guarani e são extremamente importantes para a sua economia e exploração dos recursos ambientais tem sido citado em outros trabalhos. Do trabalho de Beltrão e Faria

(1970/1971) encontramos a descrição estratigráfica de 3 acampamentos Tupi-Guarani nomeados GB-1, GB-10 e GB-11:

“uma camada arqueológica compacta, sem estratificação, apresentando continuidade na ocupação temporária (sazonal ou semi-sazonal) (...) Sedimentos de cor cinza escuro, quase preta, formam esta camada rica em matéria orgânica que não possuem a estratificação presente nos sambaquis, constituindo, ao contrário, uma camada uniforme, quase negra, pastosa (...) as conchas representam quase 50% do substrato da camada arqueológica (...) camada arenosa representada pelo banco de areia (...) sobre a qual assenta a camada arqueológica (...)”.

O trabalho de Rogge (1997, 1999, 2006) no litoral central do Rio Grande do Sul, através do Projeto Quintão, demonstrou claramente a escavação de aldeias Guarani construídas sobre conchas. Na visão do autor, não se trata nem mesmo de uma apropriação de uma estrutura já existente, mas sim, de uma estrutura construída intencionalmente com conchas para moradia permanente, onde além de uma composição contextual típica de uma aldeia Guarani foram encontradas feições e estruturas arqueológicas com vasilhas cerâmicas de vários tamanhos e funções que sugerem todas as atividades comportamentais conhecidas arqueologicamente relativas à vida aldeã tradicional Guarani. A pesquisa do Projeto Quintão se destaca pela busca de um modelo explicativo do sistema de assentamento, em que os sítios se articulam na paisagem de forma a otimizar a exploração dos recursos naturais. Para isso, espaços de assentamento específicos de ocupação temporária ou semi-permanente são construídos com o fim de abastecer, com recursos lacustres, o assentamento central.

Trata-se de uma perspectiva sistêmica de ocupação do espaço que sabemos existir no campo etnográfico, onde estes espaços foram descritos como pertencentes ao sistema cultural de forma essencial à economia aldeã (Novaes 1983, Noelli 1993, Assis 1996, Fausto 2001), mas que no campo arqueológico ainda há dificuldades metodológicas na sua identificação pela sua natureza fortuita e fugaz no que se refere à preservação dos seus vestígios materiais.

Estes pequenos acampamentos raramente são descritos na literatura arqueológica. Em primeiro lugar, pela dificuldade metodológica em identificá-los dada a sua natureza efêmera e, em segundo lugar, suspeitamos também que pelos poucos esforços por parte dos arqueólogos em entender estes sítios que não são as grandes aldeias, onde se encontram os grandes “manchões” de terra preta, com belos potes

cerâmicos e materiais líticos mais refinados. No entanto, os acampamentos (e demais espaços anexos) representam uma faceta importante da economia e do modo de organização territorial Guarani, bem como, indicam o grau de exploração do meio ambiente e o nível de ocupação do espaço.

Trata-se de lugares de ocupação que nos contam um pouco da “história de longa duração de ocupação do território” (Zedeño 1997). São marcas na paisagem, cuja identificação *no tempo e no espaço* poderia indicar a amplitude da agência comportamental no espaço (visão horizontal ou sincrônica) e a dinâmica histórica desta agência ao longo do tempo, numa estrutura de longa duração de dominação dos diferentes espaços da paisagem (visão vertical ou diacrônica). A forma de ocupação destes espaços diz respeito às particularidades culturais do grupo observado, os quais identificados em escala temporal denotam marcos históricos demarcadores do território relativos ao modo como um determinado grupo se organiza na paisagem e a constrói socialmente (Zedeño 1997, 2000; Nelson 2000).

A identificação destas marcas materiais na paisagem, se pensadas do ponto de vista processual e histórico, referenciam uma *cartografia comportamental* (Zedeño 1997) constituída numa escala temporal de longa duração. O trabalho de Binford (1982) é um exemplo de estudo da relação sistêmica entre os lugares que chama atenção para a paisagem como um construto humano, porém, limita-se a uma perspectiva funcionalista de como pensar a construção da paisagem. Numa perspectiva mais holística e que vá além do funcionalismo, podemos entender que *lugares* se tornam uma categoria de cultura material pela virtude de transformação através das ações humanas. A esta categoria material Zedeño (2000) denomina marca na paisagem – *landmark* - e refere-se ao processo em que um lugar se torna uma marca na paisagem envolvendo uma série de atividades comportamentais e interações que transpassa a vida social: da subsistência ao ritual. Segundo Zedeño (2000, p. 106) “*Landmarks are locational markers that indicate places where interactions and activities occurred and may include stationary and physically unmodified features of the natural landscape, such as rock formations, tree stands, and waterholes, or features of human manufacture, such as buildings, trails, burial mounds, and petroglyphs. What makes a landmark significant from a behavioral standpoint is that it constitutes a piece of history of land and resource use practices*”.

4.3. Indo embora da praia.

Práticas de abandono e indicadores de violência e etnocídio

A ocupação Guarani no litoral sul, mais especificamente na região que envolve os municípios de Laguna, Araranguá, Jaguaruna, Tubarão e Capivari de Baixo foi bastante significativa e densa em termos arqueológicos, o que se confirma também através dos dados históricos. Segundo Ulyssêa (1956), a presença dos Carijó (índios de língua Tupi-Guarani) se estendia do rio Biguaçu (rio dos Patos) até muito além das águas do Mampituba, já nas planícies do Rio Grande. A ocupação Guarani no território da área de pesquisa, no entanto, passou a ser devastada pelo elemento europeu a partir do século XVI, possivelmente já no ano de 1526, quando a nau de Don Rodrigo de Acuña, desgarrada da esquadra de Jofré de Loaysa, desembarcou no porto de Laguna, provavelmente em busca de novos escravos indígenas. De certo é que em 1551 o navegador espanhol Juan de Salazar também perdeu suas embarcações na região da barra de Laguna, entrando em contato com os grupos indígenas e, até mesmo, traçando algum tipo de aliança, dando margem ao início do processo mais intenso de escravização e violência aos indígenas.

As buscas por mais escravos indígenas aumentaram significativamente a partir do fim do século XVI e início do XVII, quando a expansão bandeirante, proveniente de São Vicente, em São Paulo, passou a varrer toda costa litorânea de Santa Catarina para aprisionar índios, iniciando também uma leva colonizatória, entre os anos de 1676 e 1684. Nesse período foi originada a povoação de *Santo Antonio dos Anjos da Alaguna* (atual cidade de Laguna) pelo vicentista Domingos de Brito Peixoto, o que permitiu a implantação imediata do elemento europeu nas terras outrora dominadas pelos grupos indígenas Guarani e Jê. De acordo com a historiografia, os índios passaram a “mesclar-se” na sociedade em surgimento, enquadrando-se inicialmente como escravos e depois como trabalhadores livres nas fazendas de gado e/ou como mão-de-obra na construção civil (Ulyssêa 1956; Monteiro 2005).

De acordo com Hobold (2005), foi a partir de 1535 que se iniciou o projeto missionário na região, através da vinda de cinco franciscanos espanhóis que vinham em direção a Buenos Aires, cujo superior desses seria frei Bernardo de Armenta. A pequena expedição fez-se ao mar em 1537, onde encontraram abrigo no porto de São Francisco

do Sul. Ao desembarcar, encontraram um pequeno grupo de espanhóis que já falavam a língua dos índios e, com a ajuda destes, Frei Bernardo e seus colegas iniciaram a evangelização dos Carijós.

Tudo, pois, contribuiu para que os resultados colonizatórios desse primeiro contato com os indígenas fossem satisfatórios e fosse escolhida a área sulina de Santa Catarina, precisamente Ibiazá, hoje Laguna, como centro das operações catequéticas, sob a denominação de Província de Jesus. “Dei este nome a esta província do nome de Jesus, por cujo poder ela é conquistada e tantas maravilhas nelas se realizam”, escreve frei Bernardo de Armenta em carta de 1º de maio de 1538 (...)” (Hobold 2005, p. 28).

Em 1549 o jesuíta Manoel da Nóbrega narra numa carta o seguinte: “Este é um gentio melhor que nenhum desta costa. Os quais (índios) foram, não há muitos anos, dois frades castelhanos ensinar, e tomavam tão bem sua doutrina, que tem já casas de recolhimento para mulher, como de freiras, e outras de homens, como de frades. E isto durou muito tempo (...)” (Leite 1940).

Em 1605 os brancos já buscavam, índios além do porto de Laguna, mais precisamente na região dos rios Araranguá e Mampituba (Monteiro 2005). O depoimento do português Brás Arias, feito em 9 de outubro de 1549, caracterizou bem a ganância criminosa dos exploradores ao promoverem o trágico aniquilamento do centro missionário de Ibiaça (Laguna). O padre Manoel da Nóbrega, em cartas do Brasil, faz referências ao mesmo acontecimento. Comenta que era prática comum em 1548 duas caravelas portuguesas uma comandada por Pascoal Fernandes e a outra por Martins Vaz, aportarem em Ibiaça e por meio de aliciamento dos índios, se tornavam confiáveis. Quando os índios entravam nos barcos eram aniquilados ou apreendidos. “Em seguida apoderam-se dos moradores restantes arrasando-lhes a igreja, a casa dos missionários e todas as demais casas, mesmo situadas a certa distância, exterminando-lhes também as grandes roças, estendidas para todos os lados, amanhadas pelos índios para garantir a manutenção” (Hobold 2005, p. 32).

As entradas contaram com auxílio e parcerias de alguns indígenas locais. Lideranças como Tob-anharõ (pai feroz ou homem carrancudo) que tinha três ou quatro irmãos, muito estimados pelos brancos por serem eficientes na captura de índios “Cristóvão de Aguiar confessa que ele o fez o principal e o assentara naquela cadeira, sendo estimado dos brancos, mas isto por ser ele um grande ladrão de índios para brancos”. (Leite 1940). Tob-anharõ conseguiu criar uma grande rede de tráfico de escravos índios desde a lagoa dos Patos até Laguna, deixando seu irmão no controle da

passagem de Mboipetiba (Mampituba) e outro no passo do Araranguá. Através deste trajeto, milhares de índios eram conduzidos para serem embarcados em Laguna e serem remetidos a São Paulo. Em 1634 o Pe. Inácio de Siqueira faz uma expedição e traz os seguintes dados: “Deste porto de Laguna até o do Rio Grande, que dista para o Sul 70 léguas, não há onde possam entrar embarcações, e por isso aqui ficam todas ancoradas e nele achamos sessenta e duas de portugueses que de várias capitanias tinham lá ido este ano de 1635, ao resgate dos miseráveis Carijós; destas eram quinze navios de alto bordo e as demais, canoas muito possantes, as quais, feitas listas pelos mantimentos que levavam e pelo porte das embarcações, esperávamos os portugueses trazer acima de 12 mil carijós cativos” (Hobold 2005, p. 33).

Com o agressivo processo de aprisionamentos e doenças contagiosas, no século XVII já passa a haver escassez de índios. Os que sobraram fugiram para o interior, nas proximidades do rio da prata e seus afluentes. Em 1721, Manoel Gonçalves de Aguiar, nas suas informações ao governador do Rio de Janeiro já assegurava que as orlas marítimas de Santa Catarina e Rio Grande eram pouco habitadas por indígenas. Os resultados do processo etnocida já eram sentidos no ano de 1721, quando o sargento-mor da praça de Santos, Manuel Gonçalves Aguiar, após seu serviço de inspeção realizado pelas costas litorâneas do mar do sul, escreve ao governador do Rio de Janeiro: “(...) São pouco habitadas de gentio e só ao pé da serra e antes de chegar a ela se vêem bastante fumaça de gentio bravio, mas este não comercia com ninguém” (Hobold 2005, p. 21).

Através destes dados fica evidente que a ocupação Guarani no litoral sul de Santa Catarina foi bastante densa. Da mesma forma, fica claro que o processo de ocupação européia trouxe um impacto depopulacional muito forte e que veio a reestruturar o contexto social da região²⁵. O comportamento violento dos bandeirantes sobre as aldeias indígenas no processo de escravização é repetidamente relatado na documentação histórica e segundo Monteiro (2005, p. 73), esta prática se tornou cada vez mais comum a partir dos anos 1620: “Segundo o relato de um jesuíta, o método usual dos paulistas consistia em cercar a aldeia e persuadir seus habitantes, usando de força ou de ameaças, a acompanhar os colonos de volta para São Paulo. Um destino

²⁵ Outro fator que trouxe severas consequências para a depopulação indígena regional foi toda a quantidade de doenças e epidemias. Assolados por doenças como a varíola, os indígenas foram obrigados a abandonarem os assentamentos em busca de locais mais apropriados para sua manutenção e vivência. As doenças foram inclusive, um fator talvez mais agressivo para a matança de índios do que as escravizações e guerras entre os brancos e os índios. Esta questão abordaremos na tese com maior propriedade, pois temos que nos debruçar com maior afinco sobre a literatura.

terrível reservava-se às aldeias que ousassem resistir. Nestes casos, os portugueses ‘entram, matam, queimam e assolam (...) e casos houve em que se queimaram povoações inteiras só para o terror e espanto dos que ficavam vizinhos’.

Posto isto, iniciamos uma discussão que envolve estas informações históricas de violência e aprisionamento e os dados arqueológicos. **Será que podemos identificar estas práticas de violência através do registro arqueológico?**

Durante a campanha de escavações arqueológicas nos sítios Guarani impressionava-nos a quantidade de carvões que era encontrada no contexto arqueológico de alguns sítios, sobretudo os sítios arqueológicos Laranjal I, Morro Bonito I e Morro Bonito II. A terra tismada, o cheiro de cinza queimada e a grande quantidade de carvões pequenos, médios e grandes indicavam claramente que o fogo esteve presente no processo de formação do registro arqueológico e não apenas como um elemento fortuito, mas como fator definidor da configuração do registro.

Por outro lado, chamava atenção também a grande quantidade de materiais (cerâmica, sobretudo) articulados às feições arqueológicas como negativos de fogueiras, de postes, esteios e estacas. O sítio arqueológico que mais impressionou neste aspecto foi o Laranjal I, onde foi evidenciado um contexto arqueológico repleto de potes cerâmicos de todos os tamanhos e categorias funcionais, articulados entre si sugerindo que a casa teria sido abandonada rapidamente. Esta mesma impressão foi tomada nos sítios Morro Bonito I e Morro Bonito II, porém, com peças arqueológicas mais fragmentadas por fatores pós-deposicionais, já que o primeiro é atualmente o terreno de uma fábrica onde circulam caminhões e o segundo é onde passa a estrada do Camacho.

O contexto destes sítios arqueológicos incita a discussão sobre as práticas de abandono, o qual pode se dar através de várias orientações: desde abandono como processo lento até abandono como evento; abandono em escala local (de um determinado espaço de um sítio) até abandono em escala regional (de um território de domínio) (Schiffer 1972; Zedeño 1997; Nelson 2000; Silva et al 2007).

Se nos anos 1970 as discussões sobre o abandono dos sítios estiveram vinculadas à classificação das formas de deposição de refugos (se refugo de fato, primário ou secundário) e práticas de curadoria como parte dos processos de abandono, a partir dos anos 1980 em diante vemos uma reorientação nas hipóteses de pesquisa e nas abordagens despendidas à análise dos dados arqueológicos, e, por consequência, um novo olhar sobre as teorias do abandono. A discussão sobre a premissa de Pompéia e as críticas de Binford ao conceito de refugo de fato parecem ter sido escutados pelos

arqueólogos, os quais foram mais uma vez impelidos a contrapor os padrões observados nos sítios arqueológicos com os dados etnográficos para discutir sobre processos de formação e abandono de sítio (Binford 1981, 1991 [1983]).

De certa forma incapazes de perceber a exata natureza geradora dos diferentes tipos de depósitos culturais através da classificação proposta por Schiffer (1972, 1987) somente com base nos padrões observados no registro arqueológico, os arqueólogos deram um passo atrás na abordagem explicativa e buscaram uma alternativa menos incisiva, mas não menos importante para a compreensão dos processos de abandono como agentes culturais de formação dos depósitos arqueológicos. Atualmente as pesquisas vêm sendo dirigidas, menos para definir o tipo de depósito e sua origem cultural, e mais para compreender as diferenças entre *abandono planejado* ou *não planejado* e a utilização dos sítios desde o início de sua ocupação até seu abandono. Enquanto isso as pesquisas etnoarqueológicas têm se debruçado a entender a natureza dos processos de abandono de forma a compor uma base de dados e orientações teóricas que permitam contrapor os padrões arqueologicamente observados com os dados etnográficos (Brooks 1993).

A articulação de dados etnográficos, etnohistóricos e arqueológicos são usados permanentemente como uma forma de criar hipóteses verificáveis no registro arqueológico que permitam inferir sobre as práticas comportamentais dinâmicas que geraram determinados padrões distribucionais dos elementos no solo arqueológico. A partir do campo etnográfico e dos dados etnohistóricos ficou cada vez mais evidente que as práticas de abandono não são ações isoladas no contexto sistêmico, mas sim eventos que compõem uma estrutura processual dinâmica e histórica.

A partir desta visão sistêmica dos processos de abandono, Brooks (1993) compõe três conceitos fundamentais que seguiremos aqui como orientação geral para discutir as práticas de abandono na nossa região de estudo:

- 1) As diferenças no registro arqueológico e nos padrões observados podem ser geradas a partir das distintas maneiras e processos em que o lugar foi abandonado, ou seja, dependem da natureza dos processos de abandono.
- 2) Processos de abandono operam nas diferentes escalas: no assentamento regional, no sítio arqueológico e no espaço individual. Estas diferentes escalas comportam, por exemplo, desde o território de

domínio até a menor área de atividade dentro do espaço da unidade doméstica.

3) Atividades de abandono nem sempre representam eventos ordenadamente planejados culturalmente, em que as decisões são tomadas coletiva ou individualmente. Pelo contrário, o abandono é causado às vezes por eventos não planejados, operados por causas naturais ou culturais. É o caso, por exemplo, de eventos catastróficos que forcem o abandono de um determinado local ou região.

Estes três princípios básicos que orientam as pesquisas sobre processos de abandono têm três características que devem ser destacadas. Em primeiro lugar, fica evidente que os autores tratam o abandono como um processo e não como um evento isolado. O abandono de uma determinada área de atividade, sítio ou região geralmente é um processo que se estrutura num sistema de relações e atividades relativas à mobilidade e estratégia de ocupação regional do território. O processo de abandono de um espaço e ocupação de outro está diretamente vinculado a fatores multi-causais operados e planejados em vias de atender às necessidades mais variadas na esfera cultural, ou seja, podem ser operados para que a exploração econômica seja otimizada; para que as relações de comércio sejam estabelecidas ou fortalecidas; para que o território seja monitorado e permanentemente ocupado, enfim, por várias razões que dizem respeito aos fatores sociais, econômicos, simbólicos e políticos do sistema cultural.

Sobre a estrutura em que operam os processos de abandono na paisagem, Tomka (1989) distingue três escalas temporais (*episódico, sazonal e permanente*), que são relacionados a três escalas sócio-geográficas (*household e assentamento*) e duas formas de operacionalização (*planejado e não planejado*). Esta estrutura, em nosso ponto de vista, é aplicável para entendermos a variação das práticas de abandono nos sítios estudados pela presente pesquisa.

Matriz funcional do processo de abandono. Esquema adaptado a partir de Brooks (1993, p. 178).

Pensando os processos de abandono entre as duas esferas discutidas: planejado e não planejado, este processo adquire um status cultural importante para interpretarmos a composição material do registro arqueológico em nossa pesquisa. Na medida em que pensamos em planejamento de abandono das áreas de atividades, da casa, da aldeia ou do território de domínio, estamos lidando com uma esfera cognitiva coletiva que envolve a constituição do espaço e o manejo das diferentes áreas de moradia e uso, ou seja, planejar significa projetar, manejar, gerenciar, administrar um determinado espaço em suas mais variadas escalas. O abandono planejado pode estar relacionado a diversas causas, como vimos acima, sendo as decisões para o movimento de abandono em suas escala temporal ou geográfica dependente dos interesses coletivos da comunidade.

No entanto, o não planejamento não necessariamente implica numa condição social contrária. O não planejamento não significa ausência de decisões coletivas. Se levarmos em consideração que as causas do abandono não-planejado podem também ser multivariadas e dependentes de agentes externos, consideraremos a possibilidade de os processos de abandono se dar por fuga ou doenças, por exemplo, fatores esses que exigem decisões com uma dinâmica diferenciada de situações normais, mas ainda assim são decisões.

No que se refere ao abandono das aldeias Guaraní podemos citar várias causas conhecidas na literatura especializada e que resultam, em grande parte, das leituras dos documentos históricos. Entre os dois processos mais devastadores e que

causaram a depopulação indígena em larga escala estão as epidemias e as guerras e escravização dos indígenas para servirem de mão-de-obra nos engenhos de açúcar do Rio de Janeiro e São Paulo, entre outras funções urbanas e rurais.

Sobre as epidemias, podemos dizer que as mesmas auxiliaram no processo de conquista européia. Foram utilizadas como uma ferramenta eficaz “(...) muito mais eficientes e devastador que o próprio poder das armas. Em muitas circunstâncias, seus efeitos antecipavam-se à chegada dos colonizadores, uma vez que podiam ser disseminadas entre povos isolados a partir das relações inter-tribais” (...) Entre os Mbyá, as epidemias eram motivos de evasões territoriais. No que se refere às aldeias, “(...) seus habitantes deveriam associar a doença ao espaço, como procedem os Mbyá no presente. Se a doença se manifesta é porque também o espaço se tornou doente, sendo necessário abandoná-lo em substituição a outros, onde pudessem novamente encontrar equilíbrio e segurança”²⁶(Garlet 1997, p. 40).

As epidemias foram ferramentas biológicas que liberaram espaços amplos de terra aos colonizadores, em muitos casos, evacuavam as populações nativas de extensas áreas (Noelli & Silva 1997). Conforme Garlet (1997) acompanhando o histórico dos contatos entre os antigos Mbyá com a sociedade colonial, fica evidente que os colonos foram se estabelecendo sobre seu território à medida que as doenças produziam verdadeiras clareiras demográficas. Os efeitos das doenças certamente causaram o medo das populações indígenas com relação às populações européias, motivando o abandono das antigas ocupações em busca de espaços cada vez mais afastados das frentes de expansão, em busca de novas terras” (Garlet 1997, p. 41).

O complexo quadro de saúde indígena atual está diretamente relacionado aos processos históricos de mudanças sociais, econômicas e ambientais atreladas à expansão de frentes demográficas e econômicas nas diversas regiões do país ao longo do tempo. Estas frentes exerceram influência sobre a saúde das populações indígenas desde o princípio do processo de colonização européia na América, “(...) quer seja através da introdução de patógenos exóticos, ocasionando graves epidemias; usurpação de territórios, inviabilizando a subsistência; e/ou a perseguição e morte de indivíduos ou mesmo comunidades inteiras” (Coimbra & Santos 2001)

²⁶ Para Susnik (1984-1985: 77 *apud* Garlet 1997, p. 40) os locais destituídos de mata, povoados e estranhos, poderiam ser tomados pelos antigos Mbyá como espaço do *mbá* e *meguã*, isto é, lugar destruído, castigado e perigoso.

No que se refere aos outros motivos de abandono das aldeias, um bom exemplo que nos permite elucidar as duas perspectivas do abandono no campo etnográfico, em uma escala regional, foi apresentado por Fausto (2001). Em seu trabalho, o antropólogo Carlos Fausto conseguiu traçar o histórico do grupo Parakanã, mapeando as movimentações das suas aldeias ao longo do seu território de domínio. Além do mapeamento das aldeias e suas movimentações, o pesquisador conseguiu também identificar os motivos de abandono das aldeias, citando entre os fatores mais frequentes guerras, doenças e pestes e manejo das roças. Esses fatores condicionaram as práticas de abandono do grupo em escala regional havendo, por vezes, a necessidade de incorrer na separação da aldeia em duas células aldeãs integradas, que supostamente poderiam ser entendidas como aldeias interdependentes, mas na realidade se tratavam de aldeias formadas pelos mesmos grupos, inclusive com proximidade parental.

Considerando todo processo de violência historicamente conhecido na região sul do litoral de Santa Catarina, causado pela ocupação européia a partir do século XVI podemos pensar que alguns dos sítios arqueológicos estudados foram abandonados a partir de eventos conflitivos entre os grupos Guarani que habitavam estas aldeias e os bandeirantes paulistas em busca de mão-de-obra escrava.

As datações radiocarbônicas indicam que alguns dos sítios foram abandonados na mesma época, entre os fins do século XV e século XVI, o que indica uma ocupação interceptada pelo contato com os grupos europeus. Se as datações indicam um mesmo momento de abandono, a configuração do registro arqueológico com muita presença de carvões e demais objetos queimados, além de um contexto “recheado” de materiais domésticos indica que houve um padrão também na forma de abandono do sítio.

Em nosso ponto de vista, estes padrões observados sugerem que os sítios tenham sido abandonados rapidamente por eventos de violência causados pelas ações dos bandeirantes no processo de conquista territorial e aquisição de escravos indígenas. Estes eventos historicamente conhecidos teriam forçado os grupos aldeões a abandonarem suas casas em busca de outras moradias, primeiramente ainda dentro do seu território de domínio (ainda dentro do espaço da região litorânea de Jaguaruna) e, em seguida, para outras localidades além do planalto. Ou seja, esta forma de abandono que parece um evento isolado se observado num sítio arqueológico é replicado em outros sítios da região, denotando que estamos diante de um processo de práticas de abandono que também são historicamente conhecidas: as fugas Guarani. Estas fugas são

bastante descritas na literatura histórica e eventos multi-causais podem operar nas decisões de quando fugir, desde doenças até a presença de grupos inimigos na região (Noelli 1993, Garlet 1997, Fausto 2001).

Trata-se de eventos não-planejados de abandono causados pela violência e terror. Nestes eventos os indígenas se viram obrigados a abandonarem suas aldeias rapidamente deixando todo seu material doméstico para trás, aldeias estas que foram assoladas pelo fogo das bandeiras em função da ganância mercantil que se implantava no Brasil colônia.

Vem sendo delineado um quadro bastante geral ainda e que deve ser aprimorado com o avanço das pesquisas. Conseguimos até o momento classificar dois tipos de contexto arqueológicos que indicam as práticas de abandono planejado e não planejado.

O primeiro caso é constituído por aqueles sítios em que as escavações indicaram um contexto arqueológico com manchas de terra preta com menor quantidade de carvões e cinzas e que também demonstram uma menor quantidade de materiais arqueológicos cerâmicos e líticos típicos do *kit* doméstico. Trata-se de sítios onde o contexto arqueológico demonstrou estar “limpo” com relação aos objetos de uso cotidiano, como panelas, pratos e tigelas, facas, raspadores, furadores, etc.. Estes sítios, não por coincidência, apresentaram datações mais recuadas, que apontam o fim de sua ocupação antes mesmo da chegada dos europeus na região. É o caso dos sítios Sibelco, Morro Bonito I, Morro Bonito III, Olho D’água I e Arroio Corrente V. Estes sítios teriam sido abandonados planejadamente e os materiais que compõem o acervo doméstico seriam transportados juntamente na mudança para outras aldeias, pois não podemos esquecer que a cerâmica é um patrimônio para as oleiras e seu desaparego e abandono é um processo simbólico (Silva 2000, Monticelli 1995).

Entre estes sítios os únicos que fogem à esta regra é o Morro Bonito I e o Olho D’água I, onde identificamos contextos muito bem articulados do *kit* doméstico com as estruturas de fogueiras dos espaços habitacionais, indicando também um abandono rápido e não-planejado. Porém, devido as datações indicarem um momento de ocupação destes sítios anterior ao contato, pensamos que o processo de abandono não-planejado possa ter sido causado pelas disputas internas dos grupos Guarani no seu *teko’á*, ainda sem a influência do elemento europeu. No caso do sítio Olho D’água I, não podemos esquecer que a mancha de terra preta escavada indicou em sua estratigrafia uma sobreposição de duas camadas de ocupação intercaladas por uma

camada que sugere ser o registro de um momento de cheia do rio Urussanga. Neste caso, pode ter ocorrido o abandono da casa rapidamente em virtude desta cheia, forçando as pessoas a abandonarem seus pertences domésticos no chão da habitação.

Por outro lado, os sítios Morro Bonito II e Laranjal I indicam exatamente as prática de abandono não-planejado. Com grandes concentrações de materiais arqueológicos que comporiam, no contexto sistêmico, o *kit* doméstico, associados às estruturas de combustão internas ao espaço habitacional, muita presença de carvões e cinzas, estes sítios seriam representativos das práticas de abandono rápido. As datações destes sítios colocam a sua ocupação num período em que certamente estes grupos teriam tido contatos com os europeus e, conforme os dados etnohistóricos nos permitem vislumbrar, esses contatos não devem ter sido muito amistosos.

Enfim, a temática relativa aos processos de abandono em sítios arqueológicos, se tem uma literatura bastante ampla no meio acadêmico internacional, no Brasil, ainda não foi um tema amplamente divulgado. Ainda carecemos de um escopo teórico sobre este tema em nossa arqueologia, necessitando que estas práticas sejam testadas empiricamente. Estudos sobre esta temática colocariam em xeque a noção comum que denigre a potencialidade de alguns contextos, com frases que nada querem dizer, como: “o sítio arqueológico se mostrou com baixo potencial de estudo” ou “o sítio arqueológico se encontra destruído ou parcialmente destruído” ou, “muito impactado”. Bem, estas situações de degradação certamente existem e sabe-se que as causas são muito variadas, desde a degradação pelas ações naturais, atividades agrícolas, até vandalismo e grandes construções civis.

O caso é que vemos, muitas vezes, publicações que classificam os sítios arqueológicos como mais ou menos conservados apenas pelo número de cacos cerâmicos encontrados no contexto, ou seja, aqueles sítios com maior concentração de cacos estariam aparentemente mais bem conservados, que aqueles com menores concentrações. Está é uma prática muito comum, por exemplo, em pesquisas em obras de engenharia, cujos investimentos maiores de pesquisa geralmente são voltados para aqueles sítios com maiores concentrações de materiais cerâmicos, líticos ou zooarqueológicos, enquanto aqueles com menores concentrações merecem menos investimentos dos recursos da pesquisa. Porém, se levarmos em conta o fato de que, o abandono planejado causaria certa “limpeza” do contexto arqueológico, como ficaria o argumento de que sítios mais densos são mais preservados que os menos densos em materiais arqueológicos?

Em se tratando especificamente do núcleo 3, as hipóteses pensadas em campo sugerem que o contexto arqueológico pode ter se originado de uma lixeira, de um fundo de cabana, de sepultamentos em urnas funerárias, ou ainda de todos esses fatos em conjunto. Apesar de sermos simpáticos à idéia do sepultamento que à da lixeira, pois acreditamos que, assim como entre os Assuriní do Xingu, uma das últimas populações ceramistas de língua Tupi-Guarani na Amazônia, onde Silva (2000, p. 99), além de ressaltar “que as vasilhas são um patrimônio para as ceramistas”, também constatou que, devido aos diversos processos de reciclagem e significados étnicos dado aos fragmentos, “(...) os vestígios cerâmicos são normalmente pequenos e dificilmente uma vasilha inteira é descartada”, estamos mais inclinados a acreditar que o núcleo 3 de fato corresponde à um fundo de cabana abandonada. Afinal, ao mesmo tempo em que não foram observados restos humanos no núcleo, as estruturas detectadas, onde se destacam vasilhas quebradas, mas praticamente inteiras, líticos utilizados, inclusive lâminas de machado, restos de fogueiras e negativos de buracos de esteio, indicam que o contexto arqueológico foi formado por atividades diversas, como armazenamento, processamento e consumo de alimentos, produção de vasilhas cerâmicas, conservação de utensílios

4.4. Nessa longa estrada da vida, vou correndo e não posso parar!

*“Nessa longa estrada da vida,
vou correndo e não posso parar.
Na esperança de ser campeão,
alcançando o primeiro lugar”.*

A letra da música intitulada “Estrada da vida”, de autoria dos sertanejos Milionário e José Rico resume bem o conceito de migração proposto pelos arqueólogos. Muito já se refletiu sobre este conceito de migrações e um dos principais autores que mais contribuiu para este conceito, o arqueólogo José Proença Brochado, foi quem teceu também a maior crítica ao tema. Em seu trabalho de 1973, Brochado propôs rotas migratórias para as populações ceramistas a partir da análise dos estilos cerâmicos, da datações e da localização dos sítios arqueológicos. Propôs que os grandes rios serviriam como estradas ou vias de acesso a serem seguidas no processo de migração dos Guarani

para novos locais, no intuito de estes adquirirem novos locais para os seus assentamentos, apropriação de novas terras para o plantio, etc.

Anos mais tarde, em sua tese de doutorado publicada no ano de 1984, o mesmo arqueólogo repensou o conceito de migração, propondo o conceito de expansão territorial como o modelo de ampliação dos territórios Guarani, conceito este que foi amplamente defendido, discutido e divulgado (Noelli 1994, 1996, 1998; Viveiros de Castro 1996; Urban 1996, Schiavetto 2003) e vem sendo testado à luz dos dados empíricos (por exemplo, Lino 2007, Milheira 2008). Com base em dados arqueológicos, linguísticos e antropológicos o autor concatenou várias fontes teóricas que lhe permitiram pensar que o processo de ocupação e dominação de novos territórios pelos grupos Tupi-Guarani não se dá através de migrações, mas através de um sistema de adensamento populacional que exige novos locais para o desenvolvimento da cultura e todos os seus aspectos sociais.

As palavras de Noelli (1996, p. 34-35) permitem elucidar bem o conceito de expansão, como idealizado por Brochado (1984): “(...) uma aldeia não poderia ocupar novas terras sem preparação prévia. não poderia mudar-se para um território muito distante das aldeias aliadas. A expansão não pode ter ocorrido por saltos; necessariamente se dava por anexação contínua e paulatina de áreas imediatamente adjacentes aos territórios já ocupados (...)”.

O conceito de “*enxameamento*” foi pensado a partir desta perspectiva da dominação territorial como um processo gradual e de longa duração. Trata-se de uma leitura processual do processo de expansão territorial Guarani. Seu comportamento de dominação territorial estaria próximo do comportamento das abelhas. Na sociedade das abelhas, quando uma determinada colméia esgota sua capacidade demográfica, surge a necessidade de que outra colméia seja criada. Assim, um grupo de abelhas coordenadas por uma abelha-rainha cria uma nova aldeia e começa o trabalho de produção de alimentos e, novamente, ocorre o crescimento populacional. Assim, sucessivamente, as abelhas criam novas colméias, a partir de colméias cheias de abelhas e como um enxame ocupam novamente outro lugar como se fossem células de um sistema ecológico que se subdividem em novas células e assim por diante. Desta forma, rapidamente as abelhas dominam longos territórios, com núcleos (colméias) que perduram no tempo e se subdividem em outros núcleos sucessivamente.

O mesmo modo de pensar as abelhas foi adaptado metaforicamente para pensar o modo de expansão do território pela cultura Tupi-Guarani. Claro que o autor

não seria ingênuo ao ponto de simplesmente adaptar um comportamento animal a um comportamento humano. Obviamente que o autor conhece perfeitamente as particularidades históricas e culturais dos grupos Tupi-Guarani, aliás, poderíamos colocar José Proença Brochado como um dos arqueólogos que mais conhece a literatura e que deu as maiores contribuições nas últimas décadas aos modelos teóricos em arqueologia sobre os grupos Guarani. Esta adaptação é apenas ilustrativa de um comportamento conhecido amplamente no “senso comum”, ou seja, qualquer pessoa pode entender a metáfora entre as abelhas e a cultura humana, a partir de então, o conceito de “*enxameamento*” Guarani pela analogia com as abelhas pode ser entendido também.

Sua intenção com este termo “*enxameamento*” passa por uma crítica contundente ao conceito de migração da cultura. Buscou o arqueólogo não mais pensar a expansão Guarani como um bloco monolítico que migra através das margens dos rios, como se fossem rodovias de acesso ao litoral. A noção de migrações como foi forjada à luz da teoria pronapiana passou a idéia de que, a partir de um ponto central da cultura, talvez na Amazônia, em torno de 3000 AP (Brochado 1984), ou no oeste do Paraná, em torno de 500-1000 d.C (Meggers e Evans 1977, p. 34-36)²⁷, a cultura Tupi-Guarani buscou novas terras desenfreadamente seguindo rotas migratórias lineares internas no território sul-americano. Observem-se as flechas das vias migratórias tão comuns nos mapas arqueológicos publicados, que passam realmente esta idéia, como se o processo de dispersão da cultura Tupi-Guarani fosse um “plano nacional” de ocupação dos diferentes territórios.

Neste caso, como coloca Noelli (1993, p. 55). “*Se (os Guarani) avançavam relativamente tão rápido, quem ficava para trás nos territórios continuamente ocupados?*” este mesmo questionamento parece ter sido feito por Brochado ao pensar no processo de dispersão da cultura Tupi-Guarani no interior das terras baixas da América do Sul²⁸.

Porém, mesmo criticando o modelo pronapiano, Brochado (1984) conseguiu avançar até o limite dos dados disponíveis naquele momento. As datações, as análises das coleções arqueológicas e os mapas de distribuição dos sítios desta tradição

²⁷ Com base nos trabalhos de Alfred Metraux, os arqueólogos pronapianos Meggers e Evans constituíram um modelo de dispersão da tradição tupiguarani, desde as terras altas até as terras baixas da América do Sul, num processo rápido de movimentação iniciado pouco antes da conquista européia. Veja o histórico dessa discussão sobre as rotas migratórias em Noelli (1996).

²⁸ Em trabalho anterior, já apontamos as influências de Branislava Susnik sobre a obra de Brochado (1984), numa perspectiva etnobotânica para pensar o modelo radial de “*enxameamento*”.

arqueológica lhes permitiram constituir um modelo macro-regional de dispersão da cultura num sistema de “pinças”, em que, a partir do centro amazônico, em torno de 3000AP, teria se dado um processo de expansão de duas rotas de expansão, uma para norte formando a cultura Tupi e a outra para sul, formando a cultura Guaraní, cuja movimentação ocorreria pelo interior até o litoral, último reduto das culturas ceramistas. Ambas, em algum momento teriam disputado os espaços no vale do rio Tietê ou vale do Paranapanema, onde seria aí seu limite de dispersão e onde teria se dado novamente o contato entre as mesmas. Nota-se que este modelo, já bastante divulgado no meio acadêmico, e sobre o qual não nos demoraremos nas explicações, pensa a dispersão da cultura Tupi-Guarani em dois blocos avançando, um para norte e um para sul das terras baixas da América do Sul, até chegarem ao litoral.

A questão é que atualmente temos um novo panorama de pesquisas que nos permitem testar o modelo proposto por Brochado (1984). Com a continuidade das pesquisas de caráter regional, novos locais antes desconhecidos arqueologicamente foram mapeados, estudados e datados. Novamente a ferramenta da arqueologia regional permite avançar em discussões amplas que dizem respeito aos processos de expansão do território Guaraní. Observando mapas e datações de pesquisas de várias partes do litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, veremos que em vários pontos da costa os grupos Guaraní estavam ocupando ao mesmo tempo ou em períodos que não se distanciam em mais de 150 anos.

Na porção meridional da Laguna dos Patos várias pesquisas demonstram que as regiões arenosas de dunas do sul da Laguna, no município de Rio Grande foram ocupadas a partir de 890 ± 40 (data do sítio RS-RG-2 *conf.* Naue 1973), mas com uma ocupação massiva apenas a partir de 580 ± 50 (data do sítio RS-002-2, *conf.* Hilbert et al *s/d apud* Noelli 1999-2000), já entre os séculos XIV e XV, como também indicam as demais datações publicadas. No município de Pelotas, margem sudoeste da Laguna dos Patos, a mesma faixa temporal ocorre no sítio PS-03-Totó, com datação radiocarbônica que aponta o princípio do processo de ocupação a partir de 530 ± 50 , também entre os séculos XIV e XV (Milheira 2008).

No litoral central do Rio Grande do Sul, na região da Lagoa do Quintão (município de Quintão), as pesquisas da equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas (UNISINOS), coordenada pelo Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz demonstrou que a aldeia do sítio RS-LC-80 com uma *instalação mais permanente* teria sido ocupada a partir de 563 ± 45 anos AP, entre os séculos XIV e XV (datação de TL), enquanto que a

datação radiocarbônica do mesmo sítio deu uma data mais recente: 280 ± 50 anos AP (Schmitz 2006, Rogge 2006).

Em nossa pesquisa desenvolvida no litoral sul de Santa Catarina, município de Jaguaruna, a ocupação massiva dos grupos Guaraní parece ter iniciado no final do século XIV até o século XVII, como indica a datação dos sítios Olho D'água I (560 ± 40 , data de carvão). O sítio Tapera, estudado por Chmyz (1976) no litoral central de Santa Catarina, município de Florianópolis, apontou uma datação de 550 ± 70 , também entre os séculos XIV e XV. Já no litoral norte do Estado de Santa Catarina, a datação do sítio Poço Grande, datado em 335 ± 35 , também coloca a ocupação da região da Baía da Babitonga numa faixa temporal bastante recente (Bandeira 2004).

Imagem de satélite indicando a localidade dos sítios arqueológicos do litoral sul com datações predominantes em torno dos séculos XIV e XV

Ao levarmos em consideração este quadro de datações de sítios arqueológicos do litoral, veremos que não é coerente um modelo que pense em vias migratórias ou expansionistas lineares. Trata-se de ocupações ocorridas concomitantemente em locais do litoral bastante distantes, como podemos ver no mapa acima. Neste caso, cabe questionar o modelo monolítico de dispersão da cultura Guaraní por vias de acesso únicas, como se fossem rodovias. Frente aos dados das pesquisas

atuais, com métodos de datações absolutas, fica evidente que o processo de ocupação do litoral teria se dado em um mesmo momento em vários pontos da costa, surgindo outras questões, como por exemplo, qual o fator causal que teria influenciado na escolha dos grupos Guarani pelas terras baixas do litoral? O que fez com que os grupos expandissem seus territórios do interior para a costa num período aproximado, predominantemente entre os séculos XIV e XV?

O ambiente talvez tenha causado alguma influência nas escolhas. Sabe-se que entre o século XIII e XVII ocorreu um período glacial conhecido como Pequena Idade do Gelo. Foi um período de arrefecimento climático na Era Moderna que pode ter se estendido até o século XIX. Esta mudança climática, em que as temperaturas tiveram quedas acentuadas talvez tenha sido um fator causal que tenha atraído os grupos Guarani ao litoral, em busca de temperaturas mais altas, avanço da mata atlântica, abundância de peixe, etc..

Além da questão ambiental, as escolhas dos grupos Guarani habitarem o litoral pode ter se dado em virtude da grande densidade demográfica registrada por alguns cronistas. Já vimos acima que Cabeza de Vaca, nas suas andanças pelo interior de Santa Catarina e Paraná, comenta sobre a grande quantidade de aldeias próximas, indicando que o interior, na região das terras altas, estaria povoado de aldeias, tanto de grupos Tupi-Guarani como de outras culturas, havendo, neste caso, a necessidade de novas terras para o desenvolvimento da cultura Guarani.

Difícilmenete poderemos saber as causas e os motivos do processo de ocupação Guarani do interior para o litoral sul do Brasil com precisão. A questão aqui colocada é que não cabe pensarmos mais em vias de acesso lineares dos grupos Guarani do interior para o litoral sul do Rio Grande do Sul, avançando daí para o litoral de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, como proposto por Brochado (1984). Não cabe mais pensarmos num processo migratório, como pensavam os pronapianos, por vias únicas de acesso, margeando os grandes rios como se fossem rodovias, num modelo que parece muito mais uma corrida, uma competição para ver quem chega primeiro num lugar que não se saberia qual era. Não cabe mais pensar nesse processo de longa duração, que faz parte da história Guarani, como uma longa estrada desde a Amazônia até o litoral.

Devemos pensar, a partir do conceito de “*enxameamento*” o processo de expansão Guarani, mas concebendo a ideia de que muitas variáveis desse processo são desconhecidas arqueologicamente e que diferentes localidades litorâneas foram ocupadas concomitantemente. Mais uma vez chamamos atenção para que estudos de

arqueologia regional sejam desenvolvidos para que se possa elucidar estas e outras questões que envolvem cronologias amplas, processos de expansão e desenvolvimento e dispersão cultural. Somente com o refinamento de estudos de âmbito regional poderemos avançar na discussão da concomitância da expansão Guaraní, avançando sobre os modelos “simplistas” desenvolvidos pelo legado pronapiano. Neste caso, buscar entender as particularidades regionais de áreas ainda pouco conhecidas é fundamental e estratégico para o desenvolvimento da arqueologia no sul do Brasil, pois é este refinamento espacial e cronológico que permitirá avançarmos em discussões de maior detalhe, envolvendo diferentes escalas micro e macro espaciais.

5. Conclusão

Fechamos com esta tese um ciclo de trabalho. Demos aqui um segundo passo para o conhecimento da ocupação regional Guarani no litoral do município de Jaguaruna, visto que o primeiro passo foi a pesquisa de longa duração do Pe. Rohr. Ao longo de mais de 20 anos este pesquisador teve um papel fundamental para o desenvolvimento da arqueologia no Brasil e, mais especificamente, no Estado de Santa Catarina. Morador do município de Laguna, o Pe. Rohr foi um grande defensor dos sítios arqueológicos da região, incluindo os grandes sambaquis e os sítios Guarani e Jê, que compõem o patrimônio arqueológico local. Seu trabalho, além de buscar a defesa da integridade do patrimônio regional foi fundamental para evidenciar o potencial científico e histórico dos sítios arqueológicos Guarani que viemos a trabalhar nesta tese.

Neste sentido, uma sistematização breve dos sítios arqueológicos, que envolveu a localização e mapeamento dos mesmos na região do litoral de Jaguaruna e Laguna já havia sido realizada por Rohr (1969, 1984). Coube a nossa pesquisa, inicialmente, relocalizar alguns destes sítios arqueológicos. Dada a localização imprecisa do mapa publicado por Rohr (1969) e da mudança da paisagem local e dos proprietários de terra ao longo destas décadas, a relocalização dos sítios foi bastante complicada. Buscamos também uma avaliação das condições de preservação e mapeamento dos sítios com uso de um Sistema de Informação Geográfica (SIG), através do qual, hoje se dispõe de um mapa com informações precisas.

Num outro momento da pesquisa partimos ao trabalho de escavação dos sítios arqueológicos Guarani da região. Por uma coincidência que para as pesquisas arqueológicas da região foi muito importante, o licenciamento arqueológico para o capeamento asfáltico da rodovia SC-487, trecho Barra do Camacho/Jaguaruna garantiu o financiamento para prospecção e realização de intervenções arqueológicas nos sítios à margem da estrada. Através desta pesquisa de licenciamento foi possível desenvolver duas campanhas de escavação e prospecção, o que envolveu uma equipe de mais de 30 pessoas com equipamento e logística necessários que atenderam à demanda da pesquisa. Foi possível então escavar, até o momento, seis sítios arqueológicos Guarani entre outros sambaquis e sítios históricos, os quais foram datados, suas coleções analisadas e seus resultados divulgados em trabalhos de conclusão de curso, comunicações em eventos científicos e, agora também, esta tese.

Após o trabalho de licenciamento que garantiu parte do financiamento para esta tese continuamos a pesquisa de campo com intervenções e prospecções na Área Piloto do projeto, o que nos conferiu uma abrangência regional mais ampla, articulando distintos ambientes litorâneos. Escavações, datações e análise de coleções permitiram ampliar nosso foco de pesquisa, atingindo uma faixa territorial onde outrora os grupos Guarani habitaram e dominaram o espaço configurando seu *teko'á*.

Ma ainda assim, é apenas um ciclo da pesquisa que se fecha, um passo a mais que foi dado no intuito de compreender o sistema de assentamento Guarani na região litorânea sul - catarinense. Muitas questões ficam em aberto, questões estas que resultam das pesquisas de campo e que agora deverão nortear pesquisas futuras, nos próximos passos para o entendimento da história Guarani na região.

1. Nem todos os sítios arqueológicos identificados e publicados por Rohr (1969, 1984) foram relocados em nossa pesquisa. Problemas como a imprecisão dos mapas daquele autor, mudança dos proprietários das terras e os impactos antrópicos ao ambiente, causados pela agricultura e exploração de recursos ambientais, são algumas das questões apontadas na dificuldade à tarefa de relocação dos sítios.

2. Além de relocar os sítios mapeados pelo Pe. Rohr é importante que o trabalho sistemático de identificação de sítios Guarani seja retomado na região dos municípios de Jaguaruna e Laguna. Sabemos que nossa pesquisa em campo não explorou totalmente a área, visto que relatos de sítios na região de dunas costeiras e nos morros e cristalinos da região não foram devidamente prospectados na sua totalidade. Por exemplo, as praias do Chuveirão, Torneiro e o morro da Fumaça foram pouco pesquisados em nossos trabalhos, carecendo ainda prospecções sistemáticas.

3. Um trabalho específico de avaliação das condições de preservação dos sítios arqueológicos Guarani da região deverá ser feito para que se possa ter uma noção mais clara do potencial de pesquisa em alguns sítios. Ao longo das décadas muitos foram os impactos no solo causados pelas atividades agrícolas e de exploração dos recursos ambientais. No que se refere às atividades agrícolas, sabemos que o plantio familiar foi sendo amplamente alterado para plantio industrial e atualmente nota-se uma nova tendência ligada ao plantio de eucaliptos e pinos para indústria madeireira. No que se refere aos recursos ambientais, a exploração de conchas e areia por empresas especializadas e de grande porte na região é uma constante. Se no passado exploravam-se os sambaquis para aquisição de conchas, atualmente, utilizando-

se de métodos bastante precisos, as empresas continuam a explorar conchas, mas de bancos naturais, assim como areia das dunas, onde se situam os sítios Guarani.

4. Em nossa pesquisa fizemos apenas intervenções pontuais, limitadas, em geral, a trincheiras e sondagens. Seria interessante que escavações em área ampla fossem realizadas em alguns sítios estudados por nós, para que se possa entender as estruturas internas do espaço habitacional, assim como aspectos da arquitetura Guarani. Como sugestão, entre os sítios por nós estudados, caberia trabalhos desta natureza nos sítios Olho D'água I e Laranjal I, onde foi detectada uma abundância de manchas de terra preta com muita quantidade de vestígios materiais e feições arqueológicas nas estruturas escavadas.

5. As análises de coleções cerâmicas e líticas realizadas buscaram a sistematização dos atributos em busca dos aspectos padronizados das coleções. Porém, elementos singulares relativos à etnicidade, identidade social, criatividade, adaptação ambiental, características de performance e agências individuais devem ter sido expressadas nas cerâmicas, havendo, portanto, variações estilísticas aos padrões normativos da cultura Guarani. Neste caso, análises tecnológicas e gestuais nas coleções cerâmicas deverão evidenciar estas expressões regionais não atingidas em nossa análise tecno-tipológica.

6. Materiais como calcedônia, arenito friável e basaltos foram identificados como matéria-prima utilizada pelos grupos Guarani nos seus assentamentos e sabemos que algumas destas matérias-prima distam quilômetros da região da Área Piloto. Um estudo que vise o mapeamento destas fontes de matéria-prima, assim como de argila também, poderá contribuir na discussão da dimensão do território de domínio Guarani e suas ações de exploração dos recursos naturais.

7. Um fenômeno regional que percebemos fugazmente foi a ocorrência de cerâmicas Guarani e terra preta em sambaquis. Sugerimos que haja uma relação funcional e simbólica de apropriação destes espaços pelo Guarani, mas é provável que outras facetas deste fenômeno não tenhamos identificado. Neste caso, as pesquisas realizadas, sobretudo por aqueles arqueólogos que estudam os sambaquis, deverão estar atentas para a presença de cerâmicas Guarani nos contextos sambaquieiros, para que se possa ter uma compreensão mais clara deste fenômeno.

8. Um problema regional detectado refere-se às datações publicadas na região de Imbituba e Araranguá. Datas que chegam a 1 mil AP foram por nós desconsideradas por sugestão do próprio autor das datas e em virtude também das

datações por nós realizadas, que indicam uma ocupação bem mais recente pelos Guarani. Neste caso, temos um problema de métodos de datação, que deverá ser sanado à luz de uma bateria de datações radiocarbônicas, abrangendo sítios Guarani em todo litoral sul do Estado de Santa Catarina.

9. Nos sítios Laranjal I, Morro Bonito I, Riacho dos Franciscos I e Olho D'água I foram realizadas coletas de sedimento para análise dos seus componentes físico-químicos que poderão auxiliar nas discussões sobre processos de ocupação e re-ocupação dos espaços das aldeias. Além disso, Amostras de Volume Constante também foram coletadas nestes sítios e poderão ser utilizadas também para análises de vestígios bioantropológicos (zooarqueologia, antracologia e paleobotânica), através dos quais poderemos avançar em discussões sobre dieta, exploração de recursos vegetais e plantio.

10. Atividades de educação patrimonial serão interessantes para que o patrimônio arqueológico e histórico Guarani seja popularizado. Há uma popularização com relação aos sambaquis, orgulho arqueológico das comunidades locais, mas notamos que pouco se sabe sobre a história indígena Guarani. Neste caso, atividades de conscientização popular com relação aos sítios Guarani trariam não somente benefícios sociais, como também ao patrimônio arqueológico, já que são vestígios arqueológicos muito superficiais e de fácil impactação antrópica.

11. Pensar em história indígena neste local é pensar numa história de longa duração, mas uma história que também avança aos dias de hoje. Em nossos trabalhos de prospecção e escavação, em que tivemos contato com a população local ficou muito claro que histórias sobre índios ainda estão vivas na memória. Recebemos relatos de matanças de índios no morro da Fumaça, nas região da encosta da serra e te mesmo em cidades vizinhas. Acampamentos de índios são lembrados por alguns moradores mais idosos, o que constata a presença indígena na região até pouco tempo atrás. A documentação histórica oral, se complementada à documentação escrita e arqueológica será uma forma profícua de articulação de fontes que permite avançar na construção de narrativas sobre a história indígena regional, o que abrange, num primeiro momento, os grupos Jê e Guarani.

Apontamos aqui algumas lacunas sobre a arqueologia Guarani que não conseguimos desenvolver ao longo do trabalho de confecção desta tese. Estas questões, antes de serem pensadas como falhas da tese devem ser pensadas como resultados da mesma, pois sabemos que estudos científicos, antes de gerarem respostas, na verdade,

geram cada vez mais perguntas, o que confere um grau evolutivo das pesquisas. Ou seja, quanto mais sabemos sobre um determinado tema, mais sabemos que não sabemos nada sobre ele e muitas perguntas surgem. De forma geral, é necessário ainda investir mais amplamente na abordagem regional com prospecções, intervenções restritas e amplas nos sítios arqueológicos, refinamento cronológico das ocupações, estudos de coleções para entender os padrões decorativos e funcionais das vasilhas e as fugas aos padrões, etc.. Enfim, investir na abordagem regional histórica, em vias de buscar narrativas cada vez mais aprimoradas sobre a história indígena Guarani na região de pesquisa.

Propomos com esta tese um modelo de ocupação regional Guarani no litoral do município de Jaguaruna. Modelos teóricos só têm serventia para o desenvolvimento da ciência na medida em que forem testados permanentemente por novas pesquisas. Não é nossa pretensão que este modelo gerado nesta tese sirva como uma narrativa homogeneizante do processo de ocupação regional Guarani, mas sim, que sirva de base para que novas pesquisas venham a ser desenvolvidas. Nosso modelo deve ser utilizado como uma base de diálogo científico, sendo sempre questionado à luz de novos dados empíricos e de novas perspectivas teóricas. Neste caso, se nossa pesquisa foi um segundo passo para a compreensão da história indígena Guarani regional, visto que reconhecemos a validade e a importância do primeiro passo dado pelo Pe. Rohr, estamos ansiosos para ver e talvez contribuir para os novos passos desta caminhada científica, em busca de conhecimento sobre sociedades indígenas no sul do Brasil.

Bibliografia

- ALVES, Luana & FARIAS, Deisi S. E. de. Análise e Sistematização do Material Arqueológico do Sítio Morro Bonito II - Jaguaruna, SC. *Anais da V Jornada Universitária de Iniciação Científica, UNISUL*, 2010. (no prelo).
- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado), 2001.
- ASSIS, Valéria S. de. *Da Espacialidade Tupinambá*. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de Mestrado), 1996.
- ASSUNÇÃO, Danilo. *Sambaquis da Paleolaguna de Santa Marta: em busca do contexto regional no litoral sul de Santa Catarina*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado), 2010.
- BANDEIRA, Dione da Rocha. *Ceramistas Pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC - Arqueologia e Etnicidade*. Campinas: UNICAMP. (Tese de Doutorado), 2004.
- BAPTISTA DA SILVA, S. et al. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr S.J.- O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um acampamento Itararé e Tupiguarani. São Leopoldo, *Instituto Anchieta de Pesquisas*, 1990.
- BAPTISTA DA SILVA, S. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades proto-Jê meridionais*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado), 2001.
- BELTRÃO, M.; FARIA, E. Acampamentos Tupi-Guarani para coleta de moluscos. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 19, 1970/1971. pp. 97-136.
- BINFORD, Lewis R. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*. V. 28, nº 2, 1962. pp. 217-225.
- BINFORD, Lewis. Organization and formation process: looking at curated technologies. In: *Working at archaeology*. New York: Academic Press, 1983. pp. 269-286.
- BINFORD, Lewis. Willow smoke and dog's tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, V. 45, nº 1, 1980. pp. 4-20.
- BINFORD, L.R. The Archaeology of Place. *Journal of Anthropological Archaeology*. V. 1, 1982. pp. 5-31.
- BINFORD, Lewis. *Working at archaeology*. New York: Academic Press, 1983.
- BINFORD, Lewis. *Em busca do Passado*. s.l.: Europa-América, 1991 [1983].
- BILLMAN, R. B. & FEINMAN, G. M. (ed.) *Settlement Pattern Studies in the Americas*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1999.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BROCHADO, José Proença. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones- Sociedad Argentina de Antropología*. Nova Série, Buenos Aires, VII, 1973. pp. 7-39.
- BROCHADO, José J. J. P. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign. (Tese de Doutorado), 1984.
- BROCHADO, José J. J. P. What did the tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy. *Revista de Arqueologia da Sociedade Brasileira de Arqueologia*. V. 6, 1991. pp. 40-89.
- BROCHADO, José J. J. P.; MONTICELLI, G. e NEUMANN, E. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas* V. 35, nº 104, dez. 1990. pp. 727-743.

- BROCHADO, José J. J. P & MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre. V. XX, nº 2, dez. 1994. pp. 107-118.
- BROOKS, Robert L. Household abandonment among sedentary plains societies: behavioral sequences and consequences in the interpretation of the archaeological record. In: CAMERON, C.M. & TOMKA, S.A. (ed.). *Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. pp. 178-187.
- CABEZA DE VACA. *Naufrágios & Comentários*, Porto Alegre: L & PM, 1999.
- CALDARELI, S. B. & SANTOS, M. do C. M. dos. Arqueologia de contrato no Brasil. *Revista da USP*. São Paulo: USP. nº 44, 1999-2000. pp. 52-73.
- CAMERON, Catherine M. & TOMKA, Steve A. (ed.). *Abandonment of Settlements and Regions. Ethnoarchaeological and Archaeological Approaches*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- CARLE, Miriam B. *Investigação arqueológica em Rio Grande: uma proposta da ocupação Guarani pré-histórica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 2002.
- CHMYZ, Igor. A ocupação do litoral dos Estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. *Estudos Brasileiros*. V.1, 1976. pp. 7-43.
- COIMBRA JR. Carlos E. A. & SANTOS, Carlos Ventura. Perfil Epidemiológico da População Indígena no Brasil: Considerações Gerais. In: GOLDBAUM, Moisés (org.). *Perfil Epidemiológico da População Brasileira*. Brasília. Centro Nacional de Epidemiologia. Ministério da Saúde, 2001. pp. 1-37.
- DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHELL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo Cesar; GASPAR, Maria Dulce. Sambaquis e Paisagem. Dinâmica Natural e Arqueologia Regional no Litoral Sul do Brasil. *Arqueologia Suramericana*. V. 3. nº 1, jan. 2007. pp. 29-61
- DEBLASIS, Paulo et al. Sambaquis e Paisagem. Modelando a inter-relação entre processos culturais e naturais no litoral sul de Santa Catarina. Relatório Parcial FAPESP, 2008. 112 p.
- DEBLASIS, Paulo & MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com *full-coverage survey* no Bairro da Serra. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. V. 5. São Paulo: USP, 1995. pp. 125-143.
- DIAS, Adriana Schmidt. “Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA”. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul. V. 19, nº 22, 1995. pp. 25-39.
- DIAS, Adriana Schmidt & HOELTZ, Sirlei Elaine. Proposta Metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do CEPA*. V. 21, nº 25. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1997. pp. 21-62.
- DIAS, Adriana Schmidt. A questão da variabilidade na obra de Lewis R. Binford e sua contribuição para a construção de uma teoria arqueológica. *Revista do Cepa*: UNISC. v. 24. nº 31, 2000. pp. 7-42.
- DIAS, Adriana Schmidt. *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2003.
- EBLE, Alroino. B. e SCHMITZ, Sérgio. Sítio Cerâmico Sobre Dunas (SC – LL – 70). *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*. nº 5. Florianópolis: UFSC, 1972. p. 24-56.
- FARIAS, Deisi S. E. de. & DEBLASIS, Paulo. Arqueologia da Rodovia SC-487: Barra do Camacho-Jaguaruna. Relatório Parcial de Pesquisa, 2008. 199 p.

- FARIAS, Deisi S. E. de. & DEBLASIS, Paulo. Arqueologia da Rodovia SC-487: Barra do Camacho-Jaguaruna. Relatório Final de Pesquisa, 2009. 92 p.
- FAUSTO, Carlos. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá. Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico.” In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos Fiéis. História Guerra e Xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FISH, S. K. & KOWALEWSKI, S. A. (eds.). *The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.
- FISH, Susane. “Conclusions: the Settlement Pattern Concept from an American Perspective”. In: BILLMAN, R. B. & FEINMAN, G. M. (ed.) *Settlement Pattern Studies in the Americas*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1999. pp. 203-208.
- FLANNERY, K.V. Culture History versus Cultural Process: A Debate in American Archaeology. In: Mark P. Leone (Ed.). *Contemporary Archaeology*. Southern Illinois Press, 1973. pp.102-107.
- FLANNERY, Kent (ed). *The Early Mesoamerican Village*. Londres: Academic Press, 1976
- FOSSARI, T. et al. *Levantamento arqueológico da Ilha de Santa Catarina*. V. 5. Florianópolis, FAPEU – UFSC, 1987-1989.
- FUNARI, Pedro Paulo & NOELI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo. “A Importância da Teoria Arqueológica Internacional para a Arqueologia Sul Americana: O Caso Brasileiro”. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Teoria Arqueológica na América do Sul. Primeira Versão*. V. 76. Campinas: UNICAMP, 1998. pp. 13-32.
- GARLET, Ivori José. Mobilidade Mbyá: História e Significação. Porto Alegre: PUC-RS. (Dissertação de mestrado), 1997.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- GASPAR, Maria D. BUARQUE, Ângela, CORDEIRO, Jeane, ESCÓRCIO, Eliana. Tratamento dos mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, nº 17, 2007. pp. 169-189.
- HABER, Alejandro F. Tortura, verdade, repressão e arqueologia. In: *Arqueologia da repressão e da resistência. América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)*. São Paulo: Annablume, 1980. pp. 161-168.
- HECKENBERGER, Michael & FRANCHETTO, Bruna (org.). *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguna na *longue durée*, 1000-2000 d.C. In: HECKENBERGER, M. & FRANCHETTO, B. (org.). *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. pp. 21-62.
- HOBOLD, Paulo. *A História de Araranguá*. Araranguá, 2005.
- JACOBUS, André Luiz. *Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas em estruturas funerárias*. Porto Alegre: PUCRS. (Monografia), 1994.
- JACQUES, C. C. *As Pessoas e as Coisas: Análise Espacial em Dois Sítios Arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS*. Porto Alegre. PUCRS. (Dissertação de mestrado), 2007.

- KLEIN, R. M. *Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.
- KNEIP, Andreas. O Povo da Lagoa. *Uso do SIG para Modelamento e Simulação na Área Arqueológica do Camacho*. São Paulo: MAE. (Tese de doutorado), 2004.
- KLOKLER, Daniela *Construindo ou Deixando um Sambaqui? Análise de Sedimentos de um Sambaqui do Litoral Meridional Brasileiro – Processos Formativos. Região de Laguna – SC*. São Paulo: MAE. (Dissertação de mestrado), 2001.
- Beatriz dos Santos. *Os Nandeva-Guarani e o Uso do Espaço na Terra Indígena Porto Lindo/Jakarey, Município de Japorã/MS*. Porto Alegre: PUC-RS. (Tese de Doutorado), 2005.
- LAVINA, Rodrigo & CALDARELLI, Solange B. *Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC*. Criciúma: UNESC, 1999. 192 p.
- LAVINA, Rodrigo. *Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraías (Trecho Morro dos Conventos – Lagoa dos Esteves)*. Criciúma: UNESC, 2000. 128 p.
- LEITE, Serafim S.I. *Novas Cartas Jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)*. São Paulo: Brasiliana V. 194, 1940.
- LINO, Jaisson Teixeira. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do rio Araranguá, Santa Catarina*. Porto Alegre: UFRGS. (Dissertação de mestrado), 2007.
- MACHADO, Ademir José. *Avançar, Adaptar e Permanecer: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio das Antas*. São Leopoldo: UNISINOS. (Dissertação de mestrado), 2008.
- McCORMAC, F. G.; HOGG, A. G.; BLACKWELL, P. G.; BUCK, C. E. HIGHAM, T. F. G.; REIMER, P. J. SHCal04. Southern hemisphere calibration 0-11.0 Cal kyr BP. *Radiocarbon*. V. 46, 2004. pp. 1087-1092.
- MELIÀ, Bartolomeu. *Educação e alfabetização indígena*. São Paulo: Ed. Loyola, 1979.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste. São Paulo: USP. (Dissertação de mestrado), 2008a.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, nº 18, 2008b. pp. 19-46.
- MILHEIRA, Rafael Guedes & ALVES, Aluisio Gomes. O sítio Guarani PT-03-Totó: uma abordagem cultural e sistêmica. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. nº1, jan-jul, 2009. pp. 15-42.
- MONTEIRO, John Manuel. “Os Guarani e a História do Índio Meridional, Séculos XVI-XVII.” In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- MONTICELLI, Gislene. *Vasilhas Cerâmicas Guarani: um resgate da memória entre os Mbyá*. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 1995.
- MONTICELLI, Gislene. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. *Boletim do Museu Paraense Emílio Göeldi, Ciências Humanas*, Belém, V. 2, nº. 1, jan-abr. 2007. pp. 105-115.
- MOI, Flávia Prado. *Os Xerente. Um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo: AnnaBlume, 2007.
- MORAES, Camila Azevedo de. *Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado), 2007.
- MORAIS, José Luis de. Arqueologia da Região Sudeste. *Revista da USP*. nº 44, 1999-2000. pp. 194-217.

- MORALES, Walter Fagundes. *12.000 anos de ocupação: Um estudo de Arqueologia Regional na Bacia do Córrego Água Fria, médio curso do Rio Tocantins*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2005.
- NEVES, Eduardo Góes. Twenty years of amazonian archaeology. *Antiquity*. Cambridge: University Press. V. 72, nº 277, 1998. pp. 625-632.
- NOELLI, Francisco Silva. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guaraní aplicada a uma área de domínio no delta do Jacuí – RS)*. Porto Alegre: PUC-RS. (Dissertação de mestrado), 1993.
- NOELLI, Francisco Silva. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão Pré-históricas dos Tupi. *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre: PUCRS. V. XX, nº 1, julho 1994. pp. 107-135.
- NOELLI, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*. V. 39, nº 2, 1996. pp. 7-54.
- NOELLI, Francisco Silva. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do Cepa*. V. 21, nº 26. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1997. pp. 113-131.
- NOELLI, Francisco Silva. The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. *Antiquity*. Cambridge: University Press. V. 72, nº 277, 1998. p. 648-663.
- NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. *Revista da USP*. São Paulo: USP. nº 44, 1999-2000. pp. 218-269.
- NOELLI, Francisco Silva. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do Cepa*. V. 21, nº 26. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1997. pp. 113-131.
- NOELLI, Francisco Silva. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*. V. LXIV, nº 230, janeiro-abril 2004.
- NOELLI, Francisco Silva & FERREIRA, Lúcio Menezes. A Perspectiva da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. V. 4, 2007. pp. 1239-1264.
- NOELLI, Francisco Silva & SOARES, André. Para uma história das epidemias entre os Guaraní. *Revista Diálogos*. Universidade Estadual de Maringá. V. 1, 1997. pp. 165-178.
- NOVASCO, Raul Viana & FARIAS, Deisi S. E. de. Mapeamento e identificação dos sítios arqueológicos cerâmicos do complexo lagunar sul de Santa Catarina – um enfoque nos sítios Guaraní. *IV Jornada Universitária de Iniciação Científica, UNISUL*, 2009. s/p.
- NELSON, M. Abandonment: conceptualization, representation and social change. In: SCHIFFER, M. (ed.) *Social Theory in Archaeology*. Salt Lake city: University of Utah Press, 2000.
- NOVAES, Silvia Caiuby (Org.). *Habitações Indígenas*. São Paulo: EDUSP, 1983.
- ORTON, C.; TYERS, P. & VINCE A. *Pottery in Archaeology*. London, University Press, Cambridge, 1993.
- PALLESTRINI, Luciana. “O Espaço Habitacional em Pré-História Brasileira”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série. V. XXV. São Paulo, 1978, pp.15-30.
- PALLESTRINI, Luciana & MORAIS, José Luis de. Prassévichus: aldeia pré-histórica no Município de Itaberá, SP. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série V. XXIX, 1984. pp. 151-167.

- PIAZZA, W. F. O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina). São Paulo. *Dédalo*. n° 2, dez. 1965. pp. 53-79.
- PIAZZA, W. F. Dados à arqueologia do litoral norte e planalto de Canoinhas. PRONAPA. Resultados preliminares do 5º ano. 1969 – 1970. In: *Publ. Avulsas do Museu Paraense Emílio Göeldi*, Belém, 1974. pp. 53-66.
- PIAZZA, W. F. & PROUS, André. Documents pour la prehistoire du Bresil Meridional. *Cahiers D'Archeologie D'Amerique du Sud*. Paris: Imprimerie Nationale. V. 4, 1977.
- PLOG, Stephen. Relative efficiencies of sampling techniques for archaeological surveys. In: FLANNERY, Kent (ed). *The Early Mesoamerican Village*. Londres: Academic Press, 1976. pp. 136-158
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1992.
- REDMAN, Charles. Multistage fieldwork and analytical techniques. *American Antiquity*. V. 38, n° 1, 1973. pp. 61-79.
- RENFREW, Colin & BAHN, Paul. *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. USA: Thames and Hudson ltd, 1991.
- ROBRAHN-GONZALEZ, E.M. *A Ocupação Pré-Colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: Os Grupos Ceramistas do Médio Curso*. São Paulo: USP. (Dissertação de mestrado), 1988.
- ROCHA, Francisco José da. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Typ. União de A. M. Coelho da Rocha & C., 1887. pp. 313-355.
- RODRIGUES, Jerônimo Pe.. A Missão dos Carijós – 1605-1607. In: LEITE, Serafim S.I. *Novas Cartas Jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)*. São Paulo: Brasiliana V. 194, 1940. pp. 196-246.
- ROGGE, Jairo Henrique. Função e Permanência em Assentamentos Litorâneos da Tradição Tupiguarani: Um Exemplo do Litoral Central do Rio Grande do Sul. *Anais do IX Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, 1997. s/p.
- ROGGE, Jairo Henrique. Assentamentos litorâneos da Tradição Tupiguarani: Projeto Quintão. *Revista do CEPA*. V. 23, n° 29. Santa Cruz do Sul: UNISC, jan/jun 1999. pp. 215-217.
- ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre Portadores das Tradições Cerâmicas Pré-históricas no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS. (Tese de doutorado), 2004.
- ROGGE, Jairo Henrique. O Material Cerâmico dos Sítios do Litoral Central. *Pesquisas*. n° 63. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. pp. 179-192.
- ROHR, João Alfredo. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do litoral sul-catarinense. *Pesquisas* 14, São Leopoldo, 1962.
- ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. *Pesquisas* 22, 1969. pp. 1-37.
- ROHR, João Alfredo. A pesquisa arqueológica no Estado de Santa Catarina. *Dédalo* 17/18, 1973. pp. 49-65.
- ROHR, João Alfredo. Pré-história da Laguna. In: CABRAL, Oswaldo Rodrigues. (coord.) *Santo Antonio dos Anjos da Laguna. Seus Valores Históricos e Humanos*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de SC, 1976. pp. 13-50.
- ROHR, João Alfredo. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*. V. 17, 1984. pp. 77-168.
- SACKET, J. R. "The meaning of style in archaeology: a general model". In: *American Antiquity*. V. 42, n° 3, 1977. pp. 369-380.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 [1985].

- SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. *A Arqueologia Guarani. Construção e Desconstrução da Identidade Indígena*. São Paulo: AnnaBlume, 2003.
- SCHIFFER, Michael B. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*. V. 37, nº 2, 1972. pp. 156-165.
- SCHIFFER, Michael B. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.
- SCHMITZ, P. I. (Org.). Pré-história do Rio Grande do Sul. *Documentos*. nº 5. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006 [1991].
- SCHMITZ, P. I. (Org.). A Ocupação Pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil”. *Pesquisas*. nº 63, 2006.
- SCHMITZ, P. I.; ARTUSI, L.; JACOBUS, A.; GAZZANEO, M.; ROGGE, J. H.; MARTIN, H. E.; BAUMHARDT, G. Uma Aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. Arqueologia do Rio Grande do Sul. *Documentos*. nº 4. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1990.
- SHAPIRO, Gary. Ceramic vessels, site permanence and group size: a mississippian example. *American Antiquity*. V. 49, nº 4, 1984. pp. 696-712.
- SHEPARD, A. O. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, 1985 [1956].
- SILVA, Fabiola. A. 2000. Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Assurini do Xingú. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, V. 24, nº. 32, jul/dez. 2000. pp. 59-110
- SILVA, Fabiola A.; BESPALÉZ, Eduardo; STUCHI, Francisco F.; POUGET, Frederic C. Arqueologia, Etnoarqueologia e História Indígena – um estudo sobre a trajetória de ocupação indígena em territórios do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: a terra indígena kayabi e a aldeia Lalima. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. nº. 17. São Paulo: USP, 2007. pp. 509-514.
- SILVA, Emanuely K; NOVASCO, Raul V.; FARIAS, Deisi S. E. de. Interpretando os sítios da tradição Tupiguarani de Jaguaruna. *Anais do VI Encontro da SAB-SUL*, 2008. s/p.
- PAULINO DA SILVA, Oswaldo. *Levantamento arqueológico da Rodovia SC-487. Trecho Laguna/Jaguaruna-SC*. Relatório final de pesquisa, 2004.
- SOARES, André Luis R. *Guarani. Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- SOARES, André Luis R. Arqueologia, história e etnografia: o denominador guarani. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB. nº 14-15, 2001-2002. pp. 97-114.
- SOARES, André Luis R. *Contribuição para a Arqueologia Guarani*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado), 2005.
- STADEN, Hans. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*. São Paulo: Martins Claret, 2007 [1557].
- TOMKA, Steve A. The ethnoarchaeology of site abandonment in an agro-pastoral context. *Anais do 54º congresso da SAA*. Atlanta, 1989. s/p.
- TRIGGER, Bruce G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004 [1989].
- ULYSSEIA, Ruben. *Panorama histórico da Laguna*. Porto Alegre: Gráfica Santa Terezinha Ltda, 1956.

- URBAN, Greg. On the geographical origins and dispersions of tupian languages. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*. V. 39, nº 2, 1996. pp. 61-104..
- VIDAL, Lux. O Espaço Habitado entre os Kaiapó-Xikrin (Jê) e os Parakanã (Tupi), do Médio Tocantins, Pará. In: NOVAES, Silvia Caiuby (Org.). *Habitações Indígenas*. São Paulo: EDUSP, 1983. pp. 77-102.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Comentários ao artigo de Francisco Noelli. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*. V. 39, nº 2, 1996. pp. 55-60.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2002.
- WATANABE, S.; TATUMI, S.; FARIAS, T. M. de B.; SOUZA, S. de O.; GENNARI, R. F.; KUNZLI, R.; FARIAS, D. S. E. de.; Testes de Confiabilidade dos Métodos de Datação por Termoluminescência (TL) e Luminescência Oticamente Estimulada (OSL). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, nº 15/16, 2005-2006. pp. 383-394.
- WILLEY, Gordon. *Prehistoric Settlement Patterns in the Virú Valley, Peru*. Bureau of American Ethnology Bulletin 155. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1953.
- WILLEY, Gordon R. The Virú Valley Project and Settlement Archaeology: Some Reminiscences and Contemporary Comments. In: BILLMAN, R. B. & FEINMAN, G. M. (ed.) *Settlement Pattern Studies in the Americas*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1999. pp. 9-11.
- WILLEY, Gordon R. & SABLOFF, Jeremy A. *A History of American Archaeology*. San Francisco: Freeman and Company ed., 1980.
- ZEDEÑO. M.I. Landscapes, land use, and the history of territory formation: an example from puebloan southwest. *Journal of archaeological method and theory*. V. 1, nº 4, 1997. p. 63-103.
- ZEDEÑO, Maria Nieves. On What People Make of Places. A Behavioral Cartography. In: SCHIFFER, Michael Brian. (ed.). *Social Theory in Archaeology*. Utah: University of Utah Press, 2000. pp. 97-111.

Anexo 01: Mapa publicado por Rohr (1969), em que constam os sítios arqueológicos do município de Jaguaruna. Aldeamentos Guarani (ícones quadrados) e sambaquis (ícones triangulares).

Anexo 02: Imagem de satélite (Base: Google Earth.) com a delimitação da Área Piloto da pesquisa e a localização dos sítios Guarani identificados (pontos em vermelho). Elaboração: Rafael Milheira.

Universidade do Estado de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE
Doutorando Rafael Guedes Milheira

Projeto

Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense:
história e território

Elaborado por: Raul Viana Novasco.
São Paulo, 2010.

Legenda de Solos
Este mapa foi produzido a partir da leitura do mapa de solos da Unidade de Planejamento Regional Litoral Sul Catarinense, Epagri (2002), segundo o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (1999). As classes de solo ocorrentes foram adaptadas à nomenclatura adotada pelo SBCS(1999).

ARGISSOLOS

4ª aproximação

PEa6 Podzólio Vermelho Escuro

PVa2

PVa3

PVa6

PVa7

PVa9

PVa10

PVa11

PVa12

PVa14

PVa15

PVd1 Podzólio Vermelho Amarelo

GLEISSOLOS

4ª aproximação

HGHe1 Glei Húmido

HGPa5

HGPa7

HGPd1 Glei Pouco Húmido

Afloramentos rochosos

Dunas

NEOSSOLOS

4ª aproximação

AMa4 Areia Quartzosa Marinha

AQd Areia Quartzosa

CAMBISSOLOS

4ª aproximação

Ca4

Ca6

Ca8

Ca14

Ca15

Ca17

Ca18

Ca24

Ca27

Ca38

Ca47

Ca51

Ca73

Cd4

Ce1 Cambissolo

ORGANOSSOLOS

4ª aproximação

HOa1

HOa2

HOa4 Solos Orgânicos

ESPODOSSOLOS

4ª aproximação

Pa2 Podzol

Sítios arqueológicos

● Sítios Guarani

01 - Arroio Corrente 01

02 - Arroio Corrente 02

03 - Arroio Corrente 03

04 - Arroio Corrente 04

05 - Arroio Corrente 05

06 - Arroio Corrente 06

07 - Campo Bom 04

08 - Campo Bom 05

09 - Jabuticabeira 04

10 - Jaguaruna 04

11 - Laranjal 01

12 - Laranjal 02

13 - Laranjal 03

14 - Laranjal 04

15 - Laranjal 05

16 - Laranjal 06

17 - Laranjal 07

18 - Morro Bonito 01

19 - Morro Bonito 02

20 - Morro Bonito 03

21 - Morro Bonito 04

22 - Morro Bonito 05

23 - Morro Bonito 06

24 - Morro Bonito 07

25 - Morro Bonito 08

26 - Morro Bonito 09

27 - Morro Bonito 10

28 - Olho d' água 01

29 - Olho d' água 02

30 - Olho d' água 03

31 - Olho d' água 04

32 - Riacho dos Franciscos 01

33 - Riacho dos Franciscos 02

34 - Riacho dos Franciscos 03

35 - Riachinho 02

36 - Riachinho 03

37 - Riachinho 04

38 - Riachinho 05

39 - Samae

40 - Sibelco (Unimim)

41 - Morro dos Encruzes

Projeção Universal Transversa de Mercator

Escala 1:110.000

Origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr,
Acrecidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.

Datum Horizontal: WGS 1984

Localização da região no Estado de Santa Catarina

Convenções cartográficas

- Lagoas
- Rios principais
- Rios e correios

Fontes

Mapa de solos digitalizado a partir do mapa de solos 1:250.000 da Epagri de 2002.

Base hidrográfica digitalizada a partir das cartas topográficas 1:50.000, DSG/IBGE.

Anexo 04: Mapa com a plotagem da rodovia SC-487 sobre base cartográfica do IBGE. As linhas vermelhas representam os limites da Área Diretamente Afetada (ADA) ao longo da estrada. Os pontos em preto são as sondagens realizadas na ADA, durante a etapa de prospecção. Os pontos em vermelho são os sítios conhecidos anteriormente na região e os pontos em verde são os sítios detectados pela nossa pesquisa.
Elaboração: Rafael Brandi.

Anexo 05: Gráfico de datações dos sítios Guarani escavados na Área Piloto da pesquisa (barras em vermelho) e datações dos sítios arqueológicos sambaquieiros (barras azuis) e concheiros Jê (barras em verde) da região da Paleolaguna de Santa Marta, indicando a faixa temporal entre 7200AP até 1420 AP para as ocupações sambaquieiras e 980AP até 560AP para os concheiros dos grupos Jê.

Anexo 06: Croqui de implantação do sítio Riacho dos Franciscos I

Projeto Estrada do Camacho SC-487 " Riacho dos Franciscos I "

Apoio Técnico:

Escala Original: 1:1000

Informações Cartográficas:
Sistema de Projeção UTM WGS84
Fuso 22 Meridiano Central 51
Escala: 1:1000

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA 1976
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA
DO CENTRO DA FOLHA

NM NQ NG

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA
CRESCERÁ ANUALMENTE
Usar somente os dados numéricos

Legenda

● Árvores	□ Edificações
* Cerca	▣ Quadrículas
↘ Drenagem	✕ Trincheira
≡ Estradas	○ Limite do Sambaqui

Anexo 08: Croqui de implantação do sítio Morro Bonito I

Projeto Estrada do Camacho SC-487
" Morro Bonito I "

Informações Cartográficas:
Sistema de Projeção UTM WGS84
Fuso 22 Meridiano Central 51
Escala: 1:1000

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA 1976
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA
DO CENTRO DA FOLHA

NQ
NG
NM

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA
CRESCERÁ ANUALMENTE
Usar somente os dados numéricos

Legenda

● Árvores	□ Edificações
* Cerca	▣ Quadriculas
↘ Drenagem	✕ Trincheira
≡ Estradas	○ Limite do Sambaqui

Anexo 10: Croqui de implantação do sítio Sibelco.

Projeto Estrada do Camacho SC-487 " Sibelco "

Apoio Técnico:

Escala Original: 1:2000

Informações Cartográficas:
Sistema de Projeção UTM WGS84
Fuso 22 Meridiano Central 51
Escala: 1:2000

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA 1976
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA
DO CENTRO DA FOLHA

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA
CRESCERÁ ANUALMENTE
Usar somente os dados numéricos

Legenda

● Árvores	□ Edificações
* Cerca	▣ Quadrículas
↘ Drenagem	✕ Trincheira
↗ Estradas	○ Limite do Sambaqui

Anexo 12: Croqui de implantação do sítio Laranjal I

Projeto Estrada do Camacho SC-487
" Laranjal I "

Escala Original: 1:1000

Informações Cartográficas:
Sistema de Projeção UTM WGS84
Fuso 22 Meridiano Central 51
Escala: 1:1000

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA 1976
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA
DO CENTRO DA FOLHA

NQ
NG
NM

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA
CRESCERÁ ANUALMENTE
Usar somente os dados numéricos

Legenda

● Árvores	□ Edificações
* Cerca	▣ Quadriculas
↘ Drenagem	✕ Trincheira
≡ Estradas	○ Limite do Sambaqui

Anexo 14: Croqui de implantação do sítio Morro Bonito II

Projeto Estrada do Camacho SC-487
" Morro Bonito II "

Informações Cartográficas:
Sistema de Projeção UTM WGS84
Fuso 22 Meridiano Central 51
Escala: 1:1000

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA 1976
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA
DO CENTRO DA FOLHA

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA
CRESCERÁ ANUALMENTE
Usar somente os dados numéricos

Legenda

● Árvores	□ Edificações
* Cerca	▣ Quadrículas
↘ Drenagem	✕ Trincheira
≡ Estradas	○ Limite do Sambaqui

Anexo 16: Croqui de implantação do sítio Morro Bonito III

Projeto Estrada do Camacho SC-487 " Morro Bonito III "

Apoio Técnico:

Escala Original: 1:1000

Informações Cartográficas:
Sistema de Projeção UTM WGS84
Fuso 22 Meridiano Central 51
Escala: 1:1000

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA 1976
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA
DO CENTRO DA FOLHA

A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA
CRESCERÁ ANUALMENTE
Usar somente os dados numéricos

Legenda

● Árvores	□ Edificações
* Cerca	▣ Quadrículas
↘ Drenagem	✕ Trincheira
≡ Estradas	○ Limite do Sambaqui

Anexo 18: Croqui de implantação do sítio Arroio Corrente V

Anexo 19: Croqui de implantação do sítio Olho D'água I

Vista aérea do sítio.
Note-se o forte impacto sofrido pela mineração

Vista geral do sítio, sentido norte-sul
Ao fundo observa-se a lagoa da Encantada

Legenda	
	Área de criação de gado
	Vegetação (gramíneas)
	Área de mineração
	Poços testes
	Pt's com cerâmica
	Cerca

Sítio Laranjal II
Croqui de implantação

Projeto:
Arqueologia Guarani na Paleolaguna de
Santa Marta: Sociologia, Espaço e Vida Aldeã

Elaboração:
Rafael Milheira e Raul Viana

Vista geral do sítio, sentido sul-norte
Observa-se o trabalho de sondagens

Anexo 20: Croqui de implantação do sítio Laranjal II

Anexo 21: Prancha de projeções de bordas e tipos decorativos do sítio Arroio Corrente V. Desenhos e fotos: Rafael Milheira

Anexo 22: prancha de projeções de bordas do sítio Morro Bonito I.
Desenhos: Rafael Milheira

Borda com tratamento plástico alisado

Borda com tratamento plástico alisado

Borda com tratamento plástico corrugado

Paredes com tratamento plástico ungulado

Borda com tratamento plástico inciso

Borda com tratamento plástico corrugado

Borda com tratamento plástico corrugado

Parede com tratamento plástico ungulado

Anexo 23: prancha de cerâmicas com tipos decorativos do sítio Morro Bonito I.
Fotos: Rafael Milheira

**Anexo 24: prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *ñaetá* (caçarolas) do sítio Morro Bonito II.
Desenhos: Luana Alves**

**Anexo 25: prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *yapepó* (panelas) do sítio Morro Bonito II.
Desenhos: Luana Alves**

Anexo 26: prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *Cambuchí Guaçú* (talhas) do sítio Morro Bonito II.

Desenhos: Luana Alves

Anexo 27: prancha de projeções de bordas de vasilhas do tipo *Cambuchí Caguãbá* (tigelas) do sítio Morro Bonito II. Desenhos: Luana Alves

Anexo 28: prancha de cerâmicas com tratamento de superfície comumente identificados na coleção do sítio Morro Bonito II. Fotos: Luana Alves

Anexo 29: Imagem de satélite da região do município de Pelotas-RS, demonstrando a Área Piloto de pesquisa, as unidades amostrais (quadrantes menores) e a localização dos sítios arqueológicos da Serra do Sudeste (com maior adensamento e distribuídos de maneira aglomerada) e da Laguna dos Patos (menor adensamento e distribuídos de maneira dispersa na região de praias), Adaptado de Milheira (2008).

Anexo 30: Mapa da região dos Lagos-RJ. Nota-se que a distribuição dos sítios arqueológicos das culturas Jê, Tupinambá e Sambaquis sugerem uma concorrência pelo espaço. Adaptado de Gaspar et al. (2007).

Anexo 31: tabela de sítios arqueológicos identificados na Área Piloto da pesquisa

SÍTIO	COORDENADAS	HÍDRICO PRÓXIMO	IMPLANTAÇÃO	ATIVIDADE REALIZADA	DATA (AP)	AMOSTRA	CONTEXTO
Jabuticabeira 4	22J 698064/6836589	Jaguaruna/1700m	planície/ 1m	escavação arqueológica/ salvamento	x	x	funerário
Morro dos Encruzos	22J 691910/6835037	Jaguaruna/2500m	Meia encosta/ 37 m.	corte estratigráfico para coleta de material para datação	2410±50 (C ¹⁴ - conchal)	conchas 25cm de profundidade	concheiro em meia encosta com presença de sepultamento associado a frag. de cerâmica Guarani.
Riacho dos Franciscos 1	22J 700003/6833329	Riachinho/500m	planície/ 5m	Coleta de superfície, sondagens e escavação em 2 manchas de terra preta	x	x	Manchas de terra preta que sugerem se tratar de habitações. Muitas concentrações de cerâmica e carvão associado a feições arqueológicas. Inclusive com uma estrutura de conchas
Riacho dos Franciscos 2	22J 700811/6833030	Riachinho/1400m	planície/ 6m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Riacho dos Franciscos 3	22J 700504/6832738	Riachinho/1250m	planície/ 3m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Morro Bonito 1	22J 609077/6833937	Riachinho/300m	planície/ 10m	Coleta de superfície, sondagens e escavação em 3 manchas de terra preta	520 ± 50 (C ¹⁴ - carvão)	quadra 957N nível 3 (20- 30cm)	Habitação. Muitas concentrações de cerâmica e carvão associado a feições arqueológicas
Morro Bonito 2	22J 697129/6833686	Jaguaruna/2000m	planície/ 16m	Coleta de superfície, sondagens e escavação de 3 manchas de terra preta	510 ± 40 (C ¹⁴ - carvão)	Área 2, Unidade 2, nível 3 (20- 30cm)	Fragmentos de cerâmica em superfície
Morro Bonito 3	22J 696340/ 6833244	Jaguaruna/1600m	planície/ 6m	Coleta de superfície, sondagens e escavação de mancha de terra preta	440 ± 40 (C ¹⁴ - carvão)	Trincheira 2. Sond 4. Nível 3 (20- 30cm)	Fragmentos de cerâmica em superfície
Morro Bonito 4	22J 698650/6834316	Riachinho/1100m	planície/ 11m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Morro Bonito 5	22J 698456/6833956	Riachinho/1100m	planície/ 5m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Morro Bonito 6	22J 698595/6834588	Riachinho/1240m	planície/ 4m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície

Morro Bonito 7	22J 697808/6834415	Riachinho/1870m	planície/ 10m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Morro Bonito 8	22J 0696050/6832600	Jaguaruna/2000m		diagnóstico	x	x	Manchas de terra preta, carvão e cerâmica
Morro Bonito 9	22J 697989/6832294	Riachinho/730m	planície/ 8m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica e mancha de terra preta que sugere se tratar de uma habitação
Morro Bonito 10	22J 697350/6833662	Riachinho/1900m	planície/ 10m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Samae	22J 702781/6832549	Lagoa da Garopaba/600m	planície/ 2m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Sibelco (Unimim)	22J 695611/6832335	Rio Jaguaruna/ 1600m	planície/ 13m	Coleta de superfície, sondagens e escavação em 1 mancha de terra preta	550 ± 60 (C ¹⁴ - carvão)	quadra 990N nível 3 (20-30cm)	Habitação. Muitas concentrações de cerâmica e carvão associado a feições arqueológicas
Laranjal 1	22J 701597/6832366	Lagoa da Encantada/500m	planície/ 6m	Coleta de superfície, sondagens e escavação em 1 mancha de terra preta	440 ± 40 (C ¹⁴ - carvão)	quadra 881E nível 3 (20-30cm)	Mancha de terra preta que sugere se tratar de uma habitação. Muitas concentrações de cerâmica e carvão associado a feições arqueológicas
Laranjal 2	22J 702185/6832251	Lagoa da Encantada/750m	planície/ 8m	Coleta de superfície e sondagens	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Laranjal 3	22J 700993/6832429	Lagoa da Encantada/950m	planície/ 6m	identificação	x	x	Fragmentos de cerâmica em superfície
Laranjal 4	22 J 699271 6829441	Lagoa da Encantada/2300m	planície/ 5m	identificação	x	x	relatos de terra preta e cerâmica. Sugere ser uma aldeia relacionada ao acampamento do Laranjal VI
Laranjal 5	22 J 699343/ 6829452	Lagoa da Encantada/1800m	planície/ 8m	identificação	x	x	encontrado um frag. de cerâmica. Sugere ser um acampamento anexo Laranjal IV
Laranjal 6	22 J 699507/6829595	Lagoa da Encantada/1600m	planície/ 5m	identificação	x	x	mancha de terra preta com lítico em superfície
Laranjal 7	22 J 695957/6828063	Lagoa do Laranjal/600m	planície/ 15m	identificação	x	x	mancha de terra preta com cerâmica em superfície
Arroio Corrente 1	22 J 693854/6826920	Lagoa Corrente/600m	planície/ 33m	Escavação de duas urnas funerárias	x	x	funerário
Arroio Corrente 2	22 J 693326/6827328	Lagoa Corrente/500m	planície/ 34m	identificação	x	x	relato de cerâmicas

Arroio Corrente 3	22 J 692699/6826787	Lagoa Corrente/500m	planície/ 29m	identificação	x	x	2 manchas de terra preta e cerâmicas em superfície
Arroio Corrente 4	22 J 69262/6825302	Lagoa Corrente/200m	planície/ 15m	identificação	x	x	2 manchas de terra preta e cerâmicas em superfície
Arroio Corrente 5	22 J 691901 6825308	Lagoa Corrente/150m	planície/ 21m	identificação	470 ± 40 (C ¹⁴ - carvão)	quadra 1000N/1000 E nível 4 (30-40cm)	Mancha de terra preta que sugere se tratar de uma habitação. Muitas concentrações de cerâmica e carvão associado a feições arqueológicas
Arroio Corrente 6	22 J 0693657/6825105	Lagoa Corrente/650m	planície/ 21m	identificação	x	x	cerâmicas dispersas no solo de dunas
Campo Bom 4	22 J 688393 6824414	Lagoa Bonita/600m	planície/ 30m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície
Campo Bom 5	22 J 686029 6825335	Lagoa Bonita/2000m	planície/ 30m	identificação	x	x	2 manchas de terra preta e cerâmicas em superfície
Riachinho 2	22 J 693486 6829626	Riachinho/250m	planície/ 18m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície
Riachinho 3	22 J 693663 6830145	Riachinho/250m	planície/ 16m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície
Riachinho 4	22 J 693422 6830444	Riachinho/650m	planície/ 18m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície
Riachinho 5	22 J 694050 6828647	Lagoa Corrente/2000m	planície/ 40m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície
Jaguaruna 4	22 J 692520 6832583	Rio Jaguaruna/700m	planície/ 15m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície
Olho D'água 1	22 J 675956 6813757	Rio Urussanga/50m	planície/ 3m	identificação	570 ± 40 (C ¹⁴ - carvão)	quadra 1000N/990E nível 3 (20-30cm)	Habitação. Muitas concentrações de cerâmica e carvão associado a feições arqueológicas
Olho D'água 2	22 J 678615 6816241	Rio Urussanga/3500m	planície/ 20m	identificação	x	x	urna funerária escavada pelo dono do terreno nos anos 1960. relato de terra preta e cacos de cerâmica
Olho D'água 3	22 J 680214 6817362	Rio Urussanga/5000m	planície/ 16m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície. Urna funerária escavada por um trabalhador da terra
Olho D'água 4	22 J 682657 6823373	Rio Urussanga/3800m	planície/ 13m	identificação	x	x	mancha de terra preta e cerâmica em superfície